

dous Reys, como disse S. Basilio no liuro do Spirito Santo.

Destá doutrina se inferê, que quando adoramos a Christo nosso Senhor. v.g. em sua imagem principalmente adoramos ao mesmo Christo por sua propria excellencia, & dignidade, & assi he verdadeira, & perfeitissima adoração de latría; & com a mesma, & não outra inferior adoramos a propria imagem de Christo, não só com acto exterior, que de sy não basta, mas tambem interior que leua a verdadeira intenção de adorar. A Igreja o mostra claramente, quando adorando a Cruz fala com ella como com o proprio Christo. *O Cruz, Ave spes unica. Hoc passionis tempore; auge pijs iustitiam; reisque dona veniam.* Salve ó Cruz unica esperança neste tempo da payxão sagrada, dá perdão aos culpados, acrescenta aos bõs virtudes. De modo que todo fundamento desta adoração, de que falamos he a excellencia, & dignidade de Christo, que a elle, & a sua imagem faz digna de honra, & adoração; a hum por sy, & por amor de sy; a imagem por amor de Christo, pelo respeito, & ordem que tem ao mesmo Christo, ao modo que asima dissemos, que a humanidade de Christo se adora com verdadeira latría com que se adora todo Christo, ainda que não seja latría por rezão da humanidade, mas da pessoa de Christo.

O que até aqui dissemos da adoração das imagens, igualmente se entêde de imagens proprias, qual he a humana em comparação de Christo, & das improprias, qual a de Cordeiro em comparação do mesmo Christo. De hũ Ancião coroadó com tres mitras em comparação de Deos, ou Padre Eterno; de Pomba pera representar o Spirito Santo; de mancebos com azas, os Anjos, &c. Porque ainda que não representem de sy naturalmête, com tudo se usão com publica authoridade, & imposição da Igreja pera significar seus obiectos, o q̃ basta pera se terê por cousas sagradas dignas de veneração, & serê adoradas pello respeito, & ordem q̃ tem por esta via pera as pessoas q̃ representão. O que também se ha de dizer de nomes sagrados pronunciados, ou escritos; em especial do nome de IESV, o qual propria, & verdadeiramente se ha de adorar por amor de Christo, a quem significa. Assi o quer S. Paulo escrevendo aos Philipenses. *In nomine IESV omne genua flexantur, coelestium, terrestrium, & infernorum;* & o uso da Igreja, que neste sentido he communmente recebido dos fieis.

Tratado vigesimo segundo

E ainda que no discurso desta doutrina toda pusemos principalmente exemplo em Christo nosso Senhor, & sua imagem; o mesmo se ha de entender da adoração dos santos em suas imagens, ou das imagens, em respeito dos santos, ainda que sua adoração seja inferior à de Christo.

CAPITULO XIII.

Da adoração das reliquias.

POR reliquias neste lugar entendemos não só corpos de santos, ou partes delles, mas vestidos, & cousas semelhantes de que usaram. As quaes primeiramente deuem conservar-se, & guardar-se com muita deuação, & reuerencia. Assim o ensina não somente a Fè Catholica, & tradição da Igreja, mas ainda o lume natural, suposto o bom conceito, & opinião dos santos. Na sagrada escriptura temos como os corpos dos Patriarchas Iacob, & Ioseph se guardaram, & sepultaram com muita veneração. E do corpo de Moyses he antiga tradição, como diz S. Epiphanius, que os proprios Anjos o sepultaram. E de S. Esteuão se diz nos actos dos Apostolos. *Curauerunt Stephanum viri timorati, & fecerunt planctum magnum super eum.* Embalsamaram o corpo de S. Esteuão homens tementes a Deos, & o sepultaram com grande pranto. O mesmo temos do uso da Igreja, & tradição antiga. Os corpos dos sagrados Apostolos S. Pedro, & S. Paulo foram trasladados das Catacumbas, para os lugares donde padeceram martyrio, para estarem com mais veneração. E S. Gregorio mandou a Raynha de França parte de seus corpos com aquiso, que tratasse com muita honra as sagradas reliquias. E Constantino Magno foi sepultado de seus filhos por honra, a porta do templo em que estauão com muita veneração as reliquias dos mesmos Apostolos que de Roma se trouxeram a Constantinopla, como diz S. Ioão Chrysost. Em Compostela de Galiza he celebre o Templo em que segundo a antiga, & prouada tradição, se guardão as reliquias do bemauenturado S. Tiago Mayor; & não só dos naturaes, mas de todo mundo são buscadas, & veneradas. Deixo outros muitos de que o mundo está cheo. A authoridade

Genes. 50.

Exod. 13.
Deuter. vlt.
Hercf. 9.

cap. 8.

Lib. 7. epist.
50.

Homil. 66.
ad Popul.

de santos antigos confirma a mesma verdade. S. Gregor. Nazian. D. Naziana,
 zeno na terceira oração, que he a primeira contra Iuliano, diz.
Sanctorum vel sola corpora idem profunt, quod anima sancta, siue
tangantur siue honorentur, quorum vel sola sanguinis gutta, atque
exigua passionis signa idem possunt, quod corpora; como se dissesse;
 he tal a virtude dos santos, que sô os corpos sem almas obrão
 maravilhas, como as proprias almas, ou os toquemos, ou somente
 adoremos; antes húa gota de seu sangue, hum pequeno instrum
 ento de seu martyrio faz milagres como o proprio corpo.

Deos o mostrou, quando por contacto dos ossos de Eliseo re- 4. Reg. 13.
 fuscitou hum morto; & na ley noua quando com as toalhas, & su-
 darios de S. Paulo tocados os enfermos *recedebant ab eis languo-*
res, & spiritus nequam egrediebantur. Ficauão livres de doen- Astor. 19.
 ças, & demonios, como se refere nos actos dos Apostolos. E o
 mesmo effeito fazia a sombra de S. Pedro, pera que entretanto
 deixe os innumeraueis milagres de que historias dos santos es- Astor. 5.
 tão cheas. Em fim a rezão propria o persuade; pois os corpos
 dos santos forão templos d'almas santas, hão de ser companhei-
 ros da gloria, & honra em que eternamente hão de viver. E co-
 mo he final de amor tratalos com reuerencia; assi acende o
 mesmo amor, & reuerencia, aqual se damos às imagēs, com mór
 rezão deuemos às reliquias, & corpos, pois tem mayor vnião, &
 combinação com os proprios santos; ainda que o modo, & ge-
 nero de adoração deue ser o mesmo, que das imagēs. E o que
 dellas dissemos em respeito do que representão se ha de dizer Lc. 11. 14.
 das reliquias em respeito de quem são; por onde com a mesma 1. Cor. 10. 16.
 adoração se ha de adorar santo, & suas reliquias, nem monta es-
 tarê separadas; pois cõ o entendimento as podemos fingir vni-
 das, & assi como honramos cõ húa sô adoração a S. Frâncisco,
 & seu habito, se o tiueramos presente; assi húa sô lhe deuemos
 tendo o habito presente, & elle ausente, pela combinação que
 entre sy tem como reliquia de santo em cuja santidade, & excel-
 lencia se funda toda esta adoração.

CAPITULO XV.

Da Adoração da Cruz.

TRes generos de cruzes podemos considerar. Primeira en-
 que

Tratado vigesimo segundo

que Christo nosso Senhor padeeço ; ou seja em forma de Cruz, ou não; o que tambem se deve entender, dos crauos, lança, columna, sepulcro ; pois tudo foi consagrado com sangue, ou toque de seu corpo. Segunda; qualquer figura da mesma Cruz, em materia permanente, & perduravel ; como são as que se laurão de pão, pedra, prata, tintas ; & ainda de ramos, & flores. Terceira, que se forma com cerimonia sucessiua, & transeunte, como são aquellas com que nos perfinamos.

Quanto á primeira, verdade he de fê que se ha de adorar o lenho da Cruz em que o Senhor esteue, crauos, espinhos, & mais reliquias de Christo; pois são armas com que em o mesmo Christo alcançamos vitoria contra nossos inimigos. E a Cruz particularmente foi como altar sagrado, em que este sumo sacerdote offerenceo o sacrificio cruento de seu corpo, caminho, & porta por onde entrou, & chegou sua gloriosa exaltação, Nao altera, em que passada as ondas do mar tempestuoso da payxão tomou cõ seus predestinados o porto da gloria. Em fim reliquia, que elle com o tacto de seu corpo consagrou, que he a principal razão das excellencias porque a Cruz ha de ser adorada cõ adoração de perfeita latria com que adoramos o mesmo Christo; porque a imaginamos como junta, & vnida ao mesmo Christo, conforme ao que acima dissemos da adoração das reliquias em geral. E o mesmo se ha de dizer dos crauos, & espinhos, & mais reliquias de Christo nosso Senhor, conforme a doutrina de S.

Epist. 17, ad Ieronymo. *Quotiescumque sepulchrum Christi ingredimur, latere in sinu eius cernimus Salvatorem.* Com olhos da alma vemos enuolto no santo sudário a Christo todas as vezes, que entramos no sepulcro.

O segundo modo de Cruz he como imagẽ de Christo crucificado, & como tal deve ser venerada, & hórada, como sempre foi uso da Igreja; & a fim das terras onde de nouo se prega o Evangelho, o principal fim do ser acabada a idolatria, & introduzida a Fê de Christo nosso Senhor he a Cruz adorada. Assim fez Constantino Imperador, q̃ em recebêdo a Fê logo mudou as aguias, & insignias das bandeiras Romanas em o sinal da santa Cruz, a qual tambẽ lhe appareceo no alto do Céo asseguradoo da vitoria contra Maxencio, & assi pôs sobre a cabeça. E se as historias ecclesiasticas se ha de dar credito, ha mais de mil, & duzêtos annos,

nos, q se introduzio em algúas partes, leuar nas procissões publicas a Cruz entre tochas acêfas. Deixo figuras que não sô na sagrada Escritura, mas entre gentios ouue da Cruz antes da paixão de Christo. Basta que no vltimo dia virá diante de Christo juiz este sagrado estendarte, que S. Chrysost diz será mais resplandecente, que o sol, & Vvaldense, que será a mesma em que Christo padeceo, & não imagem somente sua.

Dõnde se colhe segundo a doutrina, que até agora se declarou, que a Cruz ou tenha em sy imagem de Christo, ou não, ha de ser adorada com adoração de latría, que principal, & primeiramente respeite a Christo, de volta a mesma Cruz aqual não somente representa a Cruz verdadeira em que morreo Christo, mas o mesmo Christo por modo de Cruz estendido, & crucificado, que he o fundamento porque sempre adoramos a Cruz em qualquer lugar, & occasião, que se offerece; não así cravos, lanças, espinhos, &c. Porque não são imagens de Christo; & pella mesma causa sem escrupulo vsão os Christãos de cravos, lanças pera vsos profanos; não así da Cruz que sempre tem vfo religioso, & sagrado.

Hômil. 87.
apud. Mat.
Tom. 3.º de
sacramental.
cap. 158.

O terceiro modo de Cruz por muitas causas he santo, & proveitoso, como temos de Fê. Primeira causa; porque com ella professamos a verdade da Fê Christã, & as virtudes que com seu toque nos santificão, & defendem. Segunda pello lustre, & graça que dá a todos sacramentos, em cuja administração sempre entra. Terceira, por efficácia, & força que tem contra demonios, como diz S. Chrysost. *Crucem fronti imprime; sic enim nec ipse diabolus ledere poterit.* Fazei na testa o sinal da Cruz, se quereis ficar liure do inimigo, como succedeo ao proprio Iuliano Apóstata, que vendose assombrado dos demonios sem o querer fez por costume antigo o sinal da Cruz, & ficou liure. Dõnde se vê que a força da Cruz não vem tanto dos merecimentos, & dedicação nossa, quanto da gloria, & merecimentos de Christo, de que são forçados os inimigos infernaes fugir, & tremer; nem fogem sô porque a aborrecem, como dizião os gentios antigamente; mas por isso a aborrecem, porque sentem, & experimentão sua virtude, como elegantemente disse S. Agostinho. Quarta causa, porque tem força pera alcançar algúas cousas de Deos. Não sô a Cruz; mas sua figura, como aconteeo a Moyses, que em quãto

Hômil. 113.
ad popul.

Lañ. Lib. 4.
de vera sap.
li. 83. quãt.
791

tinha

Tratado vigesimo segundo

Exod. 17.

Epist. 22. ad
Eustoch.

tinha estendidas, & leuantadas as mãos ao Ceo o pouo veneia
seus inimigos, como interpreta S. Chrysostom. & S. Agostinho.
Donde disse S. Marcial. *Crucem semper mente, ore, & signo tenete;*
Crux enim Domini armatura nostra est. Quinta, esforce as
obras, que fazemos, dà alento a nossas acções, como experimē-
tão communmente os fieis. Donde disse S. Hieron. *Ad omnem*
actum, ad omnem incessum, manus porrigat Crucem. Sexta, tem
cifrados em sy todos os proueitos que se achão nas imagens;
conserua a memoria da payxão de Christo; he final da confian-
ça que nelle temos; mostra animo lembrado, & agra decido a
tão alto beneficio; honra quem com ella se persigna, pois se pre-
za, & gloria dos oprobrios, & afrontas que Christo na Cruz pa-
deceo. Donde se infere que a Cruz nesta forma tambem deue
ser adorada pois tem vso santo, & significação sagrada. Nem
monta ser transeunte, pois figura, & significação he a mesma. E
assi o que das imagens, & nomes sagrados dissemos della igual-
mente se ha de dizer, & entender.

CAPITULO XVI

Da adoração da Virgem Maria nossa Senhora.

DE proposito deixamos pera o fim deste tratado a adora-
ção, & veneração da Virgem Maria nossa Senhora; pera
que á vista do fundamento dos mais santos de que tratamos
auultem, & resplandecão as excellencias da Virgem, & por con-
seguinte a nobreza da adoração, que sobre todos a ella se deue;
o que he de Fè, & definido no Còcilio Tridentino; Deixase tam-
bém ver esta verdade da antiguidade desta adoração; pois com
muito fundamento podemos affirmar, que a Senhora ja do prin-
cipio do mundo, não sendo ainda no mundo era venerada, &
adorada assi da Igreja militante, como triumphante; porque se
he assi que os Anjos, ou por se antes que fossem bemaentura-
dos, ou por visão beatifica depois de verem a Deos logo conbe-
ceram a Christo Rey, & cabeça sua; como he possivel não ve-
orem juntamente a Virgem mãy de que auia de tomar carne hu-
mana?

mana? He o conhecimento dos bemaumentados perfeitissimo, & clarissimo; pois se os Doutores todos confessão, que com elle conheceram os Anjos o altissimo mysterio da Encarnação do Filho de Deos, obrigados são a confessar, que tambem conheceram a mãy do Filho de Deos; porque se em quanto Deos he Filho de Deos; em quanto homem he Filho da Virgem Maria; em especial, porque este conhecimento he muito deuído a seu estado; pois a Virgem por toda a eternidade auia de ser Senhora, & Raynha sua: & se he certo, que os Anjos oje na essencia diuina vem a Virgem, sem duuida tambem em principio do mundo a viram; pois a visão dos bemaumentados, sempre he a mesma, & não se muda. Vindo pois a nosso intento se do conhecimento de Christo se inferre bem o conhecimento da Virgem; da honra, & veneração de Christo se pode tambem inferir a honra, & veneração da Virgem. Certo he, que os Anjos em vendo a Christo, como dissemos, logo o adoraram; que porisso São Paulo falando dellos Hebreos disse. *Et cum iterum introducit primogenitum in orbem terra, dicit; & adorent eum omnes Angeli Dei.* Como se disse. Deos que no principio do mundo, quando criou os Anjos mandou que adorassem a Christo verdadeiro Deos, & homem reuelado; quando na realidade encarnou do ventre da Virgem Maria, outra vez mandou, que na quella forma, & circumstancias o tornassem a adorar. O mesmo pois se ha de dizer da Virgem, logo que foi dos Anjos por mãy de Deos, & Senhora do mundo conhecida por tal tambem foi adorada. *Decet* (diz Damasceno) *Dei matrem, ea que filij sunt possidere, & ab omnibus adorari.* Não se ha de negar a Virgem o que o Filho possui, de todos merece ser adorada; como sem duuida foi; não só dos Anjos, mas da Igreja militante da terra; em especial dos Profetas, Patriarchas, & santos, que forão do principio do mundo até a vinda de Christo, dos quaes como por reuelação foi conhecida, foi tambem reuerenciada, & honrada, que porisso lhe chama Andre Creten- se aluo, & cifra de profecias. São Bernardo, milagre mysterioso das figuras antigas. Creceo este conhecimento, & reuerencia com sua vista, quando em fim appareceo na terra, como consta de historias antigas, & das Epistolas de santo Inacio pera

cap. 1.

Orat. 1. de
Natiu.

de Assumpt.

serm. Missus
est.

Tratado vigesimo segundo

o Evangelista, que por brevidade deixo. Ainda que a gloriosa Assumpção, & sobida ao Céo tirou a Virgem Maria dos olhos, & vista dos fies não a tirou do coração, & deução, como consta primeiramente da tradição da Igreja, que sempre do tempo dos Apostolos até oje a vai honrrando, & venerando com particular culto, & reuerencia, o que se deixa primeiramente bem ver das festas particulares, que á sua honra são dedicadas; em as quaes tem o primeiro lugar a Annunciação, que segundo o Concilio Toleranó, & a authoridade de S. Leão Papa, & santo Athanasio parece instituiram os Apostolos, pera que entretanto deixe de me ajudar da antiguidade de santo Agostinho, que ha mais de mil annos floreceo, & já então pregaua nesta festa. A segunda he a Purificação, em que já em seus tempos pregauão Sam Chrysostomo, S. Gregorio Nysseno, & Cyrillo Alexandrino. A terceira, Assumpção de que tambem S. Athanasio faz menção. Quarta, Nascimento.

A estas quatro festas que são as principaes, & mais antigas acrescentou a Igreja, outras menos principaes; así por ordem, a quinta, he das Neves, que começou ha mil, & duzentos annos em tempo de Liberio Papa, por diuina reuelação, como consta de sua Cronica; da tradição antiga, & Templo sumptuoso, que ainda oje em Roma está celebrado. Sexta, Visitação, que em tempo de Urbano Papa ha dozentos annos a Igreja Romana instituiu. Setima, Conceição, que os Gregos começaram celebrar ha mil annos; & a Igreja Romana ha quinhentos annos, como se tira das Epistolas de São Bernardo, & de hũa Epistola de santo Anselmo pera os Bispos de Inglaterra; na qual diz que não he verdadeiro deuoto da Virgem o que não celebra esta festa. Oitaua, Apresentação no Templo, que começou ha quinhentos, & quarenta annos em tempo do Papa Celestino II. & foi ordenada a toda a Igreja de nouo por Xisto V.

Oito festas (como notou santo Antonino) celebra a Igreja á honra de Deos, nosso Senhor. Trindade, Pentecoste, Natal, Circumcisão, Epiphania, Pascoa de Resurreição, Ascensão, Corpo de Deos. Pois se he rezão, como asima dissemos de S. doão Damasceno, que as honras se comuniquem do Filho á mãy e outras oito festas era bem, que a Igreja celebrasse á honra

ra da Virgem, como apontamos. Pera que entretanto não falemos de muitas, que Igrejas particulares celebrão conforme sua deução; como he nossa Senhora do O. em toda Espanha; ha noucentos annos, & sua descensão, quando trouxe a casula a São Ilesonso na Igreja de Toledo, as quaes ambas serão confirmadas por Gregorio XII I. o que também se confirma com a deução do sabado, que em toda a Igreja he dedicado a Virgem nossa Senhora; & teue principio segundo tradição do Concilio Claramontano em tempo de Urbano I I. ha quinhentos annos. Deixo os muitos templos, que por sua antiguidade, religião Christã, & milagres mostrão bem, quam devida he esta adoração a Virgem, a honra que della redundã a Deos; & proueito a toda a Igreja.

Por tres causas particularmente podemos adorar a Virgem. Primeira, por ser reliquia sagrada de Christo. Se a Cruz, como a fima dissemos por este titulo merece veneração por q̃ foi tocada de Christo, & foi instrumento de nossa redenção, achandose illo mais perfeitamente na Virgem, pois por mais diuino modo tocou a Christo, & cooperou pera nossa saluação, como não merecêrã cõ mais rezão ser adorada, & venerada; assi o sente S. Thomas, Caiet. & Doutores comumente; & o entendem da perfeitissima adoração de latria, que respeita primeiramente a Christo, donde nace todo fundamento desta adoração; de modo q̃ principalmente adoremos a Christo; & de volta a Virgem; como dissemos da adoração da Cruz, imagens, reliquias do mesmo Christo. Aqual doutrina, ainda q̃ seja verdadeira, & se possa vsar de pessoas intelligêtes, em particular onde não corre perigo, escandalo, ou erro; não assi em ceremonias publicas da Igreja. Porque esta differença ha entre criaturas racionais, & as demais; que as racionais são capazes de adoração propria, & limitada a ellas mesmas por algũa excellencia, & perfeição sobrenatural que nellas se ache; dandose pois a ellas adoração de latria em publico ainda que seja com respeito principal a Deos; claramente se dá occasião a ignorantes, & menos versados nestes respeito, & intenções de attribuirem a criatura so que he proprio de Deos; por onde nem homẽs em geral, por serem imagens de Deos, nem tantos por serẽ tẽplos do mesmo Deos hão de ser adorados cõ adoração de latria, por mais, q̃ leue o respeito principal.

pal, & ultimado a Deos, o que não corre nas mais criaturas irracionais, & insensíveis; pois não são capazes de excellencia propria digna de adoração.

Vindo pois a Virgem Maria Senhora nossa por este fundamento se lha de dar com tanto mór cautela esta adoração de lairia: quanto por seus singulares doês aventajada excellencia, & santidade, corre mais risco de ser tida por Deos da gente ignorante, & idiota; antes em publico de nenhum modo se ha de vsar, como em effeito se não vfa, pois o culto exterior com que a Igreja a venera não he bater nos peitos, que só se faz a Deos.

Segunda causa porque a Virgem deve ser adorada he a santidade intrinseca, & virtudes singulares, de que sua alma santissima he dotada. He este fundamento comum a todos os santos, como a si ma dissemos ainda que na Virgem se acha em mais alto grao, & mais sobida perfeição.

Tercceira causa he dignidade singular da mãy de Deos; a qual he differente da dignidade da graça, & santidade, & de quilate mais sobido, & leuantado, pois alem do respeito, parentesco, & obrigação natural de mãy pera filho traz consigo inseparavel a mesma dignidade de graça, & santidade; & assi o mesmo he dizer mãy de Deos, que mãy ornada de santidade, & graça necessaria a mãy de Deos. Da adoração devida por este titulo falou sem duvida a mesma Virgem nossa Senhora quando no Cantico da Magnificat disse. *Ex hoc beatam me dicent omnes generationes*.

Donde podemos subir, & estender mais este titulo de adoração pera mayor hórta da propria Virgem; pois pello mesmo caso, que he mãy de Deos tem especial direito, & dominio sobre as criaturas todas; & ellas todas particular obrigação de soceição, & respeito como a Senhora sua. Disseo santo Athanasio por estas palauras. *Quia ipse Rex est, & Dominus, mater, que cum genuit & Regina, & Domina verè censetur*. Como se dissera; basta ser hua mãy de Rey, pera ficar com titulo de Raynha, & ser reuerenciada abaixo do Rey; pois basta ser a Virgem nossa Senhora mãy de Deos pera ficar por este parentesco, & liança com dominio, & reuerencia das criaturas abaixo de Deos: quanto mais que os homens a deuemos por outro titulo, que he de

D. Thom. 2.
2. q. 103. art.
4. ad 2.
Luc. 1.

serm. de sanctis.
Deipara.

de ajudadora, & cooperadora de nossa salvação; como Christo por nos remir alcançou particular título de Rey, & Senhor nosso; assi a Virgem de Raynha pello particular concurso que teve pera nossa redenção, dando a seu vnigenito Filho sua propria sustancia, offerecendoo voluntariamente pera a morte; desejando, pedindo, procurando com particular cuidado nossa salvação; & assi merece toda reuerencia, & honra sobre todas as criaturas abaixo de Deos, de modo, que não seja adorada com adoração de latría, nem idulia, como santos ordinarios; mas hyperdulia como santa dos santos. Esperança vnica de peccadores, como lhe chama santo Agostinho, gozo, saúde, paz do mundo, como S. Bernardo. Em fim máy de Deos, como Céo, & terra a reconhece. E assi temos rematado a materia da virtude da adoração. Resta mostrar com exemplos praticos o que até aqui se declarou.

D. Ang.

D. Bern.

¶ *Exemplo pratico da adoração interior feita a*

Deos nosso Senhor.

O Diuindade summa, ô suprema excelencia a vós adoro com todas as forças de minha alma; diante de tão grande magestade tremo, & temo, encolhendo com os serafins as azas de meus affeitos, reuerenciando, respeito respeitando, reuerenço vossa excelencia, & diuinissima bondade. Estou corrido não ousou apparecer diante de vosso poder, & santidade. Com admiração, & reuerencia offereço prostradas diante de vós as potencias de minha alma, entendimento, & vontade, com todos os actos santos, & virtuosos, que podem exercitar. O acto da Fè com que me catiuo a crer, o que não vejo, & vós me reuelastes, tomo eu Senhor por final da fogueição com que vos adoro pellas proprias grandezas, que de vós creio. O que em vós ô excellentissimo Rey reconheço de poder bondade, sabedoria, seja a inclinação da alma com que professo, respeito, & reuerencia, que vos deuo. Os desejos com que suspiro, espero alcançar a bemaventurança, que me prometestes sejam as azas com que diante de vós estou ádequando, & adorando. O ardente amor com que vos amo como supremo principio, & fim meu,

feição dos braços interiores, que a vós leuanto, as palmas que diante de vós estou batendo, como quem amando adora, & adorando ama. O acto da obediencia com que quero cumprir os preceitos, que vós Senhor, & meus superiores me dão he a cabeça da alma inclinada, que abaixo diante de vós juntamente comprindo o que mandais, & reuerenciando a vós que o mandais. A paciencia com que me fogeito a soffrer injurias do proximo por amor de vós, quero eu que seja adoração com que me fogeito a vossa bondade, por quem as padeço, humilhandome aos mayores, menores, iguaes, pera mortificar o appetite da honra me humilho, & fogeito a vós Senhor, pera professar vosso culto, & honra. Não aja acto em meu entendimento de prudencia, de doês sobrenaturaes; não aja affeito na vontade de iusticia, Fortaleza, Temperança, & graças diuinas, que não seja juntamente hũa continua adoração de vossas excellencias, & grandezas diante das quaes por toda a eternidade viuirei fogeito, & humilhado.

Exemplo pratico da adoração exterior exercitada na oração pera com Christo, & santos em pessoa do proprio que era.

DEixados vestidos ricos com que até agora pretendi como idolatra mundano adorar, & hoarar criaturas, vestido de sacco, cingido de cilicio, cabeça descuberta, a pé, & descalço vou Senhor caminhando em peregrinação a vossos lugares santos de Ierusalem. O santo presepio primeiro berço de meu Senhor Iesu Christo feito minino, com os santos Reys me ajoelho diante de ti; beijo essas palhas esse feno em que a Virgem mãy o reclinou; aqui inclinado onde elle naceo quero morrer. O horto de Gethsemani regado com o sangue do bom IESV, em ti com elle prostrado por terra me prostro; & abaixando minha cabeça adoro o Padre eterno, que elle posto em suas mãos adorou. O sangue precioso que cahindo em Gethsemani primeiro em gotas como rio caudeloso na casa de Pilatos estas correndo de joelhos com muita reuerencia te tomo em minhas mãos ponho sobre meus olhos, toco com meus beijos, & meto em meu coração. O bom IESV assi coroado d'espinhos, e carne:

carnecido com purpura, afrontado com cetro de cana vos re-
conheço; & adoro por Rey não só de Iudeos, mas de todo o
mundo; & pois na lastimosa procissão da rua da margura vos
não acompanho com insignia de Cruz, que leuais, ao menos
diante de vós ajoelhado com o peso do sagrado madeiro, me
ajoelho, & com reuerencia enxugo com toalha como a santa
Veronica o suor do sangue de vosso rosto. Antes que no Cal-
uário vos leuante em alto, quero beijar esses pés, & mãos en-
craçadas, com esse peito desconjuntado quero juntar meu
rosto, & abraçarme com vossa Cruz. E pois criaturas insensueis
da maneira que podem vos adorão, & reconhecem desconhe-
cido do mundo aqui diante de vós espirando a força de tor-
mentos me visto de luto com o sol; ralgo meus vestidos com
o veio do templo; estremeço com a terra: bato em meu peito
com as pedras duras, com alma, & corpo vos adoro por Filho
de Deos. O sepulcro amoroso em que esteu lançado tres dias
meu Senhor morto, aqui toda a vida quero viuer lançado, &
prostrado diante de ti, deixame tocar, & beijar ao menos essas
sagradas toalhas, & santo sudário, pois já em ti não tês o que
nellas estaua enuolto.

Voltemos alma minha pera remate de nossa peregrinação
ao monte Oliuete onde o Senhor rematou a sua. Aqui o bom
IESV, posto de joelhos, mãos levantadas quero primeiramen-
te adorar, & beijar o lugar onde vltimamente estijuerão vossos
pés, as pegadas, que deixaram impressas, & pera honrar, & vene-
rar da maneira que posso vossa sagrada Ascensão como o instru-
mento nas mãos; toco com a destreza que posso as cordas, le-
uanto minha voz, entoando cõ jubilo de alegria. *Ascendit Deus
in iubilatione, Alleluya; & Dominus in voce tubæ, Alleluya.*

Exemplo pratico da adoração extrinseca exercitada

na oração em pessoa d'outros pera com a

Virgem nossa Senhora,

O Sacerdotes, o Pontifices dedicados ao culto diuino apa-
recei reuestidos de ornamentos sagrados, & ricos de vos-
sos Pontificaes diante da mãy do sumo Pontifice, & Sacerdote
grande do mundo. Inclinaí os bagos de ouro, & prata diante

Cant. 3.

da Raynha, que tem o cetro do Ceo, & terra incensai, com vossos thuribulos a que ao alto como puereto vai sobindo, & recendendo. Soem os orgãos, frautas, & instrumentos musicos; repiquem sinos; entoem de parte a parte os coros ordenados louvores da mãe de Deos. Ornai ministros da Igreja as paredes do Templo da Virgem de rica tapeçeria. Os altares de ornamentos sagrados, espalhai flores; burrifai o proprio ar de agoas estiladas, & cheirosas a honra da flor das flores do fermoso ramalhete de virtudes.

O que gozo, & alegria sinto Virgem Senhora em minha alma quando vejo Reys da terra, de China, Persia, India, Espanha, França, Alemanha com todo ornato de suas riquezas, & aparato de suas cortes prostrados diante de vós Raynha sua; lançando coroas, diademas, cetros, & insignias de seus reynos diante de vossos altares, professando de joelhos, com mãos levantadas vassalagem a vós mayor Senhora, que elles. O que tristeza, & sentimento pello contrario he o meu de ver tantos Reys, & Senhores infiers nas trevas de suas idolatrias adorar paos, pedras, sol, & lua, estrelas; deixando a vós escolhida sobre o sol; mais resplandecente que a lua, mais fermosa que as estrelas.

Ora com tudo Senhora vos alegrai pello muitos deuotos, que no mundo tendes. Olhai pera os esquadroes de soldados, que a vossa honra vem entrando. Pera vós se põem em fileiras, voltão em caracões, desparão, jogão, gritão a som de pífaros, & tambores. As bandeiras ondeando a vós vão adorando; a vós se abatem os piques, reluzem as armas; da fermosa vista de sy a soldadesca da terra. Mouidos da grandeza de vossa fermosura deixão os barbaros sua fereza, & com suas frechas, & arcos Turquescos com saltos, gritos a seu uso vos professão por Raynha, & Senhora sua. En entretanto enchejando o que não posso, & desejo, dentro em meu coração, cifrando

toda a honra que o mundo vos dá vos adoro, reuerençeo por Senhora minha pera sempre,

Amen.

(*)

TRATA

TRATADO XXIII.

Da virtude do louuor.



Esta virtude destinguio santo Ambrosio no liuro dos Sacramentos da acção de graças ; onde diz , que o louuor de Deos se pode fazer de dous modos : ou engrandecendo suas perfeições, ou seus beneficios recebidos; & como ja dissemos deste no tratado de acção de graças . Resta dizer do primeiro , que propriamente se chama louuor.

Lib. 6. cap. 50

CAPITULO I.

Da definição do louuor, & celebridade da virtude do louuor.

HE louuor a setima especie de religião, virtude que tem por officio engrandecer, & celebrar excellencias, & perfeições de Deos, & santos, tão agradavel a Deos, que ainda em criaturas irracionais, & insensiveis, quer pera sua honra, & gloria ouvesse algum rasto della . Que isto quer o Profeta David no Psalmo 18. *Celi enarrant gloriam Dei, & opera manuum eius annuntiat firmamentum* . Como se dissesse . Todas as criaturas, ainda insensiveis, da maneira que podem, fazem por engrandecer, & louvar seu criador. Mas os Ceos com sua grandeza, o firmamento com sua fermosura; os dias com serenidade de luz ; as noites com suas trevas, & estrelas, manifestão melhor suas grandezas. Isto sem o entender pretendem as aves com seus cantos; flores com a suavidade do cheiro, variedade de cores; rios com suas correntes; campos com fertilidade de frutos . Disse o mesmo Profeta Psalmo 64. *Campi tui replebuntur ubertate. Pinguescent speciosa deserti; & exultatione colles accingentur. Induti sunt arietes ouium; valles abundabunt frumento clamabunt etenim*

Tratado vigesimoterceiro

et enim hymnum dicant. Abundancia dos campos, fartura dos vales, fermosura dos montes, a graça dos desertos, são hum hymno continuo dos louvores de Deos. Como a coros em competência se poem de hũa parte os prados com suas flores, & rosas vestidas de festa; de outra, as searas com seus trigos como inclinados com o toque do brando vento a entoar o poder, sabedoria, & bondade de Deos. Pois assi he. *Obaudite me diuini fructus*, clama a Sabedoria, & *quasi rosa plantata super riuos aquarum fructificate*. *Quasi libanus odorem suauitatis habete*, *florere flores quasi lilium*, & *date odorem*, & *frondete in gratiam*, & *collaudate canticum*, & *benedicite Dominum in operibus suis*. Que he o mesmo que dizer. O almas racionais, plantas diuinis, diuinis frutos celestiaes, não fiquéis abaixo dos terrenos. Como rosas plantadas junto das correntes dos benefícios diuinis abri as folhas de vossos beijos pera o Ceo, engrandecendo ao Criador, como monte Libano, rico de variedade de flores, vos leuantai ao alto, & lançaí diante do conspecto diuino a suauidade, & cheiro de seus louvores. Como açucenas branqueadas co a pureza da consciencia, dai vista do ouro do amor, que em vós tendes, apregoando as grandezas do autor do mundo. E pois acabadas as inuernadas dos pecados, ja reponta na oração a Primavera da charidade celestial, sahi com folhas, & verdara de jubilos, canticos, & louuor diuino.

Com o mesmo affeito nós excita o Profeta David. *Laudate Dominum; quoniam bonus est psalmus*, Deo nostro sit incunda, *decoraque laudatio*. Empregai potências, & sentidos em louuor de Deos, que he virtude, que redunde em proveito vosso, & redundará em gloria, & gosto de Deos, se tiver a fermosura, & ornato de virtudes que pede. Se Deos se recrea com oblações, & sacrificios, como cheiro suauissimo que sobe da terra ao Ceo, como se não recreará com louuor, que he sacrificio de sacrificios, como elle mesmo diz. *Sacrificium laudis honorificabit me* Sacrificio em que se acha toda a riqueza spiritual de Fè, Esperança, Charidade, deuação, humilidade, & graça diuina.

(†)

CAP.

CAPITULO II.

Dos interesses do louuor.

DO dito se deixão bem ver os interesses do louuor de Deos; dos quaes o primeiro, he premio: Se Christo Senhor nosso promete premio a quem pede na oração, pella honra que lhe dà em pedir, com quãta mais rezão o dará a quem o louua, pois he mais alto modo de honra? Segundo, apartamento de cousas terrenas, pera as celestiaes, o que tambem experimentão almas versadas neste santo exercicio. Terceiro, consolação, doçura da alma. Não ha cousa mais suauê, & doce ao que ama, que gastar o tempo em louuores do amado. Quarto, meya bemaumenturãça, ainda em carne mortal parece viemos ja entre Anjos, & bemaumenturados. Disseo S. Bernardo. *Nihil ita proprie quendam representat in terris celestis habitationis statum, sicut alacritas laudantium Deum. Scriptura dicente. Beati qui habitant in domo tua Domine, in sæcula sæculorum laudabunt te.* Se na terra ha treslado, representação da bemaumenturança, he dos que se exercitão em louuores de Deos; pois o officio dos bemaumenturados não he outro, que louuar de continuo a Deos. Taes vio os Serafins Ifayas no capitulo sexto, àdejando diante de Deos; & dizendo. *Sanctus, sanctus, sanctus.* E dos homẽs bemaumenturados diz São Ioão no Apocalypse 20. *Erunt Sacerdotes Dei, & Christi, & regnabunt cum illo mille annis.* Que farão no Ceo officio de Sacerdotes. *Quoniam (diz hum Doutor) sacrificium laudis Deo, & Christo in omnem aternitatem offerent.* Não porque ajão de sacrificar reses, & cordeiros, mas seus corações, & lingoas em perpetuo sacrificio de louuor; estes pois somos, se a Deos louuamos.

Ocupados em tão santo, & suauê exercicio, sem duuida fazemos juntamente com os bemaumenturados hũa capela bem ornada de dous coros; elles de canto de orgão; nõs de canto chão; elles precedendo, nõs seguindo. E he o que disse David. *Praueniunt Principes coniuncti psalenticibus in medio iuencularum, tympanistiarum.* Vi juntos em coro os Principes da gloria, cõ os donzeis, & noueis da terra, ocupados em cantar, & celebrar louuores

Tratado vigesimo terceiro

Serm. 7.º in
Cant.

Cap. 13.

Psalm. 54.

lououres diuinos, com esta differença; que os Principes leuanta-
uão a Antifona; os donzeis seguião. Ao que aludindo o bema-
uenturado S. Bernardo diz. *Attendite Principes nostros cum
statis ad orandum, & psalendum, & state cum reuerentia, & disci-
plina.* Imitai os Principes, & Serafins da gloria, assi em louuor,
como na fantidade, & deuacão com que louuão. Porque como
diz S. Chrysostomo. *Sacrum hymnum parit animi pietas, alit
bona conscientia.* Descanta bem boa consciencia, com hymnos
de louuor. E pois o santo Tobias falando da celestial Ierusalem
diz. *Ex lapide candido, & mundo omnes platea eius sternerentur,
& per vicos eius alleluja cantabitur,* que pellas ruas, & praças
calçadas de pedraria fina, & pura se cantão perpetuamente ale-
luyas. Estas cantemos nós também excitandonos hũs a outros
a continuos lououres de nosso Deos nesta Ierusalem da terra,
ornada de pedraria rica da graça, & virtudes, segundo conse-
lho de santo Agostinho. *Laus Dei à corde, & ore Christiani re-
cedere non debet.*

CAPITULO III.

Dos actos do louuor.

Psalm. 56. 64.

V Indo ao particular desta virtude, da mesma maneira quasi
auemos de discorrer em seus actos, que na adoração. O
primeiro pois he, a consideração das perfeições de Deos, ou
santo, que pretendemos louuar, donde se segue o segundo com
que prudencialmente julgamos, que deue ser louuado das mes-
mas perfeições. Terceiro he, affeito, ou vontade efficaç de lou-
uar. Quarto he, o mesmo louuor, o qual pode, ou somente ser
interior da alma, ou também exterior de palauras, & lingua. Nós
pera mór distincção, falaremos aqui principalmente do interior,
o qual he hũa pratica do entendimento, que por imperio da vo-
tade pode fazer de muitos modos. O primeiro, dirigindo a
pessoa que pretende louuar, como faz Dauid em muitos lugares
a Deos. *Magnificata est usque ad celos misericordia tua, & veri-
tas tua usque ad nubes.* He tão grande vossa misericordia, ver-
dade, & fidelidade, q̃ tresborda, & abrange até os Ceos. *Preparas
monte*

montes in virtute tua, accinctus potentia, qui conturbas profundū maris, sonum fluctuum eius. Com vosso poder de que estais cingido fortaleceis os montes, empolais os mares. *Visitasti terram, & inebriasti eam.* Com vossa bondade, & providencia regais a terra com fontes, & rios; enriqueceis com fructos, & flores. Deixo o Psalmo 103. *Benedic anima mea Domino*, que todo he hum continuo louvor da fabrica do mundo dirigido a Deos. E ainda que este acto não trate, nem pratique outra materia que o primeiro, pois ambos se occupão nos mesmos attributos, verb. gr. & perfeições de Deos, com tudo são diferentes; & hum se pode chamar propriamente louvor, outro não.

O primeiro, he pura meditação com que discorremos nos bẽs, & perfeições de Deos, este ultimo juntamente com a vontade que o manda, & dirige, he o verdadeiro louvor. Pode hũ considerar nas perfeições diuinas com outro intento, como de saber, ou exercitar algũa outra virtude, & não tratar entretanto de louvar a Deos; não he logo o primeiro acto o mesmo q̃ este ultimo, por mais que sejam ambos actos de entendimento, & da mesma materia, salvo se a vontade quizer por acto reflexo, & particular aplicar á meditação que tem consigo o acto de louvor.

Segundo modo com que se pode exercitar louvor cõ imperio da vontade, he dirigindo hũs a pratica a outros, recontando as perfeições de Deos, que querem louvar; como fazem os que entre sy traão pratica de Deos; ou seja hum Anjo com outro; hũ alma separada com outra por conceitos interiores com que se entendem; ou entre homẽs hũs com outros por palauras exteriores, como fazem os q̃ a coros cantão maravilhas de Deos, repartindo versiclos de Psalmos entre sy, como se pode ver do Psalmo 77. que se canta nas Matinas de quinta feira. *Coram Patribus eorum fecit mirabilia in terra Egypti, in campo Tan eos.*

Interruptit mare, & perduxit eos, & statuit aquas quasi in vere. Et deduxit eos in nube diei, & tota nocte in illuminatione ignis.

Interruptit petram in eremo, & adaquavit eos velut in abyssu multa.

A vista dos antepassados fez Deos muitas maravilhas em Egypto na propria corte do Rey, & cidade real. Abrio as agoas do mar roxo, recolhendoas como em vazo, pera dar passajem liure

Tratado vigesimoterceiro

fiure, & segura a seu pouo. No deserto os guiou, de dia com nuuem, que fazia sombra, & resguardava do sol; de noite com columna de fogo, que aquecia, & alumiaua.

Abrio os rochedos do deserto, & delles brotou fontes de agoa, que correndo em copia fartaram a sede.

He proueitossissimo, & suauissimo este modo de louuor; ou se faça a coros Ecclesiasticos, como dissemos; ou em pratica familiar, porque alem da gloria actual, que se dá a Deos, ou santo, multiplicada de muitos, elles entre sy se alumiaão com nouas noticias ao entendimento, & se aferuorão, & alegrão, & consolão mais com affeito das vontades; o que tudo redunda em mór louuor, & honra de Deos.

O terceiro modo he, excitando, & despertando a outros, que louuem, & engrandeçam a Deos, & santos; ou seja propondo materias particulares, ou em geral, como faz Dauid no Psalmo 94. & 99. & outros, dizendo. *Venite exultemus Domino, iubilemus Deo saluari nostro. Praecupemus faciem eius in confessione, & in psalmis iubilemus ei.* Vinde filhos, & juntos todos, com jubilo, & alegria d'alma, cãtemos louuores a Deos. Espertemos de madrugada, & antecipando o dia, diante de sua diuina presença, apresentemos psalmos deboca, gozos de coração. *Quonia Deus magnus Dominus, & Rex magnus super omnes Deos. Quia in manu eius sunt omnes fines terra, & altitudines montium ipse conspexit. Quoniam ipse est mare, & ipse fecit illud, & aridam fundauerunt manus eius.* A materia do louuor, será o domínio auentajado, que o Senhor tem sobre Deoses, Principes, Reys da terra. O poder com que sustenta a maquina da terra, abarcando de Poente a Oriente: de Norte a Sul. Sobranceiro aos mais altos montes do mundo, dilatarão mares com multidão de agoas, que em sy recolhem.

Psalm. 99.

Laudate nomen eius, quoniam suauis est Dominus in eternum misericordia eius, & usque in generationem, & generationem veritas eius. Louuai ao Senhor por tres titulos, principalmente. O primeiro, brandura, & suauidade pera bõs. Segundo, misericordia pera pecadores arrependidos. Terceiro, verdade; no q promete.

Quarto modo he, conuicando Anjos, & espiritos bemauetura dos na mesma forma ao proprio louuor. Temos rezão de nos vales

valer deles; porque somos menos aptos pera o fazer por nossa fraqueza, & ignorancia, & frequencia de pecados, que cometemos. Anjos são fortíssimos, nunca cansão, sempre obedecem a Deos, nunca pecão; sempre amigos, sempre agradaveis a sua divina Magestade. Tudo nos ensina David em seus Psalmos.

Benedicite Domino omnes Angeli eius: potentes virtute, facientes verbum illius, ad audiendam vocem sermonum eius.

Benedicite Domino omnes virtutes eius, ministri eius, qui faciatis voluntatem eius.

O Anjos, todos quantos sois, pois sois innumeraveis; Anjos fortes, & poderosos, que a ninguém temeis, que obedeceis a ponto ás palavas, & mandados de Deos, louuai a Deos, engrandecei a Deos.

Nem vós sô Anjos do vltimo coro; mas todo exercito celestial de Archanjos, Principados, Potestades, Virtudes, Dominações, Tronos, Cherubins, Serafins; louuai a Deos, engrandecei a Deos.

Quinto modo he, excitando a propria alma; & com ella trocando colloquios de louvor: pois he capaz de conhecer grandezas de Deos, & de as celebrar. David Psalmo 102. *Benedic anima mea Domino, & omnia, que intra me sunt nomini sancto eius.*

Alma minha, entendimento meu, vontade minha, pensamentos, & affectos meus, louuai, engrandecei ao ao Senhor.

Responde a alma.
Miserator, & misericors Dominus, longanimis, & multum misericors.

O Senhor he compassião de nossos males; misericordioso pera fazer bês; soffrido, & vagaroso pera o castigo, muito largo, & liberal pera o premio. Torna David. *Benedic anima mea Domino.* E no Psalmo 145. Introduz o homem falando por dialogo com sua alma de louvores de Deos.

Lauda anima mea Dominum. Alma minha, louuai a Deos. *Responde a alma. Laudabo Dominum in vita mea, psallam Deo meo quando fuero.* Então louvarei sem impedimento de tentações, & tristezas, quando viver a verdadeira, & bemaventurada vida livre de males, por toda eternidade o louvarei.

Sexto, & vltimo modo he, com que mandamos a criaturas

Tratado vigesimoterceiro

irracionaes, & insensueis, que tambem a seu modo louuema Deos. Neste numero pode entrar nosso corpo brutal, & crias sem uso de rezão. Não podem estas criaturas propriamente louuar, pois carecem de entendimento com que se forma o verdadeiro louuor, mas louuão cõ as qualidades, & dotes naturaes, que Deos lhes deu, de maneira, que diremos, que a pintura, hõra o pintor. E nõs mesmos em effeito excitando a louuar, ficamos louuando a Deos pellas proprias qualidades de que fazemos menção. *Laudate eum sol, & luna; laudate eum omnes stellæ, & lumen. Laudate Dominum de terra dracones, & omnes abyssi. Montes, & omnes colles, ligna fructifera, & omnes cedri. Bestiæ, & vniuersa pecora, serpentes, & volucres pennatæ.* Louuai ao Senhor, estrelas, lume. Louuai da terra ao Senhor dragões, & agoas profundas, montes grandes, & oiteiros, cedros, & arvores de fruto. Animas brutas, & gados, serpentes, & aues q voais.

Psalm. 148.

Este modo se pode dilatar, & ornar, fazendo menção as mesmas criaturas das perfeições naturaes que Deos lhes deu pera louuarem por ellas a Deos; como as aues variedade de penas, harmonia de vozes, as flores suauidade de cheiro, fermosura de cores; como se verá nos exemplos praticos com que remataremos esta materia.

CAPITULO III.

Das pessoas que são capazes de louuor, & materias de que se hão de louuar.

A Té aqui tratamos de quem pode, & deve louuar, trataremos agora, de quem ha de ser louuado, de que cousas, & como. No primeiro lugar por ordem, he Deos nosso Senhor. Segundo, Christo, em quanto homem. Terceiro a Virgem Maria Senhora nossa. Quarto Anjos, por seus coros, & Ierarchias. Quinto Profetas, Patriarchas, Apostolos. Sexto, Martyres. Setimo, Virgões. Oitauo, Confessores, & Doutores. Conforme as occasiões de festas particulares, & deuação dõ que ora se podem dar estes louvores, ou em geral a cada hũa destas classes de santos, ou a algũs em particular, sem se guardar a ordem de dignidade,

dade, que pusemos, mas o fruto, & consolação da alma, & honra dos santos, que pretendemos.

As cousas que se hão de louvar, serão primeiramente bẽs intrinsecos de Deos, & santos, por serem os principaes: & segundariamente os extrinsecos, que tambem redundão em sua honra. Bẽs intrinsecos de Deos neste lugar chamamos os attributos, & perfeiçõs que têm de sua eternidade, bondade, sabedoria, poder, vniidade de essencia: Trindade de pessoas, & c.

Bẽs extrinsecos, são as obras de criação, com que sahio neste mundo, que se podem reduzir a oito classes. A primeira, Anjos, quanto ao natural. Segunda, homẽs, da mesma maneira, tomados quanto a natureza. Terceira, animaes do ar, terra, & agoa. Quarta, plantas, que se diuidem em atuores, como oliveiras, cedros: Frutices, como videiras. Ervas, como trigo, flores. Quinta, mixtos, que são pedras, ainda preciosas, ouro, prata, &c. Sexta, elementos, fogo, ar, agoa, terra. Setima. Ceo, com planetas, & estrelas. Oitaua, obras de graça sobrenatural, como he vnião hypostatica de Christo, a graça santificante, gloria do paraizo, Fè, Esperança, Charidade, & mais virtudes, ou santos dotados dellas, que he o mesmo. Donde se vê, que bẽs intrinsecos de santos, são estas mesmas virtudes, & actos da alma sobrenaturaes, & graça diuina. Bẽs extrinsecos, são obras marauilhosas com que sahẽ de milagres, seruiço do proximo, &c.

CAPITVLO V.

Do modo com que se exercita o louvor.

V Indo ao modo com que se hão de dar louvores, falemos primeiro de Deos; & daqui como treslado tiraremos o modo de louvor a nossa Senhora, & santos. Por bẽs extrinsecos louuaremos a Deos, recontando as obras que fez, & cada momento faz; guiados pelo que a Fè ensina; seguindo juntamente na interpretação das Escrituras o parecer de padres, & doutores da Igreja. Exemplo seja o louvor de Dauid no Psalmõ 73. *Tu dirupisti fontes, & torrentes; tu siccasti fluuios Eban. Tuus est dies, tua ex nox; tu fabricatus es auroram, & solem. Tu fecisti*

omnes terminos terre & Estatem. & ver tu plasmasti ea. Vós Senhor no deserto avosso pouo brotastes fôres de pedra dura. Vós abristes as agoas do Jordão. Vossos são os dias, vossas as noites; vos trágastes Aurora, & o Sol. Vós fizestes os climas das terras; vos os celios, & veroes.

Por bês intrinsecos louvaremos a Deos de quatro modos. O primeiro, por titulos grandiosos; vocabulos supremos, a que os Latinos chamão superlativos. Sois bonissimo, fermosissimo, &c. Segundo, por titulos de comparações; sois mais fermoso que o Sol; môr Senhor, que Rey do mundo. Terceiro, por titulos ordinarios, & positivos. Sois sabio, poderoso, Trino, & hum. Quarto, por titulos respectivos a nosso comodo, & respeito. Vós Senhor sois minha alegria, minha honra, nossa riqueza, nossa vida. Que cõ rezão metemos em conta de bês intrinsecos de Deos; pois professamos, que todo bem nelle achamos. Tudo se verá melhor, & com mais fruto com exemplos praticos.

Exemplo pratico de louvor de Deos por bês extrinsecos, tirado do Psalmo. 103.

Domine Deus meus magnificatus es vehementer. Confessione, & decorem induisti amictus lumine sicut vestimento. O grande Deos, muito autorizado está vosso nome, pellas maravilhosas obras, que neste mundo fizestes. Como a Magestade do Rey se conhece pellas riquezas dos vestidos. Assim vós Senhor, pella gloria, & honra que redunda da fermosura de vossas obras, que he como vestido rico, & lustroso de que estais ornado. A parte superior do mundo armastes, & soldastes com o Firmamento, como pavilhão, ou tenda marchetada de Planetas, & estrelas; sobre as quaes cõ divino artificio criastes agoas cristalinas, incorruptiveis, & de muita recreação pera os sentidos. Com o mesmo leuantaes do baixo ao alto nuuês ligeiras; ora douradas, & raxadas com a reuerberação do sol; ora precintadas de cores do arco celeste; ja claras, ja escuras; leuadas pelos ventos, como coche por cavalos ligeiros, em que parece assentado correis o mundo. O grande, & pezado globo da terra criastes, & sustentaes no ar sem outra base, ou fundamento, que sua propria firmeza; empinaes os montes, abaxastes os vales, esten-

estendestes os campos, asscalhastes as ondiſas do mar, encan-
toando-as a hũa parte do mundo, com precitos que não patiem
a aſtraya que lhe preſteſtes. O Acoſſo mandado brotão nos mais
altos cumes copioſas fontes, & quebrandoſe pelos montes abai-
xo, decem aos vales; em ſuas correntes matão a ſede as ſeras, &
animaes do campo. Nos boſques ſombrios, & eſpeſſos de que
vão toldadas, pouſão as auezinhas, & fazem doce harmonia.
E porque fontes, & rios não pôdem abranjer aos mais altos mó-
tes, & a toda a terra, inventou ſeſhor voſſa diuina providencia
outras mais altas, & copioſas fontes, que ſão as nuuẽs do ar, que
abranjem, & regão tudo, & fartão a terra ſequioſa, de que nace
com abundancia erua, & paſto pera brutos animaes; ſeſtas, &
pão, que conforta o peito do homem; vinho que alega o cora-
ção; azeite que alimpa, dá cor, & alento ao roſto. Com as chu-
uas crecem as aruõres grandes, & engroſſão, & ſubetnos altos
cedrõs do monte Libano, em cujos raiõs as aues fazem ſeus
ninhos, criaõ ſeus filhos. O ninho da garça, & cegonha he
auentajado em grandezã dos mais; debaixo delle ſe agalahão,
& emparão as aues mais pequenas. Aos veados, & caça delleſ
por habitação os montes, as lebrefinhas, & coelhas, as coner-
uidades das pedras, & conis da terra. Pera alimiar de noite
fizeltes a lua y o ſol, como ſe tiuera entendimiento, ora chegan-
doſe a nõs; ora aſtandose, faz veroẽs, eſtios, outonos; inque-
nos; já aparecendo em noſſo hemispherio, faz dia; já eſcõden-
doſe faz noite, de cujas treuas ſe aproveitão as ſeras, ſo leões
brauos, pera fazerem ſuas prezas, & buſcarem mantimento
neceſſario pera a vida. Apontando outra vez o dia, ſe recolhem
as ſeras; ſahem os homẽs a ſeu trabalho; de que vos quereis
ſeſhor ajudar, pera acudirdes a ſeu tempo com os fructos da
terra. O ſeſhor, quã admirazeis ſão voſſas obras, quã ex-
celentes, & dignas de louvor. O como reſplandece em todas
voſſa diuina ſabedoria, arte, & poder? Entre todas aulta eſte
grande mar, immenſo na largueza, profundo na altura, eſten-
dido em braços com que ſe mete pella terra, abundante de peſ-
cados de varias caſtas, & figuras; innumeraueis na multidaõ,
hũs pequenos, outros grandes, quaes as baleas, que ſendo de
monſtruoſo pezo, & grandezã, ſe meneão, & voltão com tanta
facilidade nas agoas, como ſe andaram dançando. Tudo com
voſſa

vossa divina providencia, & bondade sustentais, como com a
mão estais dando de comer continuamente a animaes da terra,
aves do ar, peccados, & monstros do mar. Bendito sejais Senhor
pera todo sempre. De tal maneira se continuem em nossos co-
rações, vidas, & linguas vossos louvores, que tenhamos Senhor
eterno gozo, & gloria das obras, que fizestes, Amen.

*Exemplo pratico do louvor de Deos, por bẽs intrinsecos, com
vocabulos, & titulos grandiosos, tirado de santo
Agostinho, & outros santos.*

O PERFEITISSIMO Deos, quem chegará com
seus louvores ao altissimo retitamento de vossa morada.
Sois sapientissimo, prudentissimo, engenhosissimo, sutilis-
simo, prestissimo, habilissimo, & todo poderoso, firmissimo,
fortissimo, immentissimo, grandissimo, incomprehensibilis-
simo, sumo, fermosissimo, alegrissimo, belissimo, aprazibilis-
simo, lucidissimo, supremo. Amabilissimo, charissimo, aman-
tissimo, dulcissimo, suavissimo, preciosissimo, & sumamente
eterno. Sois Senhor pijsimo, benignissimo, brandissimo,
misericordiosissimo, habilissimo, em tudo justissimo, sobran-
ceiro a tudo. Sois secretissimo, & presentissimo, altissimo,
& profundissimo, quietissimo, & laboriosissimo, esforcadissi-
mo, & paciẽtissimo, amplissimo, & vniuersalissimo; Rey de Reys,
Senhor de senhores: Sois santissimo, verdadeirissimo, bonis-
simo, sacratissimo, abraçadissimo, em Charidade feruentissi-
mo, superabundante. Sois Deos simplicissimo, purissimo,
fecundissimo, beatissimo, gozossissimo, sobrefubstantial.
Sois graciosissimo, principalissimo, eminentissimo, infin-
tissimo, nouissimo, antiquissimo, igualissimo, gravissimo,
santissimo, manifestissimo, excellentissimo. Rey dos seculos,
perpetua, Amen.

*Exemplo pratico do louvor de Deos, por bẽs intrinsecos, com
titulos de comparação.*

Quis sicut Dominus Deus noster, qui in alto habitat, &
humilia respicit in caelis. O Senhor Deos, que
sois

sois mayor que tudo, mais alto que tudo, quem ha que se possa
comparar com voscoz. *In melle dulcior lacte, & vine candidior
nectare suauior, & geminis, & vna preciosior.* N os sois mais doce
que mel; mais aluo que leite, & neuo; mais saboroso, que manã;
mais rico, que pedraria; mais fino que ouro; mais suaue, que
harmonia; mais cheiroso, que balsamo; mais apraziuel, que
rosas, & flores; mais alegre que a primavera. *Meliora sunt
vbera tua vino fragrantia unguentis optimis.* O amor abrazado
que arde em vosso peito, he mais agradauel, que os vinhos pre-
ciosos; recende mais, que vnguentos, & confecções aromaticas.

Cant. 2.

Psalm. 79.

A vista de vossa sabedoria he ignorancia toda a sabedoria.
*Proposui illam regnis, & sedibus, & diuitias nihil esse aduicem
comparatione illius; nec comparavi illi lapidem preciosum, quoniam
omne aurum in comparatione illius arena est exigua, & sanguis
luteum, & stimakitur argentum in conspectu illius.* Em mais a renho
qua imperios do mundo; tronos, & cetros reaes. Ahaixo ficão
riquezas, & pedras preciosas. Todo ouro em sua comparação
he hũa pouca de areia; a prata he como todo diante della.
Quis loquatur potentias Domini, audiat facies omne laudes diuini.
Que dirai Senhor de vosso poder? quem poderá esgotar nesta
parte vossos louvores? sois mais forte que exercitos armados;
mais esforçado, que gigantes. Nada vos cahsa o pezo da terra,
nem as continuas voltas dos Ceos. Todo este mundo he hum
ponto em comparação de vosso poder; outros infinitos, infinita-
mente mayores, & meliores podeis fazer. *2. rob. habitada A.*
*Suaui Dominus vniuersis, & miserationes eius super omnia opera
eius.* Sobre tudo realça vossa infinita misericordia; sobrancei-
raifica a todas as misérias; dado que criação pecados infinita-
mente em numero, & graueza, a mais abranje vossa misericor-
dia. Ajudem se misérias de criaturas do ar, terra, & mar,
mayor he vossa misericordia. *Magnus Dominus, & laudabilis
nimis.* Infinita he Senhor a materia de vossos louvores; sois
mais alto que os montes; mais profundo que os abissmos; mais
estendido, que os mares; mais largo, que os Ceos; mais per-
duravel, que o tempo; mais ligeito que os ventos; mais resplan-
decence, que o Sol; mais suaue, que os jardins; mais fresco, que
os bosques; mais abrazado, que Serafins; mais santo que todos
os santos; mais bemauenturado, que todos os bemauentura-

Psalm. 105.

Psalm. 144.

Psalm. 47.

do; mais vós de gozo, que todos os que de vós gozão; mais glorioso, que todos aquelles a quem communicais a vista gloriosa de vossa face; que he mais bela, & fermosa, que a mesma beleza; & fermosura.

Exemplo pratico de louvor de Deos por bñs intrinsecos, como os ángelos ordinarios, e irados particularmente de s. Agostinho.

Confiteor te Patrem, & Filium, & Spiritum sanctum in personis trinum, & in substantia unum, verum Deum omnipotentem, & in simplicitate, incorporeo, inuisibilis, & incircumscripção, & in similitudine, & in deformitate perfectum. A vós louuo Padre, Filho, & Spiritu Santo, Trino em pessoas, hum na essencia; verdadeiro Deos todo poderoso, de hũa só natureza incorporea, inuisivel, alheia de composição, isento de lugar, perfeito sem falta alguma; Vós meu Deos sois grande, sem quantidade; bom sem quantidade eterno sem tempo; fermoso sem fealdade; immenso sem fim; forte sem infirmitade; poderoso sem fraqueza; alegre sem tristeza; sabio sem ignorancia; santo sem pecado; benigno sem pena; vivo sem morte: Tudo vós sois, sem ajeito; tudo vós sois, sem cansaço; a tudo estais presente sem ficio de lugar; e como a tudo dais ser, sem vós tendes o ser de tudo. A charidade dos Serafims; sciencia dos Cherubins; fortaleza dos Tronos; governo dos Anjos; grandeza dos Coos; resplandor dos Planetas; fermosura dos campos; graça dos desertos; frescura dos bosques; correntes das aguas; fragancia dos cheiros; harmonia das musicas;

Independente sois Senhor de criaturas; não tendes heccho de deus nem de peccado; dar batalhas de conselheiros; pera vos governar; de militares para vos recrear; de serões reais para vos alegrar; de carnes, & pescados, pera vos sustentar; vós sois a mesma fortaleza, governo, conselho, recreação, alegria, vida. Sendo inuisivel, tudo vedes, incomprehensivel, tudo comprehendes; nunca nouo, nunca envelheci; do immortah e do eterno; infinito, justo; abrazado em fogo de amor sem vós os mundos girão; o vingança justa, sem vós descopo der, sempre

ouro meu; prata minha; talão meu, Deos meu, vós apóseto meu; castelo meu; açougue meu; torre minha; Deos meu. Vos exercito meu; bandeira minha; batalha minha; Imperador meu; victoria minha; Deos meu. Tu hortulus meus; pomarium meum, viridarium meum; & refugium meum, Deus meus. Vós sois torre minha; pomar meu; jardim meu, Deos meu. Mesa minha; banquete meu; ignaria minha; suave liquor meu; Deos meu. Balsamo meu; pituete meu; pastilha minha; almiscar meu; ambat meu; myrra minha; Deos meu. Tu rosa mea; & lilium meum; tu serena meum; & corona mea; Deus meus. Vós sois minha rosa; minha açucena; meu lirio; capela de flores; coroa minha; Deos meu. Tocha minha; alampada minha; vela minha; estrela minha; lume meu; Deos meu. Liuro meu; grofa minha; estudo meu; Biblia minha; mestre meu; Doutor meu, Deos meu. Medico meu; botica minha; medicina minha, Deos meu. *Lectulus meus; sudarium meum ad tergendum; lintium ad inuoluendum; Dearnatus.* Sois leito meu; cama minha; toalha minha; pera enxugar minhas lágrimas; & envolver meu corpo, & enxugar o suor, lenço meu; mortalha minha; pera enterrar meu corpo, Deos meu.

Exemplo pratico de louvor da Virgem nossa Senhora, por bñ modum; intrinsicos; e compstos de todos os titulos

Prova. 31.

M *Vla filia congregauerunt diuitias, tu supergressa es in uer-*
sa. O Virgem mais pura, purissima, santissima, benignissima, dulcissima, suavissima, fermosissima, deuotissima, religiosissima, secundissima, feruentissima, modestissima, misericordiosissima; a todas as santas, & santos do paraizo venceis maiores são vossas riquezas, que todas as riquezas juntas das mais almas santas, & justas; sois mais sabia que Debora; mais forte que Iudith; mais graciosa, que Ester; mais fecunda, que Dina; mais amavel que Rachel; mais humilde que Abigail; mais fermosa que Abisag; mais casta que Susana; melhor mãy que Eva; mais diuosa que Sara; mais prudente que Rebeca; mais excelte; q Maria profetiza; não irmã, mas mãy do verdadeiro Messias, que cõ a vara da Cruz abriu o mar roxo de seu sangue, & deu

& deu franca passajem a seu pouso pera a terra verdadeira da promissão.

Vós Senhora sois o milagroso final, que appareceo no Ceo. Mulher vestida do sol, & calçada da lua, coroada d'estrelas; arca do Testamento, fabricada de madeira incorruptivel de vosso corpo, que nunca se corrumpo; chapeada d'ouro fino por dentro de charidade, por fora de modestia, & fermosura. Estrela, q' naceo de Iacob, trono de Salamão; altar, & sancta sanctorum do sumo Sacerdote, arvore da vida, fonte que fahendo paraizo terreal, & rega toda a terra; arca de Noe onde se saluou do diluui o genero humano; em fim m'ay de Deos. O bemaventurada, & ditosa Senhora, que lingua poderá explicar, que entendimento ainda Angelico comprehender o que em sy encerra este nome de m'ay de Deos. Salue Virgem sacratissima; Filha do eterno Padre; m'ay do Filho; esposa do Spirito santo; paço rico da diuindade, sacratio da sabedoria increada, & encarnada; talamo virginal em que descançou o Filho de Deos; tabernaculo de nossa redenção. Vós sois horto de delicias; paraizo da terra, ramallete de flores; fonte d'agoas viuas, flor de campo; lilio de vale, cedro do monte Libano; mais fermosa, que a lua, mais resplandecente que o sol, mais bela, que as estrelas; mais suave, que a gencena; mais fermosa, que rosa; mais cheirosa, q' a canela; mais crystallina, que as fontes; mais abundante, que o mar; mais fertil, que a terra; mais clara que o Ceo empyrio. Vós Senhora sois minha consolação verdadeira, recreação honesta; gozo perfeito, sois minha pureza altissima, minha humildade profundissima, charidade abrazadissima, minha paciência soffrida, oração deuora, meditação pura, contemplação alevantada, compaixão suauissima, meu conselho prudente, meu socorro poderoso; vossas palavras são doce harmonia, viola bem acordada, descanço composto a meus ouvidos, vosso exemplo oleo derramado, balsamo suauissimo a meu olfato. Vossos pensamentos luz, & claridade resplandecente de minha alma, vossas obras ramallete de flores, fermosura de fructos a minha vista. O suauissima Virgem; Rayna do mundo, Princesa sem tribuio, Imperatriz do Ceo, & terra, Senhora dos Anjos, m'ay de peccadores, vos sois nossa esperança, nossa vida. O clementis, o pia, o d'aleis semper Virgo Maria. Alleluya, Alleluya, Alleluya.

Exemplo pratico de louvor da Virgem noſſa Senhora, por
 os porbões extrinſecos.

S Alas ſanta pueris enxada puerperia regem, qui celum, terramq,
 regis per ſecula. Salve mãy, & Virgem; Virgem, & mãy, de que
 naceo o Rey, & Senhor do mundo. Vós Senhora o enuolueſtes
 em pobres panos; recſtaſtes em hum preſepio, deſtes o peito;
 leuaſtes ao Templo; acompanhafteſ a Egypto, criaſtes em voſ-
 ſos braços; ſervilteſ em ſua mininice; ſeguiſtes em idade mayor
 até a Cruz, onde treſpaſſada da eſpada de dor viſteſ espirar, &
 morto enuolueſtes em lençol, & meteſtes no ſepulcro; mas dali
 a tres dias mereceſtes gozar de ſua glorioſa Reſurreição, &
 Aſcenção aos Ceos, onde tambem, com ceſtial acompaña-
 mento ſoſteſtes leuada, & oje eſtaís aſſentada em trono real junto
 ao meſmo Rey Filho voſſo, como Raynha, & Senhora de todo
 o criado. Deſte, alto governaiſ o mundo; enſinaíſ os ignoran-
 tes, conſolaiſ os triſtes; ſocorreíſ aos aſſigidos; com voſſo
 mereceíſ os cauíſados; com voſſa luz alumiaiſ os cegos; com
 o cheiro, & exemplo de voſſas virtudes alegraiſ os juſtos; com
 voſſa viſta ſantaiſ os bemaſenturados, com voſſo patrocínio
 emparaiſ os que por ſantidade de vida, ſe fazem voſſos fami-
 liares ſermos, & deuotos. Vós ſuſtentafteſ em ſeus príncipios
 a religião Cartuſiana; & até oje a ſuſtentaiſ em montes aſpe-
 ros, & cubertos de neve, onde naceo com a deuacão de voſſo
 officio, que mandafteſ vos rezafſem todos os dias; com o leite
 de voſſos peitos com que burrifafteſ os beĩcos de voſſo ama-
 do Bernardo branqueou eſte, & ſeu creceſ ſua religião em to-
 do o mundo. Que direi da Ordem Carmelitana; que primei-
 ro, que outra algũa levantou caſa a voſſa honra no monte Car-
 melo; & dali como rio caudaloſo ſabio; & tomando cada dia
 mórtes enchentes rega o mundo. Os que em dia de voſſa glo-
 rioſa Aſſumpção auíſados com voz do Ceo ſe começaram pro-
 feſſar ſervos voſſos; & de vós meſma tomaram o habito, & re-
 gra comoque viuemoſ. Pera aplacardes voſſo vnigenito Filho
 irado; & já quaſi arreſmellando lanças aſogueadas ſobre o mun-
 do offereceſtes os dous varoẽs ſantiſſimos Domingos, & Fran-
 ciſco, pera fundarem ſuas religioẽs, que vós ſempre deſen-
 deſtes

Plat. de bo-
 no ſtatu reli-
 gio. lib. 7. c.
 34.

Plac. de bo-
 no ſtatu re-
 lig. l. 7. c. 34.

destes, & illustrastes com gloriosos títulos, & milagres. Vós em fim Senhora aparecendo cheia de resplandores a nós só P. santo Inácio o mudastes de soldado do mundo em Capitão do Ceo, trocando em vossa casa da misericórdia as armas corporaes, em spirituaes, & inspirando a fundação de nossa Companhia, que alguma hora ao vosso deuoto Gutierrez da mesma Companhia mostrastes emparadizo, & recolhida debaixo de vosso manto, que como he talhado do sol não pôde deixar de aquecer nossas vontades, alumiar nossos entendimentos. *Gloriosa dicta sunt de te Civitas Dei.* Não tem fim, o liberalissima, & misericordiosissima Senhora as obras, que no mundo fizestes, que sendo por Deos criado, por vós parece foi recriado, & recreado. A São João Damasceno restituiestes a mão cortada por seus inimigos, & vossos, a Theophilo, que se entregara ao demonio com o escrito de sua mão, tornastes a graça de Deos, que negara, & vida corporal, que perdia. A santa Ines liurastes dos assaltos, & enganões do demonio. A vossos deuotissimos Bispos Bonito, & Alefonsoltroixelles do Ceo as casulas de artificio celestial para dizerem Missa. Aos proprios ladroes pôr serem deusos vossos na hora da morte socorrestes com o remedio da salvação. Infinito seria contar os cegos que alumiaestes, aleijados a que destes mãos, & pés; defuntos, que por vossa misericórdia alcançaram vida. *Vita dulcedo, & spes nostra.*

Plato vbi supra.

Ibidem.

Psal. 86.

Baron. tom. 9. ann. 728. Petr. Dam. ser. 1 de Natal. Virg.

Baron. tom. 8. an. 677.

§ Exemplo pratico do louvor de Deos, considerando criaturas irracionais, & insensiveis a imitação do Cantico de Daniel, & Psalmo de David.

Dan. cap. 3. Psal. 148.

Louuai Ceos a Deos que tendes no mundo o sitio mais alto, & sois esmaltados de belos Planetas, & belas estrelas, Ceos louuai a Deos. Louuai ar a Deos tão puro, & delgado, que tudo correis, tudo penetrais, & recebeis a luz, que ao mundo daís; Ar louuai a Deos. Fogo louuai a Deos, que sempre ardeis, sempre alumiais, elemento activo sobre todos os mais; louuai fogo a Deos. Terra louuai a Deos, que ora subis com montes, já vos abaixais

०२६

[illegible]

Primo de D. Juan.
Segundo de D. Juan.
(4.)
Tercero de D. Juan.

TRATA-

TRATADO XXIII.

Do acto do Canto, oitaua especie da virtude da religião.

NDA que hereges de nossos tempos reprehendem canto Ecclesiastico, dizendo, que mostramos nelle, que he necessario levantar a voz a Deos, como se nos não ouuisse; com tudo neste tratado mostraremos os proueitos, & conueniencia que ha no canto; pera que com deuação o vzemos, assi em publico, como em particular, & delle nos ajudemos pera maior efficacia, & mouimento da oração.

CAPITULO I.

Da antiguidade, & celebridade da virtude do Canto.

EM tempo de Moyses ja era costume cantar Versos, & canticos a Deos. No Exodo diz o sagrado texto. *Tunc cecinit Moyses, & filij Israel carmen hoc Domino, & dixerunt. Cantemus Domino, gloriose enim magnificatus est, &c.* Passado o mar roxo Moyses, & os filhos de Israel disseram ao Senhor, Cantemos ao Senhor com gloria; grandemente mostrou seu diuino poder. Caualheiros, & caualos afogou no mar, &c. Em tempo de Dauid, se começaram por a viola, & harpa. Psalmos, & Versos com mayor solenidade, como se colhe dos liuros dos Reys, & Paralipomen. & o proprio Rey fez Capela de cantores, que com instrumentos musicos acôpanhassem, & festejassem a arca do Senhor, os quaes principaes erão Hemam, Asaph, & Ethã. Em fim na ley de graça com a propria Igreja Catholica começou, & durou até agora, & durará até o fim do mundo este tanto costume, & cerimonia. Della diz S. Dionysio Areopagita. *Sancta Psalmorum moralatio omnibus sacris mysterijs coniungitur.* E em tudo entra a cere-

Exod. 15.

1. Paralip. 15

cap. 3. de Ecclesiast. hier.

cere.

Tratado vigeſimo quarto

S. Hieron.

ceremonia ſanta do canto. Do meſmo coſtume faz menção o antigo Tertulliano em ſeu Apolog. & outros, & S. Ieronymo na epiſta ad Ruſticum diz. *Tolferè pſallentium chori, quot gentium diuerſitates.* Que tantos erão na primitiua Igreja os coros dos que cantauão em louvor de Deos, quantas as diuerſidades das gentes conuertidas a verdadeira fè de Chriſto noſſo Senhor. O meſmo podemos oje dizer das religioes; pois nenhũa ha que não profette coro, & canto, excepto a noſſa Campanhia por juſtas cauſas que em outra parte ſe dirão.

CAPITULO II.

Da eſtima em que Deos tem o canto.

2 ap. 14.

Pſalm. 109.

21. q. 1. 1. 1.

Tratado vigeſimo quarto

172

V Eſſe bem a eſtima em que Deos tem eſta virtude, pois na propria gloria, quer que ſeja ordinario exercicio dos bemauenturados. Taes os vio S. Ião no ſeu Apocalypſe diante do trono de Deos. *Vocem quam audiui, ſicut citharædorum citharizantium in citharis ſuis, & cantabant quaſi canticum nouum ante ſedem.* Ouui vozes de citharas, & violas, & canticos novos, & nouas letras, & ſolſas diante de Deos. Dauid o prophetizou em ſua diuina profecia. *Exultabunt ſancti in gloria, letabuntur in cubilibus ſuis, exaltationes Dei in guttore eorum.* Triumpharão de alegria os ſantos na gloria; alegres, & contentes viuirão em ſeus apoſentos; ſahirão em vozes, & cantigas de louvor de Deos. Com eſte triumpho mandou Deos aos Anjos, S. Gabriel, & S. Miguel; & o ſanto Rey Dauid com multidão de bemauenturados leuaſſem a alma de hum pobrezinho, que eſpirou deſemparedado de todo o ſocorro humano. Eſte ſuauiſſimo exercicio de cantar a coros com vozes angelicas ouiuo o bemauenturado S. Inacio martyr ſendo arrebatado em ſpirito ao Ceo; & daqui meteo o ſanto coſtume em a Igreja de Antiochia, como ſe lê no ſeu martyrologio. A eſte eta leuada a bemauenturada Magdalena todos os dias por mãos dos Anjos; com eſte ſoi recreada ainda neſta vida a alma do bemauenturado S. Francisco, & de outros ſantos, que mais viuião no Ceo, que na terra. Pera que he mais o meſmo Chriſto ſeito homem cantou hymnos

Deos

Deos. *Hymno dicto (diz S. Math.) exierunt in montem oliueti.* Matth. 26.
 Onde S. Chrysostomo *hymnum cecinit, et nos similiter facia-* D. Chryf.
mus.

CAPITULO III.

Dos effeitos, & affeitos que o canto causa na alma.

A Experiencia mostra, que conforme a proporção de vozes, altas, baixas; apressadas, vagarosas da musica se moue, & deixa leuar a alma com brandura, & facilidade; já com lamentações, & cantos tristes se moue a compaixão de Christo; & temor da morte; já com vozes brandas, & proporcionadas a deuação, saudades da gloria, & lagrimas. Assim o disse S. Isidoro. *Psalmendi utilitas tristia corda consolatur, gratiores mentes facit, fastidiosos oblectat, inertes excitat, peccatores ad lamenta inuitat.* O canto deuoto consola tristes; alegre desconsolados; recrea desgostosos; esperta tibios; conuerte pecadores. Em fim como diz Iustino martyr. *Sopis insurgentes ex carne affectiones, cogitationes malas expellet; irrigat animam.* Enfrea appetites da carne; tira maos pensamentos, rega a alma. De sy o confessa S. Agost. *Sapius ad voces suauiter carentium, & sonantium psalmorum estuabat cor, & lacryme profuebant.* O quantas vezes me acontecia com força da musica feruer meu coração, saltarem-se em lagrimas meus olhos.

D. Isidoro.

D. Aug.

CAPITULO III.

Do proueito do canto em abranger a muitos.

O Ração, vocal de palantras baixas abranje ao proprio que reza. Oração de canto, edifica toda a comunidade, a qual se achão presentes nos templos, & lugares onde se celebra; letrados, & idiotas; sabios, & ignorantes; pequenos, & grandes; pecadores, & justos; & os proprios barbaros; porque ao menos em geral entendem, que se faz oração a Deos, & facilmente concorrem com a deuação de coração; & ajuntão como podem de fora

Tratado vigesimo terceiro

fora suas petições; & ainda que não entendão tudo o que se canta por ser em lingua peregrina, sempre entendem alguma coisa mais, ou menos conforme sua capacidade; & nenhum ha que não dê fé do louvor de Deos no *Gloria Patri*; *Gloria in excelsis Deo*; & *Credo* da missa; da *requiem* do officio de defuntos; da petição de misericórdia no *Psalmo Miserere mei Deus*; & semelhantes; & ainda que nada entendão do que se canta, ou por causa da lingua em que se canta, ou da multidão, & confusão das vozes com que se canta, em especial quando he canto d'orgão, sempre o canto he de muita estima nesta parte; pois ao menos com a propria suavidade, & harmonia causa no entendimento admiração; na vontade affeição das cousas diuinas, que muitas vezes pode ser com mayor, & melhor effeito, que se a propria letra, que se canta por sy solitaria se considerasse, & meditasse. Por que as cousas sensiveis tem ordinariamente mais força pera mover a alma, que as mesmas intelligiveis, como acontece a Pregadores, que mais mouem a medo com voz forte; a deuação com voz branda, que com as proprias sentenças friamente pronunciadas, ainda que sejam graues, & de momento. Nem se ha de condenar recreação de sentidos tomada do canto Ecclesiastico, & deuoto como causa corporal, & temporal; pois em fim de sy he ordenada a recreação spiritual da alma, & fim honesto; que por isso os Profetas se espartaão antigamente, & se aparelhaão pera receberê de Deos o spirito de profecia com instrumentos musicos que mandauão tocar, por meyo do arrebatamento da alma, que por esta via alcançauão. Assim succedeo a Eliseo no deserto de Idumea, quando socorreo aos tres Reys com a agoa milagrosa. *Adducite mibi psaltem; cumque caneret psaltes, facta est super eum manus Domini*. Mandou vir o tangedor, & tocando o instrumento alcançou spirito de profecia.

Mas que diremos de S. Agostinho que diz de sy. *Cum mibi accidit, ut me amplius cantus, quam res, que canitur, moueat, per aliter me peccare confiteor*. Entrô em escrupulo todas as vezes que me deixo leuar mais da harmonia do canto, que da letra, que se canta? Respondemos que elle proprio se defende em chamar escrupulo penal; que he o mesmo que castigo da natureza mal inclinada, que como em outras materias por mouimêtos primos se furta pera o mal, & antecipa a rezão; assim experimentaua o

santo

santo nesta, recreandose mais no que sentia, que no fim pera q̃ o sentia; & quando com algũa desordem chegasse a peccado, por não guardar o que denia neste genero de recreação, não passaria de venial, & leue, que de sy a materia não he peccado. Pode ser natural, & independente da liberdade tomar mayor recreação do canto, que da materia que se canta; & neste caso será mayor merecimento, & fruto grande: aproueitar-se hum de seu bom natural, & compreensão pera bom fim, como ordinariamente fazem mayores santos, & deuotos.

E pois este he o fruto do canto, obrigação fica aos que o exercitão de euitar todas as indecencias, que pode auer com o são letras profanas, gestos de corpo immodestos, toadas lasciuas, & tudo o que pode causar imaginações torpes, como santamente se prohibe na Extrauagante vnica de vita, & honestate clericorum, & diz singularmente o Papa Innocencio no liuro dos mysterios da Missa por estas palauras. *Debent Cantores consonis vocibus, & suauis modulatione concinere, quatenus animas audientium ad deuotionem Dei valeant excitare.* Deue vzar-se harmonia de musica, quanto serue pera espertar na alma deuação.

Extrau. vñ
de vita, & ho
nest. cleric.
Innoc. Papa

CAPITULO V.

Do Canto, de orgãos, & instrumentos.

NÃO repugna a esta decencia, & honestidade, ovzo d'orgãos & instrumentos musicos, quando se tocão com moderação, & grauidade religiosa, como se colige claramente do Concilio Tridentino, & das ceremonias da ley velha, que admittião citaras, & violas, orgãos, repiques, &c. que por isso David no psalmo vltimo conijuda almas deuotas. *Laudate eum in sono tubæ, laudate eum in psalterio, & cithara; laudate eum in tympano, & choro; laudate eum in chordis, & organo.* E ainda que o fim era pera abrandar os corações do pouo duro, & imperfeito, o mesmo corre oje na ley da graça onde os mais são imperfeitos, & frios no seruico de Deos ao qual sem duuida com particular deuação excita musica de vozes, & instrumentos. Pois atè aqui dissemos da antiguidade, nobreza, & effeitos do canto porque merece ser

Sess. 22. cap.
de obseru.
in celebrat.
missæ

Tratado vigesimo quarto

contado entre as especies da religião ; resta dizermos os varios modos com que na oração se pode exercitar.

CAPITULO VI.

Do primeiro modo de Canto; & actos que nelle concorrem.

OS primeiros actos, que concorrem, ou precedem o Canto, são meditação, ou discurso do entendimento com que consideramos, como Deos he excelente sobre tudo, & suprema magestade ; & que por este titulo he digno de culto, & veneração ; & de muitos modos com que o podemos honrar ; hum delles he o canto, ou porque a elle nos sentimos então inclinados, & affectuados ; ou porque temos exemplo presente nos canticos Ecclesiasticos ; ou nos lembrão os dos serafims, & bemaenturados da gloria, de que Deos continuamente quer ser honrado. Segue-se o affecto da vontade efficaz com que diz quero honrar com canto a Deos ; & logo mada a lingua, & boca que o exercite ou com voz solitaria, ou ajudada de instrumento proprio da quelle membro ; ou manda a mão toque os instrumentos de corda, ou outro metal ; ou manda a criaturas racionais, como Anjos, homens ; & irracionais, como aues cantoras exercitem o canto que podem, & sabem a honra de Deos ; ou se está gozando d'ouir executado o mesmo canto, por qualquer criatura. Entender-se ha o exercicio desta virtude pello que dissemos da virtude da adoração, que consiste radicalmente na vontade de adorar ; actualmente na propria adoração. Assim passa na virtude do canto em que concorre vontade de assi honrar a Deos, & o proprio exercicio do canto em que consiste este genero de culto de Deos. Alcança sen fim, & obiecto a adoração tanto que o pé se ajoelha, a mão bate nos peitos ; a cabeça se inclina ; alcança sen fim, & verdadeiro culto de Deos a virtude do canto tanto que por mandado da vontade a lingua soa com harmonia, a mão toca o instrumento. Assim a conta desta virtude só está a melodia, & consonancia de vozes sem mais letra em forma que o tempo, que a mão gastar em tocar o órgão, ou cithara ; ou a lingua em dobrar

conso-

consonancias nesse tẽ a virtude do canto satisfeito a seu officio, & obrigação. Toda a letra que se acrescentar, pertencerá a outra virtude; pois todas folgão de se acompanhar com o canto. Se a letra disser. *Letatus sum in his, quæ dicta sunt mihi, in domum Domini ibimus.* Estou alegre por me dizerem que hei de ir ao paraizo. Será da virtude da esperança. Se disser, *Si confiant aduersum me castra non timebit cor meum.* Venhão exercitos contra mim tendo a Deos por mim, nada temo: he virtude da fortaleza. E así nas mais. De modo, que todas as vezes, que letra divina acompanha o canto sempre concorrem ao menos duas virtudes; canto com a melodia; outra com letra: o que melhor se entenderá, así da doutrina que se segue, como dos exemplos praticos com que remataremos este tratado.

CAPITULO VII.

Do segundo modo de canto.

Segundo modo he quando o mesmo que ora mouido de affecto grande, & deução interior rompe em jubilos, & cantos exteriores, significadores do que na alma passa; & por essa causa não se fazem ordinariamente com letras compostas, & palavras certas; mas com aquellas que o affecto de sy dá; saluo, quando vem ao mesmo proposito algum versiculo, que de memoria se sabe. Deste modo parece falaua Dauid, quando dizia. *Letatum est cor meum, & exultauit lingua mea.* Com este sahio a Virgem nossa Senhora quando entoou a Magnificat, se por ventura a Luc.^{1.º} de este modo de Canto preparação, ou intenção precedente; porque o affecto interior de repente, como com impeto natural moue a lingua, & orgãos do corpo exteriores ao exercitar; & do intimo da alma redunda no corpo já com admirações, acção de graças, já palavras amorosas, entoadas com brandura significadoras do que dentro reyna, & aumentadoras da mesma; de modo, que podemos dizer se dá a mão hã ao outro; a deução interior ao canto exterior; & canto exterior a deução interior.

Tratado vigesimo quarto

CAPITULO VIII.

Do terceiro modo de Canto.

TERCEIRO modo he quando o que ora em particular entra logo na oração com acto de canto, pera sustentar a atenção mouer o affecto interior, que ainda não sente com este motiuo exterior, que sente. Deste se deue entender santo Agostinho quando diz; *Verba orationis interdum sequuntur ex precedenti affectu orationis, qui ea format, ut clareat, interdum praecedunt, ut orans attendat, & affectus crescat.* Sinaes exteriores de palauras, & cantos na oração hũas vezes se seguem do affecto interior pera o mostrar, & manifestar outras precedem, & são primeiro pera o excitar, & inflamar na vontade, & sustentar a atenção no entendimento. E posto que no primeiro caso não aja letras certas, que se cantem, como a signa dissemos; neste segundo ordinariamente se hão de vzar pera que a oração vã ordenada ao fim que se pretende, & não se faça temerariamente, & como a caso. Assim o faz a Igreja santa em suas orações publicas; assi vzaõ varoẽs religiosos, & deuotos, que quando pretendem deuacão interior com canto exterior o fazem com psalms, versos, hymnos compostos em metro acomodado a este fim. Trazem sem duuida quando entrão em este modo de orar affecto de deuacão, & oração; mas he confusamente, & em geral começando a cantar, começãõ tambem sentir, & experimentar affectos particulares conforme ao que cantão. Ponhamos exemplo no psalmo 30. *Miserere mei Deus*, o qual se queremos acompanhar com canto, he sem duuida com desejo geral de oração, & deuacão; mas entretãto nem tratamos, nem sentimos confusão do peccado original, nem propositos de ensinar ignorantes, & maos em recompensa do perdão de peccados, que esperamos. Chegando com tudo ao versiculo. 6. *Ecce enim in iniquitatibus conceptus sum; & in peccatis concepit me mater mea.* E ao 14. *Docebo iniquos vias tuas*, ja nos confundimos com a antiguidade do peccado original, q̃ das entranhas das mãys trazemos; ja fazemos propositos de ensinar a ley de Deos a pecadores.

Por

Por ser esta a efficacia de canticos, hymnos, & psalmos cantados teue rezão de dizer santo Ambrosio, *Psalmus est Dei laus, fidei canora confessio, authoritatis plena deuotio, laetitiae resultatio. Iracundiam mitigat, merorem alleuat, cithara modo ex diuersis, & disparibus vocibus vnã exprimens cantilenam.* Psalmo he louuor de Deos, confissão clara da fê, deuação autorizada, abundante alegria, consolação verdadeira. Psalmo tem força de abrandar iras, aliuia tristezas: he em fim musica composta de concordia de vozes varias, de variedade de vozes concertadas.

Pres. in psal.

Se o que ora deste modo está sò em lugar apartado, & solitario, pode fazer detenções mayores, & menores em cada hum dos versiculos, & sentenças, que canta, conforme a sua deuação, & sentimento interior, ou variando o tom, & musica sobre a mesma sentença, & afeito por espaços largos; ou repetindo o mesmo tom, ou em fim variando tom, & sentenças como for mais a proposito do que pretende.

Não pode deixar de ser aceito, & agradavel a Deos este modo de orar, pois alem de apresentar diante de sua diuina Magestade seus seruos alegres, & contentes, sem duuida sustentada sempre a oração liure de pensamentos vagos, & maos afeitos; & com summa facilidade, & suauidade enche a alma de santidade, & consolação, & dá esperanças certas de saluação. Como succedeo a hum religioso, de que conta Sam Gregorio em seus Dialogos, o qual continuamente andaua cantando hymnos, & psalmos, & nunca cessaua senão quando comia, & dormia, & por esta causa se chamaua Merulo. Este hũa noite vio em visão decer sobre sua cabeça hũa capela tecida de flores brancas muy fermosas, & cheirosas; & cahindo logo em cama de hũa doença em breue morreo, com summa segurança, & alegria. E querendo dahi a quatorze annos laurar pera sy sepultura no mesmo sitio em que estaua Merulo enterrado o superior do Mosteiro chamado Pedro, sahio tão grande suauidade, & fragrancia do lugar que se abrio, que parecia hum jardim plantado de todas as flores cheirosas, que ha na terra, e comprindose a visão da coroa de flores, que antes tiuera.

lib. 4. cap. 49.

Tratado vigesimo quarto

CAPITULO IX.

Do quarto modo de Canto.

QUARTO modo he quando se ora com canto do modo que fica dito em publico, o que ordinariamente se faz a coros, & em correspondencia de parte a parte, a imitação dos serafims que vio Isaias, dos quaes diz. *Clamabant alter ad alterum, & dicebant, Sanctus, sanctus, sanctus Dominus Deus exercituum, &c.* O mesmo coro faz São João em seu Apocalypse, dos animaes ornados de olhos, & azas, de hũa parte; & dos anciãos coroados da outra. Aquelles dizem *Sanctus, sanctus, sanctus Dominus Deus omnipotens.* Respondem estes. *Dignus es Dominus Deus noster, &c.*

He este modo de canto em publico mais limitado no numero das pessoas, que o particular; porque conforme ao uso da Igreja só admite pessoas Ecclesiasticas, & ministros particularmente pera este officio destinados, pera se conservar a authoridade, & respeito dos officios Ecclesiasticos, que alem do culto diuino seruem pera deuação, & admiração do pouo: & pella mesma causa ha lugar pera elles sempre separado, como se manda no Concilio Toletano. Mas ainda que o coro não admite toda a comunidade dos fieis pella causa que dissemos, & pera evitar confusão; com tudo não exclue sorte algũa de gente; entrão ordenados, & não ordenados, sacerdotes, & leigos; religiosos, & religiosas; & ainda moços de pouca idade, se são aptos pera este officio, por causa do qual todos se chamão Ecclesiasticos. Isto quanto aos particulares, que falando em geral, officio de coro parte he de clérigos seculares, parte he de religiosos.

O de Clerigos, serue particularmente pera uso, & proveito spiritual do pouo, que por esta via tem officios diuinos publicos, que possa subsistir fazer oração, & petições a Deos concorrendo juntamente da manciã, que he licito, & possivel com estes seus ministros. O coro de religiosos ordinariamente serue pera occupação louuauel dos mesmos religiosos; porque

porque como são homens totalmente dedicados ao culto de Deos, & não podem sempre estar em oração mental, & contemplação, nem sempre trabalhar de mãos, ou ter occupação semelhante santamente se obrigão a coro, em que gasta o tempo com recreação, & proveito spiritual, ainda que não haja pouca que ouça seus Offícios divinos. Assim o confirmo João Gersão libro de *Oratione, & eius valore*, por estas palavras: *Sunt rarissimi valde inter homines tam religiosi, quam seculares, precipue in adolescentia, & iuuentute idonei ad contemplationis adaptionem. Propterea Sancti Patres videntes imperfectionem nostram; & attendentes, quam difficile est otio bono uti, voluerunt occupationem bonam dare hominibus suis, feceruntque hos in orationibus, & canticis multis.* Vendo os fundadores santos das religioes, quam poucos ha (ainda religiosos) dedicados a Deos, que aturem contemplação, & oração mental, & temendo os males que a ociosidade pode trazer, inuentaram esta santa occupação de coro em que juntos gastassem o tempo com proveito de orações, & canticos spirituaes.

Gerson,

Ainda que na instituição, & seruiço destes coros se pretendem os fins geraes, que dissemos; com tudo pera se chamar verdadeira oração de canto he necessario pretender cada hum dos que cantão atenção, & deução particular no que canta, do modo que a alma se disse da oração cantada em particular, a qual pode ser muitas vezes de maior nos effeito que esta de coros, dizendo de hũa parte hũs, & respondendo outros: porque esta variedade recrea ambas as partes assi os que cantão, como os que entretanto calão, alivia o trabalho, & dá alento pera se continuar por mais espaço o proprio canto; & cessando a lingua toma forças novas a alma. Em fim he este modo de cantar de parte a parte como hum desafio spiritual em que as almas se prouoção a louar em competencia a Deos nosso Senhor, ou exercitar qualquer outro acto de oração, & deução; o que segundo costume da Igreja se remata com canto de todos juntos com Antifonas pera declarar, & mostrar a concórdia dos animos com que cantão, ainda que cantem separados.

Tratado vigesimo quarto

Por outra parte fica a baixo o canto de coro ao canto particular, porque não sofre mais demoras, & sabores da alma em cada hũa das sentenças que se cantão, que o que o ponto, & compasso ordinario permite por ser de comunidade a qual em publico cada hum dos particulares se ha de acomodar, o que tanto se entende nos que cantão em quanto cantão, como nos que ouuem em quanto ouuem. E porque em hũs, & outros concorrem circumstancias particulares, pera sahirem com merecimento de oração, que aqui senão podem bem declarar, as reservamos pera os seguintes modos de canto em que ficará esta materia mais entendida.

CAPITVLO X.

Do quinto modo de Canto.

Quinto modo de orar por canto he não cantando, mas ouvindo, & assistindo com deuação, & animo de orar. Esta he a força, & virtude do canto, que não somente exercitado, mas ouvido, & sentido moue, & leua a alma apos sy. Que muito? pois ainda das feras irracionaes, & crianças de peito diz *Pres. in psal.* Santo Ambrosio. *Fere ipse, atque aues loci amenioris, aut modulatiois vocis delectatione mulcentur; lactentibus quoque parvulis sunt blanditio voluptatis.* Que se deixão vencer, & render da suavidade, & brandura do canto, & musica. Pera que he mais. *Delectatur* (diz o Santo) *cantico Deus, non solum laudari, sed etiam reconciliari.* O mesmo Deos estima com canto por suas obras ser louuado; com canto se abrande se está irado. Allude aos dous canticos de Moyses. Primeiro, *Cantemus Domino*, que fez na passagem do mar roxo. Segundo, *Audite caeli, qua loquor*, que fez ao pouo rebelde antes de sua morte pera aplacar a Deos.

Vindo ao particular, os que tem deuação de orar a tom de musica; o podem primeiramente fazer seguindo com a tenção do entendimento, afeito da vontade a propria letra, que se canta a qual sendo religiosa, & sagrada como se fopocem, de necessidade ha de pertencer a materia de meditação, propria do en-

tendimen-

tendimento; ou a afeito virtuoso da vontade; se for meditação sem duvida a alma com suavidade; & efficacia da musica ira juntamente tirando fructo de afeito santo; se for o proprio afeito sahira com mais força, & deuação. Ponhamos exemplo. Naquelle celebre canticos da Missa. *Gloria in excelsis*; as palavras, *laudamus te, benedicimus te; glorificamus te; gratias agimus tibi propter magnam gloriam tuam; Domine Deus Rex celestis, &c.* Pertencem a afeito de louvor; ouuindoas pois em coro de musica cantada, & seguindoas com animo de orar, sahirem com perfeita oração deste mesmo afeito, tanto mais inflamado, & leuantado, quanto a musica for melhor, & á alma mais agradavel. O mesmo será no Psalmo 112. *Laudate pueri Dominum, laudate nomen Domini.* Quando se ouir em vesporas cantadas, que tudo sahe do proprio afeito de louvor. O mesmo no Psalmo 41. do officio de defuntos, muitos versiculos do qual são perpetuas saudades, & esperança da gloria. O que impetos senté a alma; que aborrecimento da terra? que desejos de ver a Deos? quando leuada, & enlenada com a suavidade do canto, vai dizendo: *Quemadmodum desiderat cervus ad fontes aquarum, ita desiderat anima mea ad te Deus.* Psal. 41. A vós meu Deos desejo como as agoas o ceruo, que vai ferido com seta eruada: Sois Senhor fonte perene de agoas viuas, quando amanhecera o dia em que vos verei? Choraí dias, & noites olhos meus com saudades, em quanto o inimigo atreuido me lança em rosto onde está teu Deos?

Venhamos á meditação, da qual ainda que puderamos trazer muitos exemplos, bastará algũs dos que se cantão em vesporas solenes. O primeiro seja do Psalmo 109. *De torrente in via bibet propterea exaltabis caput.* No qual considerando como Christo nosso Senhor por beber, & se fartar das amargosas, & tempestuosas agoas de sua paixão, leuantou sua cabeça ao mais alto do Ceo Empyreo, podemos sahir com afeito de gozos, & parabéns ao mesmo Christo da gloria que possui; ou com afeitos de esperança, & desejos da mesma gloria, pelos proprios meos que Christo tomou, conforme ao movimento interior, que causar o canto. O segundo, do Psalmo 110. *Memoriam fecit mirabilium suorum misericors, & miserator Dominus: escam dedit timentibus se.* No qual meditando como o Senhor fez hũa

cifra

Tratado vigesimo quarto

cifra de suas maravilhas, em especial da obra da paixão na instituição do santíssimo Sacramento, sahiremos com o affeito de agradecimento, por tão assinalado beneficio. Terceiro do *Psalmo 111. Beatus vir qui timet Dominum in mandatis eius capit meritum*, em que meditando, como he nesta vida bemaqueiturado o que de tal modo teme a Deos, que não sahe ponto da guarda, & observancia de seus mandamentos; podemos romper em firme proposito, & resolução deste santo temor, & guarda de preceitos divinos.

Pertence sem duvida este modo de orar ao ultimo dos tres que nosso padre santo Inacio aponta no fim dos exercicios, & se chama de solegos, de que ja falamos. Pois a alma nelle vay seguindo os solegos, & compassos que se vsão no canto, que hũa vez são iguaes, outras designaes nos espaços de tempo, q̃ gastão, & ainda que todos são tão breues, que parece não dão lugar a alma pera formar bem os actos da oração, que o canto apresenta, em especial, quando são sentenças que pertencem a meditação, com tudo ainda nestas podemos da ligeireza do entendimento com que se comprehendem passar aos affectos da vontade, sopondo mais a meditação, que discorrendo nella; ou pera melhor dizer, passando com meditação virtual, & empregandonos em affeito actual. Mas de qualquer modo que seja a regra certa pera sahir a alma com fructo desta oração será deixar se leuar, & inseguindo a letra que se canta, seja qual for, sem fazer reflexão, se he de affeito, se de meditação; porque he tal a força do canto pera mouer affectos; que de hũa sentença, & cogitação composta, qual he esta do Credo. *Et homo factus est*. Ha ainda de hũa palavra, & cogitação simples; qual esta *Maria Virgine*; leuanta varios, & suaves affectos, suspende a alma com gozo, abraza de amor; retira de cousas terrenas; & leua as celestiaes. Fica este modo de orar muy facil, & recreativo por sua variedade, & suauidade; & podemos cõ rezão dizer que he mesaposta, & bãquere preparado de todos os sabores, & iguarias, pois o pasto do entendimento fica a cõta da letra, sem ser necessario inuotar; & o gosto da vontade a cõta do câto, sem necessidade de outros motiops pera excitar, & adoçar. E o q̃ nesta parte dizem os de quem sempre ouue igualmente, se ha de entender de quem cantando em coro a seus tempos cessa, & ouue.

CAPITULO XI.

Do sexto modo de canto.

O Sexto modo de orar por canto, he da mesma maneira, ouuindo vozes humanas, mas sem limitação, ou obrigação de letra, que se cante: ou porque se não entende, ou porque em effeito he canto sem letra, como acontece quando se faz por notas, que não tem significação; ou porque a letra he profana; & o que ora diuerse della o pensamento, aproveitando-se da harmonia, como quem lançando fora a casca toma a medula; ou porque ainda que seja a letra sagrada, não faz a propósito do que sente, & pretende. O mesmo corre quando o canto não de vozes humanas, mas artificiaes, como de órgãos, ffranças, violas, repiques. E ainda de vozes naturaes, como de aues cantoras, royxinoes, melros; em fim de criaturas infelizes, quebradas de agoas, som de bosques, & arvores tocadas com branda viração. Todo este genero de harmonia criou Deos, pera levantar a alma a seu criador; della se aproveitaram sempre varões santos, como se pode ver por seus exemplos, & nós de muitos modos nos podemos aproveitar.

Primeiro, será acôpanhado o canto, & applicado interiormente letra côforme algũa festa, ou solenidade prezente de q pretendemos sentir deuação; como em dia de Pascoa, a som de repiques, iremos interiormente dizendo. *Regina cali latare alleluya; quia quem meruisti portare, alleluya. Resurrexit, sicut dixit, alleluya.* Em dia da Ascensão, a som de trombetas, se as oumos. *Ascendit Deus in jubilatione, & Dominus in voce tubarum.* Da Assumpção da Virgem, ao órgão. *O gloriosa Dominus, ex celsa super sidera, qui te creauit prouide, laetasti sacro uentre. O gloriosa Senhora, levantada sobre estrelas, na terra dõde sobis, criastes ao criador.*

O outro modo será metendo letra, conforme ao affecto, & deuação interior, que ja sentimos: pera que, desta maneira se va sustentando, ainda augmentando em nossa alma. Assim succedeo ao bemanenturado são Francisco, q vendose cercado de dores

Tratado vigesimo quarto

na vltima enfermidade, de que morreo, & desejando acrescentar aliuio com louvores de Deos que fazia, pediu a frey Pacifico, que no mundo fora grande musico, & tangedor, cantasse, & tangesse. Não se atreuendo o religioso a pedir instrumento á gente de fora por não ser notado, o santo se acomodou, & soffreo. Mas Deos nosso Senhor querendo mostrar quão estima este modo de oração, mandou a seguinte noite hum Anjo que com tanta suauidade tocou hum instrumento junto ao aposento do santo, que pouco faltou pera se arrancar a alma do corpo. De modo, que tangendo o Anjo, metendo letra de louvores diuinos o santo dentro de sua alma, passaram da meya noite por diante bom espaço ao modo dos bemaumentados no Ceo.

Nem só tem força o canto pera causar na alma varios affeitos, & pensamentos santos na mesma, ou diuerfas materias; senão, que com hum só affeito, & cogitação da mesma materia pode por largo tempo suspender a alma sem outro pensamento, cuidado, imaginação, affeição de cousas da terra, que he perfeita, & verdadeira contemplação. Afsi a aquelle religioso no Mosteiro de Vilar de frades, em nosso Portugal, conforme a tradição antiga, que cõsiderando acabadas as Matinas no verso do Psalmo 89. *Mille anni ante oculos tuos tanquam dies besterna, quæ præterijt.* Tanto montaõ á vossa vista mil annos, como hum dia que passou; & pedindo a nosso Senhor graça pera sentir, & conhecêr a efficacia desta verdade; vio hua fermosissima aue diante de sy, que o foy enganando, como que se deixaua tomar, & pouco a pouco leuando atê o bosque, q era espesso; & aly começando a cantar com suauissima melodia, & harmonia, mais do Ceo que da terra, o detene sem comer, nem beber largos annos, só na cõsideração da vista, & fermosura de Deos. Foy mimo particular que Deos quis fazer a este santo; nõs de algum modo o podemos participar, acomodando como fica dito, nossos affeitos á suauidade do canto, não só em materias alegres, & de gloria, mas ainda nas tristes, qual he a consideração da morte, de que nos podemos por occasiões achar tão penetrados, que seja fruto particular da alma, ajudala com cantos tristes, que a Igreja vza, & ainda outros, á falta destes, metendo com a consideração interior as letras de defuntos de que seu officio está cheo.

Tem

Tem o canto, como ja disse mos, húa como força natural para levar apos sy a alma, despertando no entendimento, novas, & diuinas consolações, á semelhança do que ouuido percebe; & mouendo a vontade a affectos santos, conforme ao que o entendimento imagina, tudo com tal efficacia, que parece não são actos voluntarios, mas necessarios. A experiencia o mostra, q̃ estando nós muitas vezes descuidados, & como indifferentes na affectão da vontade, em ouuindo musica, subitamente nos achamos mudados com pensamentos altos, & do Ceo, & affectos de refresco santos, & deuotos, de modo, que parece não está em nossa mão cessarem, em quanto a harmonia da musica dura. Assim disse santo Isidoro. *Quauis dura sint carnalium corda, statim, ut psalmi dulcedo insonuerit, ad affectum pietatis animum eorum inflectit.* Por carnal, & duro, que seja hum coração, tanto q̃ ouue musica, se dobra, & abrande.

Lib. 3. de
summe bo-
noc. 7.

Vindo pois ao intento da oração de que tratamos, quando assim nos sentirmos leuados, & obrigados da efficacia do canto, que quimós, não deuemos buscar, & meter letras outras, senão as que o proprio canto pede, ainda que não sejam a propósito do tempo em que estamos, & aparelho, que dantes pera orar tiuemos, pois boa, & certa guia temos dada, sem duvida, por Deos, que toma estes instrumentos corporaes, a comodados a nossa fraqueza pera chegarmos com oração ao fim que de nós pretende. E por esta causa, sem duvida a deuemos contar entre as inspirações diuinas, a que não he licito resistir, antes fructo, & mererecimento grande aceitar, & seguir. Ainda que estejamos occupados em negoceos da terra, se Deos nos chama com a suauidade, & harmonia do canto, aproueiremos a occasião, cessando os negoceos, deixese guiar a alma por esta diuina inspiração. *Hodie (diz David) si vocem eius audieritis nolite obdurare corda vestra.* Pois Deos chama com musica, & boa vontade, sigamos a Deos de boa vontade, como fizerão os Pastores no Presépio, que ouuindo os Anjos cantar. *Et in terra pax hominibus bonae voluntatis.* Paz aos homens de boa vontade. *Venerunt festinantes;* com presteza, alegria, & boa vontade seguiram, & obedeceram. A elles leuou a musica a Deos feito homem, & nacido em presépio; a nós leuara a este, & outros obiectos santos, cõforme a efficacia, & virtude que Deos lhe puser. E se qui-
fermos

Psalm. 94.

Luc. 2.

Tratado vigesimo quarto

fermos de certo modo afeuiñar nesta materia. Canto sumido, & brando, & ouuido como de longe, leua á consideração, & contemplação da essencia divina; levantada sobre nossos sentidos; espelho em que obiectos mais delicada; & diuinamente se representa. Exemplo temos em Elias, ao qual Deos nosso Senhor na lapido monte Oreb, da maneira que podia ser deu vista de sy; não por meyo de vozes grandes, & poderosas que atroauão a montanha; mas de musica branda, & delicada. Porq̃ onde nós lemos, *Sibilus aure tenuis*; viração branda; o que tambem faz a nosso proposito; têm outra letra; *vox canentium in silentio*; que se ouuia musica, como de quem cantaua em silencio, que he o mesmo que musica sumida, & de camara, que escasamente se ouuia.

Canto de frautas prolongado, & vagaroso, grangea consideração de morte, afeito triste, & compassiua de defuntos, que por esta causa era usado antigamente na Palestina em semelhantes actos, como diz Iosepho historiador. Alexandre ab Alexandro, & outros. A nós basta o Euangelho em que contando são Matheos o milagre com que Christo nosso Senhor resuscitou a filha do Archisynagogo, diz. *Cum uisisset iherosolimes, & turbam tumultuantiem dicebat, recedite*. Mandou antes de resuscitar a defunta, sair os frautas que lamentaão sua morte.

Harmonias naturaes como de aues cantoras, excitão grandemente a alma a louar a Deos, pelo poder, bondade, & sabedoria que mostra em suas criaturas. Exemplo temos no bemaventurado S. Francisco, que em hum caminho que fez com frey Leão seu cõpanheiro, estando pera comer junto a hum bosque, & sem animo de então orar, começando a cantar hum royxinol, assi se mudou, que deixando a occupação de comer, rogou ao cõpanheiro se occupassem ambos em louvores de Deos ao som da musica do royxinol; & entrando como em competència, & enueja, rogou a frey Leão ajudasse tambem a câtar ao royxinol, pera elle com mór suauidade lograr louvores de Deos; escusándose frey Leão por não ter boa voz, o santo se foy reueizando com o royxinol, calando hum quando cantaua o outro, como se estivessem ambos em coro cantando a versos. Em fim gastada boa parte do dia em este santo exercicio, & vindo a tarde o santo se deu por vencido, & disse ao cõpanheiro. Pois nos

vence

3. Reg. 19.

ob. e. di. I

od omni

5. 207

Lib. 1. de bello. Ind. cap. 15.

Lib. 3. c. 7.

Matth. 9.

Crón. lib. 2.

cap. 39.

jeam 167

167

vence em louvar a Deos nosso irmão royxinol, demos alguma refeiçao ao corpo; que he tarde, & temos que caminhar. Assim o fizerão, cuidando tambem ao royxinol, que se chegou á mesa, & como disse o santo o merecia melhor.

He materia esta larga, & apraziuel, mas não sofre a breuidade do tratado correr todas as differenças de cantos, & combinar com elles, assim mesmo a variedade de objectos sanctos a q̃ podem lenantar a alma; deixemos tudo ao Spirito santo, que he verdadeiro mestre de capela, unico tangedor, que tocando os instrumentos com doce harmonia juntamente sabe, & pode tocar a alma, pera descantar com mór suauidade com elles; & sahir com deuacao, & consolação interior, que costuma communicar a seus escolhidos.

CAPITULO XII.

Do setimo modo de canto.

Setimo, & ultimo modo de orar por canto, he puramente interior, & mental; quando o que ora, nem exercita, nem ouue canto; mas interiormente finge com entendimento, & logra com a vontade o que a fima fica declarado. Esta he (como ja em outro lugar dissemos) a nobreza, & riqueza da oração, que sendo húa só encerra em sy a perfeição, & fructo de todas as virtudes. Estando encerrado em cubiculo, conforme ao Evangelho corre o peregrino com a adoração todos os santuarios, & estações do mundo. Sendo pobre por desapegamento de couzas terrenas, reparte com a charidade do proximo liberalmente a pobres. Sendo idiota conueene co a virtude da se ao herege, com a virtude da misericordia dá bom conselho, ensina o ignorante. E neste lugar onde estamos, calando com virtude do canto honra a Deos, ja formando no entendimento vozes suas particulares, com toda variedade, & harmonia, que podesja o faz a coros ouindo, & respondendo; em si sem ouir canto exterior no meyo de seu silencio, oue o interior de vozes humanas, de instrumentos musicos, & concorre da maneira q̃ pode com elles. Hora se acha em Igrejas onde se cantão vesporas, &

Cap. 3.

Missas solenes; hora em bosques que estão soando com doce harmonia de aues cantoras; hora junto a ribeiras, que com a quebrada das agoas fazem seu coro; & de tudo se aproueita, a tudo mete letra, ou composta, ou de nouo fabricada; parte do Ceo; parte das grandezas de Deos; da beleza, & fermosura da Virgem; de saudades da gloria, & mais materias, que apontamos. He o que disse S. Paulo, escreuendo aos Colossenses; *Psalms, hymnis, & canticis spiritualibus in gratia cantantes in cordibus vestris Deo*. Que nossos hymnos, Psalmos, & canticos sejam spirituaes, & interiores, que estes são os que mais agradão a Deos, destes depende o merecimento, & graça dos exteriores. O que bem declarou hũa voz do Ceo em tempo de Felipe Rey de França, filho de S. Luis, que cantando hũs Capitulares em certa Igreja na festa de hum santo, entrando em coro hum Sacerdote rouco, & desprezado, se ouuo esta sentença no fim das Completas. *Solus rancus auditur*, de que entenderam todos era este auentajado em deuacão, & musica interior, ainda que inferior na exterior.

*Exemplo pratico do canto exercitado com vozes humanas pera
com Deos em quanto Deos.*

Psalm. 107.

Paratum cor meum Deus paratum cor meum, cãtabo, & psallam in gloria mea. Aqui venho aparelhado grande Deos, pera vós dar nouo genero de culto, & gloria, que he com canto, & melodia, ainda que entro corrido, & defeonfiado, por auer de aparecer diante dos musicos do Ceo, que com diuina melodia nunca cessão de cantar vossos lououres. Mas da maneira que

Psalm. 13.

puder. *Exultabit cor meum in salutaris tuo; cantabo Domino, qui bona tribuit mihi; & psallam nomini Domini altissimi*. Saturei meu coração com jubilos de alegria, festejão a saluação, liberdade, saude, & vida, q me dais por vosso filho, cantarei os beneficios que me fazeis; cantarei vosso nome Deos altissimo; mas que farei Senhor que não chego, não tenho voz pera chegar a vós Deos altissimo? Daimo licença Senhor pera me ajudar de vozes mais altas, mais perfectas, & destras em vossos lououres.

Psalm. 94.

Venite exultemus Domino, jubilemus Deo salutaris nostro; praecurpemus faciem eius in confessione, & in psalmis jubilemus

Vinde

Vinde todos os que vos prezais de cantores da capela do grã-de Rey, celebremos com vozes sobidas, & bem entoadas seu nome, grandeza, & poder. A vós particularmête quero cõvidar Ananias, Azarias, Misael, mininos de vozes tão finas, & altas, q do meyo do forno, & confusão de Babylonia cantando. *Benedicite omnia opera Domini Domino laudate, & superexcaltate eñ.* Daniel. 3o

in secula. Chegastes; & fostes ouvidos no proprio Geo. com tanto aplauso, que o proprio filho de Deos se veyo meter em coro com vosco. O que musica tão suaue? O como me vay levando, & enlevando por mûdos nouos de vossa immensidade: O grande Deos, q como sois hũa perpetua fragrancia, & cheiro ao olfato de minha alma; hũ perpetuo jardim de flores a meus olhos, alsifois hũa perpetua musica, & harmonia a meus ouvidos.

O que admiravel musica esta, composta sem duuida de varias vozes altas, meyas, baixas, mas vnidas em tal proporção, & ordem, que fazem hũa sô harmonia. Em tudo reconheço a vós o grande Deos, & Senhor, que sendo diuiso nas pessoas. Padre, Filho, Spirito santo; sois a mesma harmonia, & unidade na essencia. Não sois, ô Padre Eterno a pessoa do Filho; nem vós Eterno filho, a pessoa do Padre; nem vós Spirito santo, sois Padre, ou Filho, mas como sois hũ Deos tendes a mesma harmonia de sentir, & querer, o mesmo poder, o mesmo obrar, sem que aja entre vós differença de pareceres, contrariedade de vontades, ou encontro nas obras.

Semelhante harmonia reconheço Senhor em vossos diuinos attributos, que a meu fraco entender parecem diuersos; mas na realidade são hũa sô consonancia, fazem hũa sô musica; & se encerrão em hũa simplissima essencia no modo que estas vozes se vem vnir em hũa sô harmonia com a qual, me deixai Senhor dizer, que he hũa mesma cousa, vossa sabedoria, vossa bondade, vossa charidade, & misericordia, omnipotencia, & fortaleza, justiça, & bemauenturança; mas entretanto offereço Senhor as vozes mais altas â charidade com que nos amais; as baixas â misericordia com que de nós vos cõpadeceis: as meyas ao poder com que este mundo inuisuel criastes, & governais. Ajudem Senhor do Geo os Anjos, & Serafins com seu canto; *Cum quibus & nostras voces, vt admitti iubeas deprecamur, supplici cõfessione dicentes, Sanctus, sanctus, sanctus, Amen.*

Præf. Mis.

Ecc

CAP.

Exemplo pratico de canto de instrumentos, exercitado com
Christo nosso Senhor.

Psal. 36.

Joan. 1.

Marc. 14.

Joan. 1.

Exurge gloria mea, exurge psalterium, & cythara, exurgam diluculo. He acolhida a noite, vem rompendo a manhã, he tempo cythara minha, salteiro meu, viola minha, de anticiparmos, & festejarmos o diuino sol de justiça, Christo Iesu, Deos, & homé verdadeiro. Leuantate primeiramente salteiro meu, & cõ tuas cordas corridas de alto abaixo, celebra os altos, & baixos do filho de Deos, que sendo a suua alteza de diuindade, se abateo a mayor baixeza de nossa humanidade; & com a correspondencia com que fazes triste harmonia, a pancada, ou pancadas do instrumento com que tejeston ferlindo, imita da maneira que podes o triste som, que esta fazendo no horto de Gethsemani o bom Iesu salteiro diuino, quando entoa. *Tristis est anima mea usque ad mortem*, lamenta o que faz quãdo entre as pancadas de paos tostados, & lâças de que vem armados seus inimigos: diz *Si ergo me queritis finite vos abire*; como se dissesse; sobre mim venhão as pãcadas, & feridas de vossos instrumentos; era mim se exercite, esta descomposta, & desentoadada harmonia das treuas infernaes, & nenhum dos meus toqueis. E pois sem nenhum respeito os inimigos lanção por terra, pizão aos pès tão diuino instrumento, cahe tambem de minhas mãos salteiro meu com dor te quebra, acaba, & emmudece.

Exurge cythara mea: leuantate cõ tudo cythara minha, & entesada cõ cordas duras de metal, tocada cõ instrumento de pena; celebra cõ vozes brandas, & dolorosas as penas, & tormetos de q̃ esta cercada a cythara celestial Christo Iesu, quando atado a hũa coluna, cõ cordas tesas, & ataduras de metal he ferido com cadeas nãdas; atê derramar sangue por mim. Tépera cythara minha cõ a branda suauidade de tuas vozes o horriuel estrondo dos açoutes com que esta soando a sala de Pilatos. Não canfes, nem cesses cythara de sahir cõ mil vozes, & mudas todas lamentaueis, pois a lamentaue harmonia dos açoutes não cessa, nem cessará atê não chegaré a passará de cinco mil. Mas pois a diuina cythara ja desatada, & desecordada cahe desfalecida ao pé da coluna, quebremse tuas cordas de metal cythara minha, & quebremse as de carne do meu coração de pura dor.

Exurge gloria mea. Agora cabe teu lugar viola minha, leuantate

tate á honra do passo, em que a viola celestial o bom Iesú foy
 levantado ao alto da Cruz, pera daly dar musica divina, & leuar
 cõ suauidade todo mundo. ápos sy: & pois tão asperamente foy
 tocado da mão de Deos, pera algum aliuio de vossas dores, &
 alento de meu amor, descantemos de parte aparte; vós padecẽ-
 do por amor de mim, eu compadecendome de vós; mas com
 desigualdade de instrumẽtos. Eu em instrumẽto rude, & grossey-
 ro; vós em instrumento delicado, & artificioso. O meu he laura-
 do por mãos humanas, em officinas da terra; o vosso por mãos
 diuinas do Spirito santo na sagrada officina da Virgẽ Senhora.
 He composta minha viola de pao, & cordas entezadas; estais o
 viola diuina nesta postura vnida cõ hũa Cruz de pao; as cordas
 de vossos neruos, & veas entezadas, não cõ cravosinhos delica-
 dos como as minhas, mas tão duros, & aspẽros, q̃ rompẽdo pês,
 & mãos estão esgorando todo o sangue de vosso corpo. Tem
 minhaviola espelho laurado, a põta de ferro aberta, de maneira,
 q̃ as vozes q̃ recebe tocadas as cordas, torna outra vez rebater
 cõ harmonia a meus ouvidos. O vosso espelho, ò viola diuina he
 vosso lado, abetto á ponta da lança; de maneira, q̃ entrando por
 elle a voz de hum bom ladrão, pedindo gloria, & paraizo, torna
 rebatida a soar em seus ouvidos. *Hodie metum eris in paradiso.*
 Mas ay q̃ com a fôrça de tão duros, & multiplicados toques da
 mão tangedora, ou castigadora de Deos, se quebrão as cordas,
 & o instrumento, se acaba, & desfaz a diuina harmonia, com o
consummation est; & desfeita ella, cõ dor se desfaz a do mun-
 do todo. Os Ceos se reuoluẽ com movimentos contra ordem
 da natureza; o sol claro se eclypsa; a terra contra sua firmeza
 se abala, & estremece; as pedras peizadas se arremessaõ hũas a
 outras p'io v'ro do Templo se rasga; & as proprias sepulturas
 consumidoras de corpos humanos, os lanção de sy inteiros, &
 viuos. E pois ao desconcerto da harmonia do Criador, a de
 toda criatura, tu viola minha de pura dor te desfaze, & quebra;
 não soem mais tuas vozes em meus ouvidos; passẽmos em silen-
 cio a vida á honra de tão lastimosa morte.

E porque não falte instrumento, que não faça coro de culto,
 & gloria a seu Criador; vinde todos os tangedores destros com
 variedade de vozes, que sabeis. *Laudate eum in sono tubæ;*
laudate eum in tympano, & choro; laudate eum in chordin; &

Ioan. 19.

Ioan. 19.

Matt. 27.

Psalm. 150.

Tratado vigesimo quarto

orgão; laudate eum in cymbalis bene sonantibus; laudate eum in cymbalis inibilationis: Omnis spiritus laudet Dominum. Tocai trombetas ao que em dia de sua Ascensão. *Ascendit in voce tuba.* Sobê com som de trombeta; no dia do Juizo a som de trombeta decerá, tocai tambores, frautas, & orgãos ao que tomando carne humana, ficou suauíssimo órgão da diuindade; pois por sua doutrina, & palauras, suauissimamente quis comunicar ao mundo o conhecimento de seus diuinos mysterios. Repicay com alegria, & festa sinos de fino metal, & prata ao que em dia de sua gloriosa resurreição sahe triunfador da morte, & inferno pera reynar por toda eternidade, Amen.

Exemplo pratico de canto rustico de criaturas irracionais á Virgem Maria nossa Senhora.

A Partado de homês, fugindo do reboliço do mundo, me quero retirar cõ vosco Virgem sacratissima a este deserto pera aqui á sombra destes arvoredos; á borda deste rio; á vista destes rochedos, vos honrar, & celebrar com cantos sylvestres, & solitarios, semelhantes a aquelles entre os quaes nascestes na casa de campo de vossos pays Ioachim, & Anna. Esta harmonia natural, q̃ fazem as folhas dos olmos, & fayas, tocadas da viração branda, offereço eu d'artore da vida á suaue harmonia, que fizerão as folhas brandas de vossas deuotas palauras, quando tocada da viração do Spirito santo respõdestes ao Anjo embaixador. *Ecce Ancilla Domini, fiat mihi secundū Verbū tuū.* Os baldos delgados dos cordeiros, & os grosseiros das mãys, que por estes oiteiros pascem me leuão a alma, & sentido aos oiteiros de Belem; & me estão representando os ays do cordeiro minino Iesu, que está chorando; & os vossos de mãy amorosa, q̃ o estais com vosso precioso leite a pascendo. A variedade de foyxinol, q̃ estou ouindo, ja subindo ao alto, ja decendo ao baixo cõ admiravel harmonia; seja o filomela diuina á honra do deuoto cantico com q̃ nas montanhas de Iudea visitando S. Sabel, ja tobis ao alto da diuindade; dizendo. *Manifestauimus uia Dominum;* ja ao baixo da humildade, entoando. *Respexit humilitatem meam Deus Israel.*

Cant. 2.

Luc. 2.

Luc. 2.

Psalm. 41.

Thren. 2.

Vox turturis audita est in terra nostra. Que cantos tristes são estes com que polinhas queixolas andão voando, & gemendo no alto deste arvoredo? Sem duvida representação, ô colinha divina os gemidos interiores de vossa alma, com que offerecestes no Templo, ôllo pombinho ao eterno Padre, para ser sacrificado na morigade no monte Caluário, do q ali mesmo oupistes a lamentavel Profecia de Simão, quando disse. *Quantus ipsius animam pertransibit gladius.* Que trespassaria espada de dor vossa alma. Alcançai-me Senhora desse mesmo filho, que como rola solitaria chorando, gema; & gemendo chore todos os dias amargamente pecados que cometeu; penas que por mim tomou.

Este foido saudoso, q se ouve por entre estas pinhaes corridos de ceto nãis esperto, me trazem a memoria, os queixumes saudosos cõ q tres dias andastes em busca de vossô minino Iesu perdido, até q achando o no Téplo entre os doutores, fizestes o ultimo queixume. *Fili quid fecisti nobis sic, dolentes querebamus te;* o mesmo farei eu em busca delle, & devòs, em quãto se me diz. *Vbi est Deus tuus?* Onde está teu Deus? onde está a mãx de teu Deus.

O rio correte vay embora quebrando tuas agoas negres duras, & asperos penedos, faze som lametavel, & ariste em memoria das lamentações da Virgê na paixão, & morte de seu filho. Aceitay ô Virgê sacratissima as vozes desta rustica criatura, & a minha q a ella quero também ajutar, lamentado cõ o Profeta Jeremias. *Magna est velut mare contritio tua, quis medebitur tui?* Q q agoas de dor tresbordão, sabem nesse peito? q ondas tão empoladas se quebrão nesse coração, quãdo vedes espirar vossô filho a força de tormentos. Ia vossas dores não são quebrada de rio pequeno; mas quebrada forte, & brados de mar Oceano, em largas prayas, & altos rochedos. Mas eu entre tão ao som deste pequeno rio, lamentarei assi vossas penas, como minhas culpas, que foram causa dellas.

Mas que nova harmonia he esta de pintafilgos, royxinoes, melros, & anes pintadas, cõ que de repente soa todo este arvoredo, & môranha? he sem duvida alvorada, que se dá festa que se faz a vòs ô Virgê na alegre resurreição de vossô filho, & ainda q as vozes são varias, todas parece soã em musica conforme. *Regina celi latare alleluia; quia quem mervisti portare, alleluia. Resurrexit sicut dixit alleluia.*

TRATADO XXV.

Do Sacrificio, & oblação. Nona especie, ou acto da virtude da Religião.



Tè aqui parece tratamos de honrar a Deos com palauras, & comprimentos religiosos, como são louvores, acções de graças, adorações, &c. resta tratar como o honraremos com obras, que são de nossos bẽs, officio proprio da virtude da oblação, ou sacrificio.

CAPITULO I.

Da significação, antiguidade, & dignidade da oblação, & sacrificio.

A Inda que estes dous termos sacrificio, & oblação se tomão muitas vezes pelo mesmo, & nõs delles ao diante indifferentemente usaremos; com tudo em rigor oblação comprehêde mais cousas; sacrificio, menos. Todo sacrificio he oblação; mas não toda oblação sacrificio. Oblação he virtude com que offerecemos a Deos algũa criatura das q̃ estão em nosso poder, em reconhecimento de sua grandeza, & excelencia; em testemunho de seruidão, & vassalagem, que deũmos; em fim por causa de qualquer titulo, porque se deue honra a Deos: sacrificio he virtude que offerece as mesmas criaturas, mas com algũa consagração, ou mudança das proprias criaturas, feita a honra de Deos, como eraõ na ley velha os sacrificios de animaes, que se matauaõ no Templo.

De qualquer modo, que seja he esta virtude tão natural ao homem, que logo do principio do mundo, os dous primeiros q̃ nasceram; Caim, & Abel a exercitaram, offerecendo de seus bẽs a Deos

2.2. q. 87. ad.
1. ad. 1.

Cap. 23.

Isai. 1.
Psalm. 39.

Psalm. 104.

Philo.

Deos, o que he prouavel, como diz santo Thomas, aprenderam de seu pay Adão. A mesma correspondencia tiuerão os mais Patriarchas, assi da ley natural, como escrita; dando ordinariamente Deos mostras, que se agradaua de seus sacrificios. Nem somente os aproou, mas tambem na ley escrita deu delles preceitos, como cõsta de muitos lugares da Escritura. A rezão assi o pede, pois este modo de honrar a Deos, não somente he alheo de toda indecência, & desordẽ, mas muy acomodado pera mostrar o verdadeiro reconhecimento da diuina excelencia; & como tem seu fim tão religioso, & santo não pode deixar de leuar todas as circumstancias, que agradão a Deos. He justo que vassallos paguem tributos a seus Reys, em reconhecimento da sojeição, que lhe deuem; mais justo sem duuida que reconheçamos o Rey dos Reys, offerecendo como tributo ao menos parte de nossos bẽs: que por isso manda no Exodo. *Non apparebis in conspectu meo vacuus.* Sempre apareçamos com daduias na mão em seus templõs, & altares. Mas o grande Deos, que necessita de tendes de nossos bẽs? que proueito tirais de nossas daduias? não sois vós o Senhor de tudo, que nos desenganais por vossos Profetas. *Sanguinem taurorum, & bircorum nolo. Nunquid manducabo carnes taurorum; aut sanguinem bircorum potabo?* Que não tem vossa mesma necessidade de nossas carnes; que não são vossos banquetes de ignarias da terra. Assi he, que por isso disse Dauid. *Holocaustis non delectaberis.* Mas he tal vossa bondade, tão excessiuo o amor que nos tendes; que pretendendo em nossos sacrificios mais proueito nosso, que vosso, dais com tudo preceito delles; pera que obrigados nós a offerecer, vos obrigueis a vós mesmo a nos fauorecer. Assi o confirma Philo Alexandrino no liuro dos Sacerdotes. *In sacrificijs offerentium utilitati prospicietur. Dum enim assuescunt, semperimenti partem Deo decidere, nunquam in eius obliuione veniunt. Qua re nihil in vita potest contingere felicius homini.* Nos sacrificios que se offerecem, mais tem Deos o olho no proueito de quem offerece, que no proprio dom que se offerece. O mesmo acto de dar a Deos parte dos bẽs, q possuimos refresca a memoria, & lembrança do autor, por cujo beneficio os possuimos, que he o mór bem, & felicidade da vida. Ia se a daduia que se offerece, se ajunta algũa cerimonia sagrada, do modo que em

seu lugar se dirá, ou de alguma maneira se consume, & mata; fica
acto, q̃ claramente exprime, & mostra o supremo poder de Deos,
de que depende o ser, & vida das mais criaturas, que he grande
gloria, & honra do mesmo Deos. Mas nós digamos de cada hũa
destas cousas em particular, pera em fim chegarmos ao intento
da oração que tratamos.

CAPITULO II

Da oblação em particular.

Partindo da diuina q̃ fazem a Deos em oblações simples, &
sacrificios, trataremos p̃meiro neste lugar das oblações,
com as quais he de se que se dá culto, & honra a Deos; como se
colige claramente de varios lugares da sagrada Escritura, &
tradição da Igreja; q̃ por abreviar deixo; & vindo aos diuersos
modos com q̃ estas oblações se podem fazer. O primeiro será
cô q̃ fies costumão por mãos dos ministros da Igreja offerrecer
frutos da terra, & copias semelhantes, não cō animo de alcáçar,
mas de santificar; como cenomônias, & bênçãos dos Sacerdotes;
ou de outro modo, & leuar outra vez pera uso de deuacão, & at-
mas cōtra inimigos, & tentações. Destas falou Graciano no De-
creto, quando disse. *Vnas seorsum benedictas populus, qui potuerit*
accipiat; & fructum in gratias agat. Que se benção até vvas, pera
se distribuir ao povo a effeito de deuacão; cō a qual tambem se
offerrecem ramos em seu dia; cirios na festa da Purificação q̃ se
côseruaõ, & vsão cōtra tormetas, répestades, & pestes. Mas co-
mo estas cousas se offerrecem mais pera impetrar santificação q̃
fazer doação, não merecem na realidade nome de oblação, &
pertencẽ sem duvida a outra virtude, de q̃ avdiante falaremos.
O segundo modo da oblação mais proprio he com que fies
fazem doações de bẽs, modeis, ou raiz em morte, ou vida a lu-
gares pios, & Igrejas, pera fabrica de ornamentos, altares, edifi-
cios, & sustentação de ministros, & Sacerdotes. Mas como se
não offerrecem com especial culto immediatamente a Deos, ou
santos, & se dão como esmolas, são oblações menos proprias,
aiuda que em rigor se podem contar por verdadeiras; pois ao
menos mediate, & remotamente se offerrecem a Deos, que he o
motiuo

motiuo de se darem, com tal condição, que as pessoas a que se derem sejam sacerdotes, ou ministros de Deos em ministerios, & officios spirituaes; sem fim de algum modo de purados ao serviço, & culto diuino, & oração, doutra maneira não serão oblações verdadeiras, & religiosas.

Quinto modo de propria, & simples oblação he a que se faz immediatamente a Deos ou santos com propria intenção, primariamente a elles dirigida como he tudo o que se offerece nos altares diante das imagens a tempo da missa, como pão, cera, incenso, & cousas semelhantes. Mas nós da materia da oblação, que são as cousas que se deuem offerecer em particular, diremos adiante; por hora passemos ao sacrificio em que ha mais difficuldade.

CAPITULO III.

Da definição, & natureza da virtude do sacrificio.

Porque a virtude do sacrificio acrescenta sobre oblação mudança na cousa, que offerece podemos declarar sua natureza com esta definição tirada do modo de falar dos doutores, & sagrada Escritura. *Sacrificium est externa, & sensibilis actio, qua res aliqua Deo offertur, ut legitimo, ac solempni ritu in Dei honorem, & cultum aliquo modo immutetur a publico, ac legitimo ministro.* Sacrificio he virtude, que com acto exterior offerece alguma cousa á honra de Deos, por mão de ministro legitimo, & publico; de modo que haja mudança na cousa que se offerece com alguma cerimonia solene.

Seis cousas principalmente se hão de considerar nesta definição. Primeira, a pessoa que offerece sacrificio, que de necessariamente ha de ser legitimo ministro; a que S. Paulo escreuendo aos Hebreos chama Pontifice, ou sacerdote. *Omnis Pontifex ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in his, qua sunt ad Deum, ut offerat dona, & sacrificia, &c.* Todo Pontifice eleito escolhido do mais numero de homens he para bem dos mesmos homens, & tem por officio offerecer deões, & sacrificios a Deos. Se a eleição não for legitima não será legitimo ministro, & em lugar

Tratado vigesimo quinto

Epist. 126.
ad Euag.
1.2.q.103.
art. 1.

lugar de sacrificio fará sacrilegio. Na ley da natureza por autoridade divina, e u tradição humana erão ministros legitimamente morgados, & Principes das familias, como diz S. Ieronymo, & S. Thomas. Na ley escrita por mandado de Deos foi destinada pera este officio a tribu de Leui, & familia de Aram, & como por herança vinha de pays a netos, & descendentes. Na ley da graça por authoridade de Christo se elegem sacerdotes, por legitima, & verdadeira consagração. Outra condição do ministro de sacrificio he, que seja publico, & não particular, que he o mesmo, que dizer, que seja posto no officio por authoridade publica da comunidade, ou republica, que particularmente se deue ajuntar em hum corpo pera dar culto, & honra vnida a Deos; o que principalmente se faz por sacrificios, & por conseguinte por ministros pera isso da propria comunidade escolhidos, & deputados. Não negamos, que podem pessoas particulares vzar sacrificios proprios pera effeito de sua deuação, & saluação; mas como não são sacrificios solenes, não merecem nome de sacrificios segundo o vzo comum, nem os que exercitão titulo de ministros, pois não offerecem em nome da comunidade.

de Cínit. lib.
3. cap. 27.

Segunda cousa he pessoa a quem se offerece sacrificio, que principalmente he Deos considerado, como Senhor excellentissimo, verdadeirissimo; dignidade suprema, perfeição summa; primeiro principio, fim vltimo, poder independente sobre todas as cousas. Por ser este o termo, & fim vltimo do sacrificio, disse S.

10. de Cínit.
cap. 19.

Agostinho. *Sacrificium, est ab homine offertur, res tamen diuina est.* E na epistola 49. quaest. 3. *Sacrificium non nisi uni vero Deo offerri debere, veraces, ac sacre litera monent.* Sigamos o preceito das sagradas escrituras, que mandão não offereçamos sacrificio senão ao verdadeiro Deos. E porque o demonio sempre foi tocado da ambição de excellencia, & dignidade diuina, em todo tempo pretendeo, & pretende dos homens sacrificios, que a pro-
testão. *Dæmones* (diz S. Agostinho) *non cadauerinis, sed diuinis honoribus gaudens.* Não estima o demonio o sacrificio pello perfume, que se levanta, mas pella honra, & dignidade a que se levanta. Esta he a causa porque Deos ordenou sacrificios com ceremonias de morte de animaes, pera mostrar que tudo está de baixo de seu poder, morte, & vida de tudo quanto criou; ainda animaes que são criaturas mais perfeitas; & do proprio ho-
mem,

mem, que he mais perfeito, que todas he Senhor absoluto. Por onde no Leuitico mandaua, que o ministro pusesse a mão sobre o animal que sacrificaua; como quem se sacrificaua no animal, & em sy mesmo protestaua este poder, & excelencia diuina. Sacrificio desta maneira feito em protestaço, & reconhecimento de suprema excelencia era o mais perfeito de todos na ley velha, & chamauase holocausto que quer dizer todo abra- zado, & euaporado; porque tudo nelle se consumia, & abraza- ua pera mostrar, que tudo o que ha na criatura he de Deos; & tudo se ha de offerecer, & consagrar á sua gloria, & louuor. Os mais sacrificios não sòmente erão inferiores, mas de certo modo podemos dizer que não erão puramente sacrificios por nacerem de outras virtudes a cujos fins particulares se ordena- uão. Hostia *pro peccato*, que se offerencia a fim de alcançar per- dão de pecados era propriamente acto de penitencia; não por- que bastasse pera alcançar remissão interior quanto á culpa, mas quanto a pena, conforme a disposição, & contrição de quem offerencia. Hostia pacifica que seruia de mostrar agar- decimento por beneficios recebidos, era acto externo da vir- tude da gratidão, de que a sima falamos. Sacrificio impetra- tivo pera alcançar algũa merce, & beneficio de Deos, excepto perdão de pecados, era virtude de petição, ou outra conforme ao fim. De qualquer maneira que seja todos estes quatro ge- neros de sacrificios, que hauer na ley escrita, se achão perfei- tissimamente recopilados no sacrificio vnico da ley da graça da Eucharistia. He Holocausto que principalmente se celebra em reconhecimento da excelencia diuina. Propiciatorio em sa- tisfação de nossos pecados. Pacifico, ou Eucharistico, por ser em reconhecimento da fonte dos beneficios, que he a payxão de Christo nosso Senhor. Impetratorio, por se offerecer nelle o proprio Christo, no qual, & pello qual deuemos esperar, & pre- tender todos os beneficios diuinos.

Terceira causa he pessoa por quẽ se offerrece sacrificio; q̃ cõ- forme ao q̃ dissemos não tẽ lugar no holocausto, q̃ todo se occupa na gloria, & honra de Deos; mas no beneficio propiciatorio, & impetratorio, que se fazem por pecadores, & necessitados con- forme ao que dissemos tratando da virtude da petição; por on- de não ha que acrescentar neste lugar.

Quarto

Leuit. 3.

Leuit. 1. 3. 4.

Leuit. 6.

Numer. 6.

Numer. 15.

150

Quarto he a materia que se ha de offerecer no sacrificio, que he necessario ser solida, & permanente, qual o cordeiro, pomba; não transeunte; como falar, bater nos peitos, &c. porque não sejamos constangidos confundir sacrificio com outras especies de religião. Não he assi, que quando louvamos a Deos offerecemos palauras: quando adoramos offerecemos inclinação de corpo; golpes de peitos, & ajoelhações de pés, tudo em reconhecimento da excelência; & grandeza de Deos? Pois como, não são estes actos verdadeiro sacrificio; mas hum delles louvor, outro adoração? sem duuida a causa he por se offerecer nelles materia, não permanente, mas transeunte; & serem mais verdadeiramente acção, que oblação; mas isto examinaremos mais ao diante quando tratarmos do sacrificio particular. Nem basta no sacrificio ser a materia permanente, senão que he necessario auer nelle mudança quando se offerece, com a qual, ou morra, como quando o cordeiro se degola; ou se abraze, & consuma; como quando outras cousas se lanção no fogo á honra de Deos; o qual como não tem necessidade de nossos bês, nem pode delles adquirir dominio como se dantes o não tiuesse; sò por este titulo os podemos dar, & offerecer, que he mudando, consagrando, ou consumindo tudo em seu louvor, & honra com acto directamente dirigido ao mesmo Deos; por ser culto immediato de sua excelente, & suprema magestade; por onde não se pode chamar sacrificio o que se offerece a ministros consagrados ao serviço de Deos, mas he necessario se offereça immediatamente ao proprio Deos, ou santo, cuja honra, & gloria se pretende. Quanto á variedade da materia, ou he de animaes, & se chama victimas; ou de fructos da terra, & he immolação, ou de liquores, & he libamento.

Quinta. He acção com que se offerece a materia a Deos com alguma mudança, ou consagração, que principalmente consiste em morte de animaes, effusão de sangue, abraçamento de fogo; como ordinariamente se fazia na ley velha. Mas não auemos de negar que tambem se pode fazer com menos mudança; como succedeo a Melchisedech sacerdote, de quem diz o sagrado texto, que offereceo sacrificio em materia de pão, & vinho, em que não lemos ounessa abraçamento de fogo, ou semelhante mudança, saluo com alguma benção, ou cerimonia se desfez o pão, se

derra-

derramou o vinho; ou em vasos sagrados se levantou diante do conspecto diuino; & se em algũs sacrificios se vzaua comerem, & gastarem os sacerdotes, & pouo parte do que se sacrificaua, não era acção propria de sacrificio, mas cerimonia accidetaria com que se significaua a real benignidade com que Deos admitia os homẽs a participação, & comunicação das cousas diuinas; & de certo modo os punha com sigo à mesa dandolhe por iguarias as proprias que a sua diuina magestade se offerceão. Así o sente S. Paulo, quando escreuendo aos Corinthios, diz. *Qui edunt hostias, participes sunt altaris.* De modo que a propria acção do sacrificio, parte se pôde chamar mutatoria pella mudança de morte, ou abraçamento que exercita na causa offercida; parte, sagrado em quanto se faz por ordem diuina, & pera significar a excelencia de Deos; parte offerta, em quanto offerre-se á honra, & culto diuino a cousa que se offerrece.

1. Cor. 10.

Sexta. He altar, que ainda que seja extrinseco aos sacrificios, sempre na sagrada escriptura, & vzo comum se acha destinado pera nelle se offercerem. Por onde disse S. Agostinho. *Sicut sacrificium soli Deo offertur, ita & altare solum in diuinum honorem erigitur.* Sò a Deos se faz sacrificio; sò a Deos se levanta altar. E de Noe diz a Escriitura, que auendo de offercer sacrificio acabado o diluuió, primeiro levantou altar ao Senhor. He o sacrificio acção sagrada, solene, & publica; demanda pois lugar sagrado em que se exercite, em que levantada a materia do sacrificio; & como separada do vzo profano, & comum, se offerça a Deos. Este se chama altar, a que responde o Templo lugar mais capaz que possa recolher a multidão, que ordinariamente concorre ao sacrificio.

20. contra
Faufto. l. 1. c. 21.

Genes. 8.

Ainda que nos sacrificios humanos ordinariamente se achão diuerfas estas cousas, que apontamos; porem no altar, & sacrificio verdadeiro da Cruz o proprio Christo era o ministro, & Pontifice, que offercia; materia, ou hostia offercida, em quanto Deos a sy mesmo offercia, em quanto homem offercia de algum modo por sy, não sacrificio propiciatorio pois era isento da necessidade do peccado; mas pacifico de louvor, & acção de graças; & impetratorio de gloria, & claridade de seu corpo. Chama-se propriamente sacrificio cruento pello sangue que nelle se derramou, figurado pella victima de animaes; como tambem o que

o que offereceo na noite da Cea, incruento, figurado nas immo-
lações, & victimas de que a fuma difsemos.

CAPITULO III.

Do sacrificio Eucharistico em geral.

DEclarada a natureza, & propriedades do sacrificio, resta
tratar do supremo, que he o da ley noua, & Igreja de Chris-
to, na qual he de Fè Catholica, & verdade hauer sacrificio pro-
prio, & verdadeiro, & externo com que o pouo Christão honra
2 Deos. nosso Senhor. Colligese claramente esta verdade do cap.
12. de Daniel, onde falando dos vltimos tempos da Igreja em
que reynará o Antichristo diz, que cessará o sacrificio perpetuo,
que d'antes auia; o que se não pode entender do interior, & in-
uisivel, de que a diante diremos: porque esse sempre florecerá
nos corações dos Christãos; & com mais força no tempo do
Antichristo. Mais celebre he o lugar de Malachias. *Ad vos d' sa-
cerdotes, qui despicitis nomen meum, & offertis super altare meum
panem pollatum, & cecum, claudum, ac debile immolatis; non est
mibi voluntas in vobis, dicit Dominus exercituum; & munus non
fufcipiam de manu vestra; ab ortu enim vsque ad occasum mag-
num est nomen meum in gentibus, & in omni loco sacrificatur, &
offertur nomini meo oblatio munda.* Como se disse. O sacerdo-
tes da ley velha descontente estou de vós, não accito vossos sa-
cificios, que são de pão immundo, dos animaes peyores do
rebanho. Entre a gentildade sou honrado, & venerado com
sacrificio puro, & limpo, que em todo o mundo me offerecem.
Onde mostra Deos claramente a reprobção dos Iudeos; o
fim, & acabamento das ceremonias, & sacrificios legaes; a
vocaçao da gentildade ao premio da Igreja, & sacrificio da
Eucharistia, que nella aueria. O que tudo o Profeta pinta como
presente pella certeza da verdade, antepondo o sacrificio da ley
noua ás ceremonias da ley escrita, assi por rezão de lugar, que
não he limitado a hum templo, como era o Iudaico; como pella
pureza, & limpeza, alheio do sangue, & fezes de brutos animaes,
de que as mãos dos sacerdotes, & altares estauão cheos; pois o
nosso

nosso sacrificio tem limpeza exterior de especies de pão, & vinho, que com facilidade, sem matanças, & effusão de sangue se preparam; mas particularmente tem a interior, por rezão do q̃ nelle se offerece, & de quem principalmente o offerece que he o mesmo Christo, cuja santidade he fonte de toda a santidade, & pureza; & faz o sacrificio de preço, & valor infinito; a que não pode prejudicar a malicia do ministro menos principal, que he o sacerdote por mão, & pecador que seja; o que não era nos sacrificios da ley velha, que podião perder todo o valor por malicia, & pecados dos que offerecião.

Deixo outros lugares do testamento velho, & nouo, autoridades de santos, que prouão a verdade do nosso sacrificio, baste esta rezão. Como he possivel, que ornando Deos a ley da natureza, & escrita com santidade, culto, & multidão de sacrificio, sô a ley da graça, que he a principal ficasse nesta parte inferior, & imperfecta? sem duvida se o sacrificio he proprio de comunidades, que professão fogueição a Deos; & ainda não chegaram ao estado da bemaenturança; & tem necessidade de se ajudarem dos sentidos, & liniaes exteriores, tudo concorre na republica Christã, & Igreja de Christo onde a graça não sô não destrue as obrigações da natureza, qual he a do sacrificar, mas a perfeioa, & aumenta. Nem basta o sacrificio que Christo nosso Senhor de foy, & por foy offereceo na Cruz pera nos desobrigar os que viemos na ley da graça d'outro particular sacrificio; porque ainda que o de Christo na Cruz foy bastante pera nossa redenção não foy pera comprimento da obrigação com que deuemos culto a Deos; porque o da Cruz, nem antigamente no Caluario, nem oje sensuamente offerecemos: & ainda que o mesmo Christo que no Caluario se offereceo he o mesmo, que offerecemos debaixo de especies visuaes, com tudo a oblação de necessidade he differente, pois aquella foy cruenta com effusão de sangue; a nossa inrueta sem sangue, que sô hũa vez se pode, & deuia derramar. Pera mais declaração desta rezão se aduirta, que ainda que o merecimento, & satisfação de Christo na Cruz foi infinita quanto á sufficiencia; não foi quanto á efficacia. Por que seus merecimentos não se applicão a nossa salvação somente pela Cruz em que se acharam, mas são necessarios outros meos por onde se applicuem. Elles de nossa parte são obras feitas com auxilio da

da graça diuina ; da parte de Christo são sacramentos, & o sacrificio propiciatorio por onde se nos dá este fruto de sua sacratíssima payxão. Daqui se conuençe a pertinacia de hereges de nosso tempo, que tirão da Igreja de Christo sacrificio propiciatorio de pecados dizendo, que se faz com elle injuria ao grande sacrificio da Cruz de Christo como se fora imperfeito, & menos sufficiente pera nos saluar. Não he injuria que se faz a Christo acrecentarmos sacrificio propiciatorio a sua payxão, pois a applicação que por elle se faz, não nace de falta, ou defeito, mas de efficacia, & força da mesma payxão ; pois não somente por sy pode obrar, mas ainda communicar a outras cousas força pera obrar: & este foi o modo mais conueniente, que a diuina providencia pode achar pera gouernar, & dirigir os homês ao fim de sua saluação. Os sacrificios da ley velha, nem de sy tinham virtude pera perdoar pecados ; nem pera se aplicar por elles, como por meyo, virtude, ou satisfação ja feita por outro mayor sacrificio ; somente erão sombra, & figura do que ainda Deos hauia de fazer ; quando muito tinham preço de obra virtuosa meritoria conforme a intensão, & estado do que o fazia.

O sacrificio da Cruz de Christo foi tão perfeito, & diuino, q de sy teue valor, & virtude sufficiente pera tirar pecados ; foy preço de nossa saluação tão rico, que nada lhe falta ; nada se pode a elle acrescetar. O nosso sacrificio da ley noua fica em meyo, não se offerece pera aquirir nouo preço, mas pera aplicar o ja aquirido ; o que sem duuida não somente não deroga a copiosa redenção de Christo nosso Senhor antes aplicada a nós a leuanta, & de certo modo aperfeçoa. E deste fundamento se pode tomar entendimento, & explicação de varios lugares da sagrada Escritura, em especial de S. Paulo na Epistola que escreue ad Hebr. cap. 9. & 10. onde da perfeição do sacrificio da Cruz conclue, que elle só bastou pera rematar nossa saluação. Fala o Apostolo sem duuida do sacrificio cruento da morte de Christo, pello qual se deu o preço suffiçiente de nossa redenção, & este he só hum, nem se pode renouar como os sacrificios da ley velha em que de nouo se offerecião animaes. De modo que o intento de S. Paulo nestes, & em outros lugares he principalmente mostrar aos Iudeos a imperfeição de seus sacrificios a que estauão atados, & a necessidade d'outro mayor, & melhor sacrificio, & sacer-

sacerdocio, qual foy o da Cruz de Christo; o qual ainda que foy bastante quanto á sufficiência, como não foy quanto á efficacia admite outro sacrificio incruento em que por seus ministros cada dia se offerece na sagrada Eucharistia, pera que por este meyo o fructo da sua Cruz se applique a nossas almas; como tambem admite o sacrificio spiritual da intercessão do mesmo Christo no Ceo, por nós a seu Eterno Padre representando os merecimentos de sua sagrada payxão, como diz S. Paulo, *Semper vivens ad interpellandum pro nobis*. Perá offerrecer este sacrificio incruento ordenou Christo nosso Senhor na noite da Cea sacerdotes, & Bispos, dos quaes se continua a perpetuidade do sacerdocio do mesmo Christo, de que fala a escriptura em muitos lugares; & cada dia offerrecem; porque cada dia pecamos.

Hebr. 7.

CAPITULO V.

Prouase a verdade do sacrificio da Eucharistia em particular.

A Ssentada esta verdade, que ha na Igreja Catholica proprio, & verdadeiro sacrificio; resta declarar como consiste no mysterio da Eucharistia; o que se proua primeiramente por exemplo, & obra de Christo; o qual como está definido no Concilio Tridentino. Na noite da Cea offerrecoo em sacrificio seu corpo, & sangue de baixo de especies de pão, & vinho; declarando deste modo sua dignidade, & officio sacerdotal eterno, segundo ordem de Melchisedech, como canta a Igreja no officio deste mysterio. *Sacerdos in aeternum Christus Dominus secundum ordinem Melchisedech. Panem, & vinum obtulit*. Nem se poderá delle verificar, que he sacerdote semelhante a Melchisedech, senão por rezão deste sacrificio debaixo de especies de pão, & vinho, que Melchisedech offerrecoo. E ainda que o Senhor na Cea não disse palavra, que claramente significasse sacrificio; as circumstancias porem, que nella concorreram, declaram bem esta verdade; como foy o Cordeiro,

cap. 1. fess.

22.

Psalm. 110.

Gen. 7.

ff

que

Cap. 24.

que primeyro se sacrificou, depois se comeo: assi o Senhor Cordeito verdadeyro primeyro se offereceo em sacrificio incruento debaixo de especies de pão, depois se deu a comer a seus discipulos. E as palauras do testamento nono de que vrou na sagração do Caliz, parece que alludem à figura que precedeo no testamento velho; o qual quando o Senhor confirmou com a promulgação da ley escrita foy celebrado com sacrificio de Moyses, que burrifou o pouo com sangue de animaes como se diz no Exodo. Rezão era logo, que o testamento nouo, acentajado ao velho fosse confirmado com sacrificio acentajado ao de animaes; que he do corpo, & sangue de Christo.

Psal. 109.

Daqui se infere, que o mysterio da Eucharistia, do modo que se vza, & celebra na Igreja he verdadeiro sacrificio, tirado como por treslado, do que offereceo Christo; & continuado por sacerdotes, que são como instrumentos do mesmo Christo Pontifice mayor, & Sacerdote principal, & eterno, como lhe chama Dauid. *Tu es sacerdos in aeternum*: pella perpetuidade com que vai por seus ministros offerecendo este diuino mysterio em quanto durar sua Igreja; ao modo, que no testamento velho em quanto durou a sinagoga, durou o sacrificio do cordeiro figura deste Cordeiro immaculado Christo Iesu, por cujo sangue fomos liures do catiueiro, não do Egypto, mas do demonio, & trespassados à terra verdadeira da promissão.

Gen. 4.

Não podia deixar de ser representado na ley da natureza, & escrita mysterio tão alto, com varias figuras, & semelhanças; como reconhecem ordinariamente os doutores, & santos. Abel primeiro offereceo o melhor de seu rebanho; depois injustamente foy morto. Christo primeiro se offereceo em sacrificio incruento como cordeiro immaculado; depois em sacrificio cruento no altar da Cruz. A offerta continua no Templo da flor de farinha, de paês de proposição, que outra cousa significauão. Não o disse Dauid Psalm. 71? *Erit firmamentum in terra in summis montium*, onde mais claramente lê o Hebraico; *Erit placenta; erit frustum frumenti in capitibus sacerdotum*. Que viria tempo em que sobre as cabeças dos sacerdotes apparecião bolos de pão. Deixo outros lugares; baste a tradição, & consentimento de toda a Igreja, que vza este mysterio com animo, & intenção de sacrificar. Assi o entendem, & reconhecem

todos

todos os Catholicos; assi o testemunha o proprio Canon da Missa, em que ha frequente comemoração de hostia, sacrificio, & oblação. Nem he inuencão noua, mas verdade nacida com a mesma infancia da Igreja, & tempo dos Apostolos, como consta do que diz S. Dionysio Ariopag. lib. 3. de cælest. Hierarc. Deixo Canones dos Apostolos, & Pontifices successores em que claramente se define esta verdade. Baste que aqui se achão todas as cousas, que pera sacrificio são necessarias. Sacerdote, ou ministro, que offerrece, que principalmente he Christo. E o mesmo debaixo de especies de pão, & vinho a offerta que se offerrece. Aqui se faz menção, & comemoração de Deos a quem se offerrece. Porque ainda que Christo tambem seja Deos, a quem se offerrece; com tudo em quanto homem he a victima, que a Deos se offerrece, como se offerreceo na Cruz. Ha tambem por quem se offerrece, que são fideis, & Igreja Catholica, como se colhe das palauras de Christo. *Qui pro vobis, & pro multis effundetur.* Ha altar em que se offerrece; acções sufficientes pera ser verdadeiro sacrificio, como são cõsagrar; partir; & cõsumir, &c.

Matth. 26.

O que se entenderá melhor por estas verdades. Primeira, Christo Senhor nosso he a primeira, & principal offerta neste sacrificio; como se colhe claramente das palauras do Evangelho. *Hoc est Corpus meum, quod pro vobis datur. Hic est sanguis meus, qui pro vobis effunditur.* E de São Paulo ad Corinth. *Pascha nostram immolatus est Christus.* Como se disse. Pascoa de Iudeos era cordeiro sacrificado; nossa Pascoa he o verdadeiro Cordeiro Christo não sacrificado na Cruz, mas em sacrificio incruento. O que entendeo santo Andre, quando disse ao Tyrano. *Ego quotidie sacrifico Deo Agnum immaculatam.*

Luc. 22.

1. Cor. 5.

In eius vitæ

Segunda. Christo Senhor nosso não he offerta neste sacrificio tomado em propria especie, & figura; porque nem assi se come, & bebe; nem se parte; como esta claro; nem se cõsagra de maneira, que se traga d'outra parte, & meta de baixo das especies. Estas, & semelhantes acções proprias de sacrificio, sempre se vsão em materia, que se percebe por sentidos; que este he o modo natural aos homens; & Christo nosso Senhor tomado em propria figura, está de nós muito afastado, & nós como impossibilitados pera assi o ver, & sentir.

na Terceira Christo Senhor nosso he offerta deste sacrificio, não tomado por si só, mas juntamente com as especies sacramentaes, de modo que elle com as especies faça hum composto sacramental. Daqui se fica bem entendendo como o que se offerece neste venerando sacrificio, não he só Christo nosso Senhor ainda em quanto tem aqui modo de existir sacramental; porque assi he inuisivel; mas he o mesmo Christo, em quanto pellas especies se pode ver, & tocar de nós; de modo que as especies tambem seão, & entrem na conta de offerta deste sacrificio: & assi Christo tem titulo de pão de vida neste sacramento, em quanto está debaixo das especies, & com ellas juntamente faz hum manjar visivel, & sensivel, que he o que elle mesmo disse. *Panis, quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita.* Donde se infere, que assi como a hostia em quanto sacramento dos fideis inclue especies juntamente com o corpo, & sangue de Christo, assi em quanto sacrificio.

Joan. 6.

CAPITULO VI.

Em que consiste a essencia do sacrificio da Missa.

HA na Missa seis acções principaes de que se pode duvidar em qual dellas consiste a essencia, & propriedade do sacrificio. Primeira he offertório, em que se levanta diante de Deos a hostia, & caliz com orações, & ceremonias antes da consagração. Segunda. Consagração de corpo, & sangue de Christo, que está expressa no Evangelho, com as palauras: *Hoc est Corpus meum, Hic est sanguis meus.* Terceira, distribuição do sacramento consagrado aos fideis; de que diz o Evangelho. *Dedit discipulis suis dicens; Accipite, & comedite, &c.* Quarta oblação com ceremonias, & palauras. *Offerimus praeclarae maiestati tuae, hostiam puram, &c.* depois da consagração. Quinta, Ceremonia com que se parte a hostia consagrada; & a partícula se lança, & mistura com o sangue. Sexta, & ultima he a Comunhão do sacerdote com que consume o corpo, & sangue de Christo.

Matth. 26.

Quinta

Quinta verdade. De todas estas acções, que dissemos a acção em que consiste a essencia, & propriedade do sacrificio Eucharistico he a consagração do corpo, & sangue de Christo nosso Senhor pellas palauras. *Hoc est Corpus meum. Hic est sanguis meus.* Assim o diz S. Thomas, Bellarmin. lib. 1. de missa, cap. vltim. Soar. tom. 3. disput. 75. lect. 4. & outros mais antigos. A proua seja; porque em esta acção se contem, & representa a morte de Christo. He diuina, & sagrada, aptissima pera se dar por ella culto, & honra a Deos officio proprio de sacrificio. Por ella se faz admirauel, & sobrenatural mudança da substancia de pão, & vinho em cousa nobilissima, & sumamente agradauel a Deos, que he Christo Deos, & homem verdadeiro apresentado em altar. E ainda que da natureza do sacrificio seja abrazarse, & consumir-se tudo o que se offerece deste altissimo sacrificio; com tudo he proprio não tanto des fazer, quanto fazer; não tanto honrar a Deos com o que se desfaz, quanto com o que de nouo se faz. Os sacrificios da ley velha por serem imperfeitos, & celebrados com acção humana, & natural, principalmente consistião em destruir, & abrazar a offerta, que se daua a Deos como author de tudo. O nosso sacrificio Eucharistico, como se faz por acção diuina, & sobrenatural, o que principalmente pretende em honra, & culto de Deos não he destruir, & extinguir a substancia de pão, & vinho, mas fazer, & apresetar o corpo, & sangue de Christo diante do conspecto diuino em seu altar: & se he verdade que a mór nobreza, & perfeição do sacrificio não se ha de medir tanto pella mudança, & abraçamento da offerta, quanto pella honra, & gloria, que d'elle Deos recebe; sem duuida o nosso sacrificio Eucharistico neste acto he o mais nobre, & perfeito; pois com a mudança de pão, & vinho junta a mais nobre, & agradauel offerta que he o filho de Deos.

Discorramos pellas mais acções da missa; & achando que não ha nellas rezão de sacrificio ficará clara esta verdade. Offertorio de nenhum modo pertence a substancia deste sacrificio, he hua cerimonia, & preparação inuentada da Igreja pera causar deuacão, & espertar as almas ao fructo deste mysterio; nada se acrecencia a offerta, não ha mudança sagrada; as cruces, que se fazem; caliz, & hostia que se leuanta em alto são acções accidentarias de que não depende o sacrificio, que propriamente

offereco a Christo nosso Senhor; o mesmo se ha de dizer de oblação, que se segue depois da consagração, pois nada traz de nouo á offerta, que se offerece mais que nouas petições, que se podem repetir muitas vezes na missa, como tambem se repetião nos sacrificios da Ley velha. Quanto a acção com que se reparte a hostia, & mistura no Caliz he tambem accidental, & nada tem de sacrificio, como diz S. Thomas. Por onde se a caso, ou por ignorancia do sacerdote se deixasse, ou em successo que cahisse a hostia toda no Caliz ainda a missa ficaua verdadeiro sacrificio. Como tambem sem a distribuição do sacramento, que se faz aos fieis como cada dia vemos pois he ordinario não se dar a communhão ao pouo senão depois de se acabar todo o sacrificio, & se dar licença com *Ite missa est*, pera se poderem ir; & geralmente em todo o sacrificio, a participação, & distribuição da offerta fopõem estar de todo perfeito, & acabado como se vza-ua nos sacrificios da ley velha.

Restá a acção com que o sacerdote sacrificando recebe, & consume Hostia, & Caliz. Della diremos que he apta pera fazer juntamente com a consagração hum perfeito, & inteiro sacrificio; & como tal a pudera Christo nosso Senhor vzar, & mandar. Quem não vê, que em ambas estas acções juntas se achá mayor mudança, & consumpção exterior, & sensível da offerta, mayor fundamento pera se representar a morte de Christol até a sepultura, & o fructo que della nasce? Não he así que no sacrificio de Melchisedech figura deste, não ouue outra mudança do pão, & vinho, senão esta de se tomar, & consumir. Que outra coisa denotaua a cerimonia do Exodo, em que Deos mandaua que com a morte, & oblação do Cordeiro se ajuntasse conuite de pão, & vinho, senão a perfeição do nosso sacrificio, que então se pode dar por perfeito, quando o sacerdote o recebe. Não duuido, que a repartição das victimas, que antigamente se fazia com o pouo sopunha o sacrificio já perfeito; mas a parte, que tomaua o sacerdote, porque não pertencia ao complemento do proprio sacrificio? o mesmo pois se pode dizer do nosso.

Esta opinião parece sem duuida fauorece S. Thomas, quando diz que o sacerdote toma, & consume o sangue, & corpo de Christo em nome de todo o pouo; o que não dissera se falara de esta

32. 1. 8. p. 9.

3. p. 9. 8. 2. 2. 2. 2.

6. 2. 4. 6.

Gên. 7.

32. 2. 9.

3. p. 9. 8. 0. 2. 2.

11.

Da virtude do sacrificio, & oblação. 419

desta acção somente, como obra de sacramento, & não de sacrificio; & quando na questão 83 diz, que se torne apòr no Caliz vinho de nouo, & se consagre em caso que o sacerdote não possa tomar o já consagrado por se achar nelle peçonha venenosa; dá rezão pera que o sacrificio fique perfeito. Argumento he logo claro, que não estava perfeito, & acabado na consagração. E se nos auemos de ajudar dos sacrificios antigos como de figuras, & semelhanças do nosso, sem duuida proprio he do sacrificio, em especial do Holocausto, que toda a victima, & offerta se abraze, & consuma; em que lugar se acha pois isto no nosso sacrificio Eucharistico, senão quando o sacerdote tomando a hostia, & caliz acaba de consumir: nem basta dizer que dantes ouue mudança total de sustancia de pão, & vinho, quando se consagrou; porque pão, & vinho não são aqui a principal offerta, mas Christo, que então se pode dizer tem total mudança propria de sacrificio; quando recebido do sacerdote perde o ser q̃ tinha debaixo de especies de pão, & vinho, em especial; porque na mesma acção acaba de se mudar, & consumir de todo o pão, & vinho em suas especies que antes ficaram.

art. 6.º ad 2.º

ad 2.º

ad 2.º

ad 2.º

ad 2.º

São tão forçosas estas rezoões, que por ellas se moueram muitos Doutores graues. Gabriel, Soto, Ledesma, Ocamo, o Cardeal Bellarmino a dizer, & seguir que a comunhão do sacerdote na missa entra na essencia, & perfeição do sacrificio Eucharistico; não em quanto he comunhão de sacramento; mas em quanto he perfeita consumpção, & total mudança da offerta, que se offerece. E se em effeito nos constara, que Christo nosso Senhor na Cea así como consagrou pão, & vinho, tambem o tomou, & consumio consagrado, ficaua esta verdade assentada, & confirmada; pois pretendendo fazer verdadeiro sacrificio, & vzando hũa, & outra cerimonia cada hũa dellas apta pera este effeito, não haueria lugar de se dar mais nesta parte a hũa, que a outra; & de se julgar que quis mais sacrificar consagrando, que consumindo.

Pera que pois se remate com clareza esta materia, digo que he opinião muy prouauel, & comua que Christo nosso Senhor na Cea se consumio a sy mesmo; así o dão a entender as palavras, que diz por S. Lucas. *Desiderio desideravi hoc Pascha manducare uobiscum.* Com grande desejo desejei comer com vosco

Luc. 22.

Tratado vigesimo quinto

esta Pascoa: onde por Pascoa entendem muitos Santos, & Doutores não só a Cea, & Cordeiro legal, mas o novo, & mysterioso, que era seu sagrado corpo. E quanto ao sangue particularmente se collige das palauras seguintes. *Non bibam de generatione vitis donec regnum Dei veniat.* Não beberei mais deste vinho até entrar em meu reyno, o que segundo consta dos mais Euangelistas: Disse o Senhor depois da consagração do Caliz. São Hieronymo escreuendo *ad Lesbiam*, diz do Senhor em sua Cea. *Ipse conuiuia, & conuiuia, ipse comedens, & qui comeditur.* Foy hospede, & manjar: convidado, & conuite. A Glossa ordinaria. *Christus comedit, & bibit in cena cum corporis, & sanguinis sui sacramentum discipulis tradidit.* Comeo, & bebo juntamente quando deu a seus discipulos o sacramento de seu corpo, & sangue.

O Autor dos metros.

Rex sedet in Cena turba cinctus duodena;

Se tenet in manibus, se cibatur ipse cibus.

Esta o Rey à sua mesa cercado de doze filhos. A sy mesmo tem nas mãos; & a sy mesmo em manjar come. A solenidade, & propriedade do conuite pede, que o hospede que agazalha juntamente com os convidados coma, com o que fica a dignidade deste banquete mais autorizada, & realçada, como tem S. Thomas, & outros.

Fazem estas autoridades, & rezoões prouauel esta opinião, que Christo se comungou a sy mesmo; mas como não forção cõ autoridade de fê, não constangem a reconhecermos sacrificio infaluel no que Christo nesta parte fez; & por conseguinte nem no que fazem seus sacerdotes, que são como instrumentos seus neste mysterio. E por bõs fundamentos com Soarés nos parece mais prouauel, que a essencia do sacrificio Eucharistico só consiste na consagração, & não depende da comunhão, ou consunção; em especial; porque nella repartida em corpo, & sangue se representa o verdadeiro sacrificio cruento da morte de Christo em que se apartou a alma do corpo; & assi como a sepultura do mesmo Christo não pertenceo ao sacrificio cruento da Cruz como parte sua essencial, mas só como complemento, & proua da verdade d'elle mesmo; assi a comunhão do sacerdote que he representação da sepultura não pertencerá à intereza do sacrificio

Luc. 22.

Epist. 150.

3. p. q. 81.

3. p. d. 75.
sect. 5.

ficio incruento de que tratamos; mas ficará como vso de sacramento, & a consagração sacrificio: do que também he boa prova fazerse em nome de Christo ministro principal, & Pontifice com as palauras: *Hoc est corpus meum, &c.* o que se não acha no acto da comunhão, onde o Sacerdote obra em seu proprio nome, & pessoa; & por isso diz. *Domine non sum dignus.* Donde se segue, que tão sacrificado fica Christo nosso Senhor em quanto está na hostia, que não tomou o Sacerdote, como na que tomou: & se por milagre acontecer, como ja aconteceu apparecer na hostia depois da consagração carne, ou sangue, ou ouuer mudança semelhante, nem se ha de tomar o Sacramento, nem se ha de fazer de nouo, como diz santo Thomas. Argumento he logo, que ja o sacrificio estava perfeito na consagração; no qual tempo se ha de entender nos communica seu effeito, a hostia offercida, como também effeito de Sacramento, quando se comunga, & consume.

3.p.q.82.art.
4.ad 3.

Aduirtase, que não será a consagração verdadeiro sacrificio como Christo o instituiu, senão se consagrar juntamente caliz, & hostias, porq de sua natureza, & essencia tem este sacrificio incruento representar inteiramente o cruento, ou paixão de Christo nosso Senhor, conforme a seu preceito. *Hoc facite in meam commemorationem.* E esta de nenhum modo se representa em cada hua destas cousas separadas, mas ambas juntas. As palauras da hostia. *Hoc est corpus meum*, tanto de sy dizem corpo viuo, como morto. As palauras do caliz. *Hic est sanguis meus*, tanto dizem sangue derramado, como recolhido nas veas. Tendo junto significa corpo a hua parte, sangue a outra; por conseguinte fica representação mystica da morte de Christo actual, a qual como não esteve em corpo morto por sy, ou sangue por sy apartado, mas na propria effusão do sangue até se apartar a alma do corpo; daqui vem, que consagrandose o sangue, logo immediatamente depois do corpo se faz hua viua imagem; & representação da effusão do sangue, quando actualmente sahio do corpo; & por cõsequente da morte, ou apartamento da alma, que se seguiu da effusão do sangue, do qual depende a vida: Por isso mysteriosamente o Senhor na consagração do caliz, & sangue, fez menção da effusão, *qui pro vobis effundetur.*

Luc. 22.

CAPITULO VII.

Comparase o nosso sacrificio com o incruento de Christo, & com o cruento da Cruz.

Entre o sacrificio da Cea de Christo, & o nosso, que usamos ha esta semelhança, que têm a mesma materia de pão, & vinho; o mesmo Christo em que se convertem; as mesmas palavras de consagração; o mesmo ministro principal, que he o mesmo Christo. Ha porem estas differenças; que nós offerecemos a Christo immortal, & glorioso, conforme ao estado em q agora o achão as palavras da consagração; & somos ministros proximos, & immediatos; & celebramos este sacrificio com certas ceremonias, & aparato de ornamentos, vasos sagrados, figura de pão, &c. B representamos a morte de Christo ja passada; & no sacrificio da Cea se offereceo Christo mortal, & passivel, & elle mesmo, foy o immediato Sacerdote, que por sy offereceo sem nossas ceremonias; porque nem pera elle erão necessarias, nem os Apostolos dellas capazes; nem o aperto do tempo o permitia; & representou sua morte futura; porque ainda q estaua executada, & mereceo, & satisfaz por nós em este sacrificio, o q oje não tem no nosso, ainda que he o principal ministro, & Pontifice, que o faz por estar ja fora do estado de merecer, & satisfazer; applica com tudo seus merecimentos da maneira que abaixo diremos.

Quanto ao sacrificio cruento, Cea, & Cruz de Christo. Ainda que a offerta em ambos estes sacrificios he a mesma, pois o proprio Christo que na Cruz se offereceo, aqui se offerece; o acto com tudo, & ceremonias de offerecer são differentes, como diz o Concilio Tridentino na Sessão vinte & duas, capitulo segúdo. O sacrificio da Cruz se fez por morte, & paixão real, & verdadeira; não em quanto sahio dos animos deprauados dos que crucificaram a Christo; mas em quanto voluntariamente por elle mesmo foy aceita da, & offerecida: O nosso sacrificio se faz sem morte actual, mas por consagração, & real presença do corpo, & sangue de Christo, representando mysterio da morte do mesmo Christo. De modo que o sacrificio cruento da Cruz, he treslado, & retrato principal de todos os sacrificios sobrenaturaes;

turales; o nosso he trestadado, & retratado pelo d^o Christo na Cruz; & nos effectos differentes; pois o da Cruz obrou nossa redempção, quanto a sufficiencia, & abriu as portas do Céo, que t^o então estauão cerradas; como diz São Paulo na Epistola ad Hebreos. O da Missa applica quanto a efficacia o fructo do mes-
mo da Cruz, de que diremos adiante.

CAPITULO VIII.

Da instituição, & vocabulo da Missa.

Ainda que heréges de n^oso tempo desprezão o nome de Missa como barbaro, & inuentado de nouo; nós com tudo o veneramos, como antigo, & celebrado sempre de Concilios, & padres Latinos. Agostinho; Gregorio; Ambrosio, & outros. E se padres Gregos delle não fazem menção, he porque não tem fundamento na lingua Grega; na qual se chama Liturgia, Synaxis, que frequentemente vsão em seus livros. Não faltão autores, que tem pera sy, que Missa, he palavra Hebréa derivada do vocabulo Missac, que significa oblação feita de boa v^olade, ou dissipã, c^o que o Senhor a aceita; ou nossa com que deuemos offerecer. Mas sendo assi, que os padres Gregos, & Syros, vsão frequentemente de outros nomes Hebraicos Ecclesiasticos, como Hosana, Aleluya, porque não vsão este de Missa, se igualmente se deriva do Hebraico. Por esta razão nos parece mais prou-
uavel, que Missa, he nome Latino, que junto com oblação, que se ha de entender, quer dizer oblação mandada; ou porq^{ue} Deos nos manda a hostia deste sacrificio, que he seu vnigenito filho, de baixo de espécies de pão, & vinho; ou porque nós por minist^orio dos Sacerdotes; ou da vez mandamos a Deos; ou porque segundo santo Isidoro acabado este sacrificio se manda o pouo, que se chama congregação; & assi se interpreta congregação mandada.
Era antigamente de tanto respeito este sacrificio na Igreja, que não era licito fahirse o pouo em quanto durava; até senão dar licença pronunciada em publico pelo Sacerdote, ou Diácono, que se daua duas vezes. Primeira acabado o Euangelho
antes

Tratado vigesimo quinto

antes do offertorio, pera sahirem cathecumenos, & gentios, que não era bem affiltissem a mysterios sagrados. Segunda, acabou todo o sacrificio. E segundo este costume se ha de interpretar a palavra. *Ite Missa est*. Idenos, ja he tempo de se mandar a gente. Ou segundo a primeira interpretação com mais significação. Idenos, ja toda a oblação he mandada a Deos. Ia toda esta cção he acabada. Em fim de qualquer modo, que se interprete a palavra, todo este mysterio no fim do qual se manda o pouo, se chama Missa, como trata doutamente Durando libr. 2. de Ritib. Ecclesiast. capit. 1.

Luc. 22o

Quanto a instituição deste mysterio, certo he que a substância delle, que he ser sacrificio, foy criada, & feita por Christo nosso Senhor, que na noite da Cea o offereceo; deu ley, & poder perpetuo aos Sacerdotes pera o offerecerem com as palavras. *Hoc facite in meam commemorationem*. Donde disse santo Ambrosio, lib. 1. Præpar. ad Missam. *Ego licet peccator accedo ad altare tuum, & offero sacrificium, quod tu instituisti, & offerri præcepisti*. Ainda, que peccador, ou so chegar a vosso altar, & offerecer sacrificio, que vós offerecestes, & mandais offerecer. Assi era conveniente, pois Christo destruindo a ley velha, destruiu seus sacrificios; criando a ley noua, criou nono sacrificio. Mas desta materia baste o q até agora dissemos, ttatando deste mysterio.

CAPITULO IX.

Das partes cerimoniaes da Missa em particular.

A Parte ceremonial da mesma Missa, ainda que não foy instituida immediatamente por Christo; santissimamente a fez a Igreja Catholica, parte pelos sagrados Apostolos, parte por seus successores, ou seja a que precede ao sacrificio, ou a que se segue depois delle; o que tudo se resolve em actos de amor de Deos, acção de graças, petições, votos, desejos, motiuos de deucação, pera inflamar, & espertar a fé, & charidade do pouo. Isto quis o bemaumentado saõ Paulo, escreuendo aos Filipenses. *Obsecro primum omnium fieri obsecrationes, orationes, postulationes*

Da virtude do sacrificio, & oblação. 415

lationes, & gratiarum actiones pro omnibus hominibus, &c. O qual particularmente se ha de entender das orações publicas, que se fazem em nome da Igreja, o qual he o sacrificio da Missa, como diz São Chrysostomo, & a propria epistola o mostra; pois he pera Timotheo Bispo, & pastor da Igreja. Discorramos por todas as ceremonias em particular, pera mór confirmação, & fundamento desta verdade.

Homil. 6.

A confissão, & outras orações por onde a Missa começa, seruem de preparar o Sacerdote, & pouo; & mostrar a reuerencia com que deuem chegar a Deos, em especial de boa consciencia. E ainda que Platina fez a S. Damaso Papa autor desta parte, he porem mais antiga, pois se acha em semelhante forma na Missa de Santiago Apostolo.

O Introito, que por discurso do tẽpo se meteo em lugar dos Psalmos, que no tempo dos Apostolos se vzauão naquelle lugar; significa a entrada do filho de Deos neste mundo. Ou suspiros & desejos dos santos Padres, & Patriarcas da mesma vinda. Ou se chama introito, por começar por elle a Missa, ou porque em quanto no coro se canta, o Sacerdote entra ao Altar.

Os Kyrios, em que se pede misericordia, são em lembrança de nossa miseria, & do poder de Deos; são palauras Gregas, querẽ dizer, Senhor, auey misericordia. Christo auey misericordia. Repetemse tres vezes, á honra do Padre: tres á honra do Filho; quando se diz Christo eleyson; tres do Spirito santo. Kirie eleyson. Pera remedio de tres misérias nossas, ignorancia, culpa, & pena; como diz santo Thomas. O vso desta cerimonia se acha tambem na Missa de Santiago, donde se vê sua antiguidade.

3. p. q. 83. a. 3

Hymno *gloria in excelsis*; foy principiado por Anjos na noite do Natal, acrescentado pelos santos Apostolos, como quer São Clemente Papa; por mais que Innocente III. o attribua a Telephoro Papa; como quer que seja; o hymno he hum continuo louvor de Deos; acção de graças, & deprecação; não se vfa como diz santo Thomas em Missas de defuntos, & tempos de penitencia; porque denota a gloria, que esperamos, & assi não conuem a misérias presentes que padecemos, & experimentamos. E se em tempo da Quaresma se diz em quinta feira da semana mayor, he á honra da instituição do santissimo Sacramento, & altissimo sacrificio, q̃ naquelle dia Christo celebrou.

7. Const. c. 7

Segue se

Tratado vigesimo quinto

Luc. 19.

Luc. 19.

João. 20.

In eius vita

Segue-se a fundação do Sacerdote ao povo, com as palavras *Dominus vobiscum*; a qual ainda que vſou Booz com ſeus ſegadores, como ſe diz no liuro de Ruth, capitulo ſegũdo, & Azarias com Aſa Rey, & com ſeu exercito; com tudo mais propria he da ley da graça, em que Deos tomando carne, com modo particular eſtã com noſco, lançando o demonio, que dantes dominava. E por iſſo lhe deu principio o Anjo embaixador da Encarnação, quando diſſe à Virgem, *Dominus tecum*; logo foy vſado dos Apoſtolos, como diz o Concilio Bracarenſe ſegundo, capitulo vinte & hum. Em ſeu lugar dizem os Biſpos a primeira vez, *Pax vobis*; como diſſe Chriſto depois da Reſurreição aos Biſpos da Igreja, que erão os Apoſtolos; & ſe acha tambem na Miſſa de Santiago, & ſão Baſilio; & conſta de authoridades de ſão Chryſoſtomo, o qual depois de morto, eſtando levantado em hũa cadeira, ou trono, ſe conta, que diſſe ao povo que concorreo ao enterramento. *Pax vobis*. E ſe eſtas ſaudações do Sacerdote ſão antigas, & aprovadas; tambem as do miniſtro, ou povo, quando responde. *Et cum ſpiritu tuo*. De que São Pedro Damião faz hũa epiſtola, no liuro, que ſe intitula, *Dominus vobiscum*.

A palavra *Oremus*, que ſe ſegue, ſe chama Colleſta, por ſe fazer em nome do povo todo junto; por recolher, & cifrar petições de todos; por recolher os animos de todos a Deos. Em algũs dias deputados à penitencia ſe ajoelha o Sacerdote; dizêdo, *Flectamus genua*; & ſe responde, *Levate*, por antiquiſſimo coſtume, de que diz São Baſilio. *Quoties genu flectimus, & rursus erigimur; re ipsa ostendimus, quod propter peccatum, in terram prolapsi sumus, & per benignitatem eius, qui condidit nos ad celum renovati sumus*. Profeſſamos em ajoelhar, & levantar, que pelo peccado cahimos, pelo Criador nos levantamos.

Seguemſe as orações, que em tempo ſolene he ſo hũa; em outros tres, em memoria da ſantiſſima Trindade, ou tres orações de Chriſto no horto. Tambem chegaõ a ſinco, por ſinco partes principaes, em que eſtã repartida a Paixão de Chriſto noſſo Senhor; ou ſinco chagas de ſeu ſacraſiſſimo corpo. E as ſete, por ſete doẽs do Spirito ſanto; ou ſete petições principaes do Padre noſſo: o que tudo ſe fecha cõ obſecração ſolene: *Per Dominum noſtrum Ieſum Chriſtum*. Pera mayor firmeza de alcançar conforme ao que o meſmo Senhor diſſe por ſão Ioão.

Quod

Da virtude do sacrificio, & oblação. 416

Quodcumque petieritis Patrem in nomine meo dabit vobis: Basta Cap. 16,
que he vnico medianoiro, por cujos merecimentos tudo se concede, a fim da gloria diuina; & premio da vida eterna, de que se pretende fazer menção na vltima palavra. *Per omnia secula seculorum.* Responde o pouo *Amen;* que he o mesmo, que assi seja. He palavra Hebreia, que tambem se vsa pera affirmar, ou confirmar verdade. Como quando Christo disse. *Amen, Amen, dico vobis.* Em verdade vos digo. E neste sentido era costume dizerem os fieis *Amen,* acabada a consagração da Missa. Como se dissesem. Assi he, que esta aqui o corpo, & sangue de Christo. Santo Ambrosio no liuros dos que se consagrão. *Post consecrationem corpus, & sanguis Christi nuncupatur; & tu dicis Amen, hoc est, verum est.* Ioan. 5, 6.
Cap. 9. lib. 1.
ihs que inistia tur.

A Epistola no tempo dos Apostolos antes de se escreuer o testamento Nouo, se costumaua ler dos liuros de Moyses, & Profetas; como diz saõ Dionysio, & Clemente Papa. Depois se introduzirão Epistolas dos Apostolos; & ainda do mesmo saõ Clemente, & Policarpo; como diz saõ Hieronymo. Precede ao Evangelho, por causa de ley velha, que foy pymeiro, & como profecia da ley noua.

Os versos ou antifonas, que immediatamente se dizem acabada a Epistola, ora saõ tristes, & lamentosas; ora alegres, conforme aos tempos, & affeitos, que a Igreja pretende. O primeiro verso se chama Gradual, por se cantar junto dos degraos do Pulpito, de costume antigo. Os mais se chamão responsorios; porque se cantaõ, dizendo hum, respondendo outros. A palavra aleluya, que segue o Gradual, se cantaua no principio so em dia de Paschoa, como diz Nicephoro; depois se estendeo a todo tempo Paschal, segundo santo Agostinho, & ainda aos Domingos do anno. Agora em todos os dias que não saõ de tristeza, & penitencia, como manda o Concilio Toledano quarto: mas como he palavra de louuor de Deos, sempre se ha de trazer na boca, & coração como diz santo Agostinho. O mesmo aleluya em Hebreo he, que louuai a Deos. Em tempos, que se tira se diz Tracto em seu lugar, pera denotar penitencia, & arrependimento. O sequencia em algúas Missas, serae de tristeza, & alegria, conforme ao tempo.

Do Evangelho diz saõ Hieronymo. escreuendo contra Vili-lancio.

Tratado vigesimo quinto

lancio. *Per totas Orientis Ecclesias, quando Euangelium legendū est, accenduntur luminaria sole rutilante.* Ao Euangelho se acendem tochas, ainda que seja dia claro. E do Concilio Valentino Hispaniense, se colhe claramente, que era costume prègar-se acabado o Euangelho; & do Papa Innocêcio, & outros santos, responder o pouo; *gloria tibi Domine*; o que tudo mostra a antiguidade desta cerimonia.

O Credo, ou Symbolo, se canta pera mostrar se confessa com a boca, o que se professa por Fè no Euangelho, que se cantou. Em algũas Missas por serem menos solênes se deixa o Credo; o qual asy como foy composto pelos Apostolos, se cantou até o tempo do Concilio Niceno, depois do qual por causa das heresias de Arrio, se vsou o Symbolo Niceno; ao qual por ordem de saõ Damaso Papa, socedeo o Constantinopolitano, no qual se acrescentou a palaura, *Filioque procedit*, em que mais claramete confessamos a processão do Spirito santo, do Padre, & Filho; & asy se vza nas Igrejas, principalmente de Espanha, conforme ao Concilio Toledano I II.

Cant. 2.

Acabado o Credo, saudado o pouo com a palaura que ja explicamos; diz o Sacerdote, *Oremus*, não porque conuida a algũa oração publica, pois não se diz; mas excita o pouo a ter atençaõ ao sacrificio; & preparar offerta com tal deuacão, que seja aceita a Deos.

O versiculo que se segue, se chama Offertorio; porque se canta no coro, em tempo que se offercem oblações do pouo, como diz Innocencio Papa. Saõ Fabião Papa Epistola terceira, auisa a todos, que ao Domingo tragaõ algũa offerta á Igreja, como fez com illustre exemplo o Emperador Theodosio, dizendo Misericordia santo Ambrosio. E pera se fazer com animo liberal, & vontade alegre, foi introduzido o canto dos versiculos, q̃ diffemos; & ainda no Testamento velho, pera o mesmo effeito era costume rangerem, & cantarem os Leuitas, em quanto duraua o sacrificio.

Offerecimento da hostia, & caliz feito com vinho, & agoa, se acompanha de orações, & deprecações, cujo vso se acha nas Missas de Santiago, saõ Basilio, & Chrysostomo. Nellas se pede a Deos, a quem se dirigem, aceite a oblação ou sacrificio da mão do Sacerdote, que offerrece, & pouo que assiste; não porque esta oblação

Da virtude do sacrificio, & oblação. 417

oblação seja o proprio sacrificio, como ja dissemos, mas escolha
& dedicação, & da materia, que por consagração se ha de sacrifi-
ficar, & a este fim se hão de referir todas as orações, & acções,
que então se fazem; o que he com secreto pera mayor reueren-
cia, & deução, & pia lembrança da paixão de Christo nosso
Senhor, cuja representação, logo se ha de seguir.

Ao lavar das mãos diz o Sacerdote palavras do Psalmoz 5.
Lauabo inter innocentes manus meas; pera mostrar, que não só
de culpas grates, mas leues, se ha de purificar pera offerrecer
sacrificio; o que o Senhor mostrou no lauatorio dos pés de são
Pedro, dizendo; *Qui lotus est, non indiget, nisi ut pedes lauet.*
Desta cerimonia faz menção são Dionysio Ariopagita, de que
se colhe sua antiguidade.

Ioan. 13.

Faz logo o Sacerdote oração secreta, pedindo a Deos aceite
o sacrificio em memoria da paixão; honra dos santos, & proueito
nosso; & virado exhorta o mesmo ao pouo, que com palavras, &
inclinação correspõde. Ajunta outra oração, ou orações secre-
tas, pera significar como o Senhor no horto, antes de entrar em
sua sacratissima paixão, orou em secreto.

Prefacio, quanto ao sentido, cõ mudança de poucas palavras,
se acha nas Missas de Santiago, Basilio, Chrysostomo, & são
Clemente Papa liuro oitauo das Constituições capitulo 1. he
cheo de mysterios. Dizendo o Sacerdote. *Sursum corda* respõ-
de o pouo. *Habemus ad Dominum;* se mostra que só em Deos

q. 83. 3. P.

se ha de ter o pensamento, como diz são Thomaz. Tres repe-
tições de *Sanctus, sanctus, sanctus*, denota o numero das tres pes-
soas diuinas. *Deus Sabaoth*, a vniidade da essencia; o que a Igreja
tomou do Profeta Isayas capitulo sexto, & Apocalypse capitulo
quarto. He hũa continua preparação pera a consagração, &
sacrificio, que logo se segue; & leuanta o pensamento a Deos, &
cõpanhia de Anjos, & Serafims, pera effecto de se occuparem to-

Cap. inveni-
mus de cõs.
d. 7.

dos no louuor diuino. Pelagio Papa na epistola segunda, accreõta
ao Prefacio comum, nouas palavras, & louuõres em dez festas
do anno, Pascoa, Ascensão, Pentecostes, Natal, Epiphania, Apos-
tolos, Trindade, Cruz, Quaresma, Virgem nossa Senhora; ainda
que esta ultima se attribue a Vibano II.

Canon da Missa se chama assi, porq he regra certa, que se ha
de guardar sempre na acção deste mysterio. O mesmo he canõ,

que regra. Delle em particular fala o Concilio Tridentino na
fessão vinte & duas, capitulo quarto. He tudo o que se reza das
palavras. *Te igitur clementissime Pater*, até consumir o Sacer-
dote. Teue principio do Apostolo São Pedro, por discurso do
tempo se acrecentou, como oje vsamos: segundo santo Isidoro,
reseruando ao tempo, & tradição dos Apostolos, o que nelle se
refereda historia da paixão de Christo nosso Senhor, como são
as palavras. *Qui pridie, quam pateretur, &c.* Até as ultimas. *Hæc
quotiescumque feceritis in mei memoriam facietis.* Vindo ao par-
ticular a primeira parte do Canon he oração antes do primei-
ro memento, na qual se pede ao Padre eterno por Iesu Christo
seu filho fauor, & paz em geral pera toda a Igreja Catholica, em
particular pera o sumo Pôntice, & Bispo; em fim pera todos os
fiéis, q he petição mais particular, q a da Igreja vniuersal, pera
vnião da qual de algũ modo, pedimos cõuerção de infieis. Cha-
mase o pão, & vinho, *munera*, dadiuas, por serẽ dadas por Deos;
& por nõs outra vez offerecidas ao mesmo Deos. Sacrificio, por
q logo delles se ha de fazer o sacrificio. *Sancti*, por que hão de
ficar santificados: *illibata*, puros sem macula, por sua pureza; ou
illibata, porq naõ tem necessidade de tempera, & mistura, como
os sacrificios da ley velha, a que se ajuntauão os que chamauão
libames. Nada se pede por estes doẽs neste passo da Missa, pera
elles se pede a Deos os queira de tal modo abençoar, & accei-
tar, que fiquem aptos pera por elles se pedir o effeito do sacri-
ficio que delles se ha de fazer.

Segunda parte he memento dos viuos. *Memento Domine
famulorum, famularumq; tuorum*; em que o Sacerdote ora em
particular pelos q tem a sua conta; & continuando com as pala-
bras. *Et omnium circumstantiam, &c.* até. *Hanc igitur oblatione
seruitutis nostre*; pede bẽs spirituaes, & temporaes, emparo, &
socorro diuino por intercessão dos santos, pera os fiéis deuotos
que juntamente offercam; ou por quem o sacrificio se offerce.
A redenção das almas que juntamente se pede se ha de entẽder,
naõ quanto á sufficiencia, que ja por Christo està alcançada; mas
quanto á efficacia pera remissão da culpa, & pena, persequen-
ça nõ bem, sem nouo pegado, & alcance da gloria em que està o
extremo da redenção. Por vnos, quando o Sacerdote ajunta:
Tibi que reddunt vota sua; se entendem bõs desejos, affectos pios

devação, propósitos santos, & o mesmo sacrificio que recebemos de Deus, & a elle proprio tornamos a dar. *Communicantes*; participando no merecimento hús com outros, como membros unidos á mesma cabeça, que sois vós, o bom I. E. S. V. ou como vossos santos, que já estão no Ceo, por cuja intercessão pretendemos ser ouvidos, &c. E se entre elles se não houverão Confessores, senão somente Martyres, he por ventura, porque ainda se não celebrarão vidas de Confessores, quando o Canon nesta parte foy composto; como quer o Papa Innocencio. Ou pera se encarecer a dignidade, & excellencia do martyrio; em tempo do sacrificio; pois foy sacrificio; que os santos fizeram de suas vidas; derramando seu proprio sangue. A imitação da sacratissima paixão de Christo. Entra tambem, & primeira menção a Virgem. *MARIA* Nossa Senhora; atsi por sua singular dignidade; como por ser mais que martyr, & Raynha de martyres. Admittase, que não he necessario ho tempo do momento fazer menção vocalmente das pessoas que encomendamos, como fazemos dos santos; basta fazer se interiormente com entendimento, & memoria; como nota Gabriel test. vultu & sinco in Canonem; *sub assumptio sup. ego. O. alim. x. d. r. d. a. a.*

Terceira parte he oração. *Hanc igitur oblationem servitutis nostrae*; sed & cunctae familiae tuae quasumus Domini; ut placatus accipias, *desque nostrorum in tua pace disponas*; atque ab aeterna damnatione nos eripi; *Quia electionum tuarum in teas grege numerari*, *Per Christum Dominum nostrum*. Onde por oblação não se ha de entender sacrificio já feito, & offerecido, mas o que logo se ha de fazer, & offerecer; pelo qual pedimos a Deus, que applicado, & satisfeito; conceda o que pedimos. E com rezaõ se chama *Servitutis nostrae*; sacrificio de nossa servidão; por ser elle náo o que se deõ a Deus com servidão, & culto de latria, como ja se explicou em outro lugar. Não diz o Sacerdote *Servitutis meae*, porque pede, & offerece em nome de toda a Igreja. *in istis oblationibus servitutis nostrae* & c.

Quarta oração. *Quam oblationem tu Deus in omnibus quasumus benedictam, ascriptam, ratam, rationabilem, acceptabilemque facere digneris, ut nobis fiat corpus, & sanguis dilectissimi filii tui Domini nostri I. E. S. V. Christi*. He muy antiga na Igreja; & se acha quasi com as mesmas palavras em santo Ambrosio,

q. 83. ar. 4.

brofoliuro de Sacramentis capitulo quinto: Hase de referir
toda como diz Santo Thomas ao x.º da consagração; de mo-
do que se entenda, que só pedimos que de pão, & vinho se faça
corpo, & sangue de Christo nosso Senhor, pera que com esta
mudança, & transubstanciação esta diuina offerta de pão, &
vinho consagrado faça Deos. *Benedictam*. Bendita, pois, he a mayor, & melhor benção,
& santificação, que sobre ella pode vir, antes por esta mesma
causa lhe chamao os santos a propria benção.

Ascriptam. He o mesmo que selada, & firmada de Deos
com sua propria virtude, & nome diuino. Ou *Ascriptam*, con-
firmada, & ajustada como que della no testamento Nouo, &
velho esta escripto, & figurado. *Ascriptam*, posta em item, &
no principal das couzas, que a Deos agradao, & o aplaçaõ.
Ascriptam, idest, Incircumscriptam, como diz Turriano, que
he o mesmo, que pedimos a Deos o pão, & vinho limitado a
certa quantidade, a offerta finita se faça infinita, immensa, sem
limite, pella mudança, & transubstanciação no corpo, & sangue
de Deos immensa, infinito offesta maneira se acha esta pala-
ra em hua Missa Grega, que costumaua dizer o bemaventurado
do são Pedro.

Ratam. He o mesmo que *ueram*. Assim se pede fique a obla-
ção por verdadeira consagração valida, certa, efficaç, & firme
per a alcançar, & obrar com virtude propria, qual he a de Chris-
to debaixo das especies.

Acceptabilem. Bonesta palavra pede o Sacerdote a Deos
faça esta hostia, ou offerta racional, que concorrendo as pala-
tas da consagração, ja não seja puro vinho, & pão somente;
nem sangue de animaes irracionais, como na ley velha, mas o
mesmo Christo, que não somente he homem racional, mas a
propria Sabedoria, & rezaõ eterna.

Acceptabilem. Porque por virtude da mudança, & consa-
gração fica a offerta sumamente aceita a Deos, não ja por
quem a offerece, mas pella dignidade de Christo, que nella
se offerece, pera aplacar, & fazer propicio a seu eterno Pa-
dre.

Segundo sentido destas palavras, por respeito a nosso bem, &
aproveitamento espiritual, pode ser este. *Benedictam*, que nos
abran-

Da virtude do sacrificio, & oblação. 419

abranja desta offerta hũa grande benção. *Ascriptam*, por seu meyo sejam escritos nossos nomes no liuro da vida. *Ratam*, Fiquemos encorporados, & firmes nas entranhas de Christo. *Rationabilem*, Liures de brutalidade de pecados. *Acceptabilem*, aceitos diante dos olhos de Deos.

Quinta parte, começa das palauras. *Qui pridie quam pateretur*, até. *Hæc quotiescumque feceritis*, as quaes se achão em santo Ambrosio liuro quarto de Sacrament. capitulo quinto, & como escreuem graues autores, se começaram a vzar pelos Apostolos depois da Ascensão do Senhor, os quaes cõ sua authoridade acrescentaram algũas, q̃ não estão no Euangelho: como são. *Elenatis oculis in Cælum*, que leuãtou o Senhor os olhos ao Ceo. *Eterni testamenti, mysterium fidei*. Caliz de eterno testamento: mysterio da Fè, &c. As quaes todas o Papa Alexandre primeiro reduzio a certa forma, por não auer variedade, que por continuação do tempo se foy introduzindo.

Sexta parte do Canon começa. *Vnde, & memores Domine*, até o memento de defuntos. Repetese nesta oração oblação da mesma hostia com lououres acrescentados de pura, santa, immaculada, chama-se offerecida das dadiuas de Deos, por causa do pão, & vinho, que Deos nos dá, ou de Christo, que Deos nos deu por Redentor. Hostia sagrada pão santo de vida eterna, & Caliz da saude perpetua. Em memoria de cuja Paixão, Resurreição, & Ascensão se diz offerecerse o sacrificio, assi porque elle mesmo mandou se fizesse em sua memoria; como porque he hũa confissão destes mysterios, & intercessão perpetua da diuina misericórdia. Pedese mais a Deos, aceite o sacrificio, como aceitou o de Abel, Melchisedech, & Abraham; & o veja com olhos benignos, & afeiçoados, em quanto sahe de nós, que offerecemos, de modo, que nossa Fè & justiça tenha semelhança com a dos Patriarcas, que se nomeão, pois a offerta que damos leua infinita ventajem a que elles offereceram, que somente era sombra, & figura desta.

Ultima parte desta oração. *Supplices te rogamus Omnipotens Deus, iube hæc perferri per manus sancti Angeli tui, in sublimi altare tuum in conspectu diuina maiestatis tuae, &c.* Não pede a Deos mande leuar a sagrada hostia por mão de Anjos com mouimento local ao Ceo; mas que nosso sacrificio seja delles

apresentado diante de Deos, ajudado de maneira, que por elle alcancamos a graça, & benção diuina. E neste sentido se chama altar do Geo o trono da diuina Magestade, ou o mesmo Geo, no qual poem o Euangelista em seu Apocalypse, não só altar, mas Tabernaculo, & Templo. Outros por Anjo entendem o proprio Christo, que na Escriptura tem nome de Anjo do grande conselho, cuja intercessão, & fauor he o primeiro, & principal.

Setima parte. Memento de defuntos. *Qui nos precesserunt cum signo fidei, & dormiunt in somno pacis*; que vão diante com bandeira de Fè, & descansão em sono pacifico, porque somente se faz por justos, que estão em Purgatorio, cuja morte se chama sono; & por esta causa se pede lugar de refrigerio, luz, & paz; costumes, & cerimonia traduzida sem duuida do tempo dos Apostolos, como diz são Chrysostomo, & vzada antigamente com tanta solenidade, que por rol se lião em voz alta os nomes dos defuntos, como diz são Epiphaniô. Oje ficão a arbitrio do Sacerdote, & se nomeão em secreto, como dissemos dos viuos.

Met. 75.

Oitava, começa das palauras. *Tobis quoque peccatoribus*, em que outra vez se nomeão santos, & se pede sua intercessão. Do numero dos doze Apostolos, só Ioão se repete, pelo dom da pureza, de que foy dotado; ainda que outros querem seja neste lugar o Baustista. Nomease tambe primeyro S. Estenão, q são Mathias por ser primeiro martyr. E no primeiro lugar em que se nomeão os Apostolos, se deixa são Mathias, pera este, por entrar no Apostolado depois da Ascensão de Christo. Das mais palabras desta oração. A primeira, em q Deos se diz. *Non asinus meriti*, se entende da graça primeira, que elle dá sem merecimentos nossos, ainda que depois tenha respeito a merecimentos, pera dar a gloria. *Per quem hec omnia Domine semper una regas, &c.* Se a crecência pera authoridade, & Magestade de Christo, pelo qual Deos continuamente está criando o pão, & vinho, que são materia deste Sacramento, ou o mesmo Sacramento, no qual os santos dizem, que se cria o corpo de Christo. *Sanctificas*, se entende da consagração, por cuja virtude este manimento se faz santo, & sagrado. *Viuisficas*, viuo pela carne de Christo xipa, & viuisfica tua. *Benedicis*. Por que

Da virtude do sacrificio, & oblação. 420

que recebe benção, & efficacia para nos dar, bñs spirituaes, *Prostat nobis*. Por ser beneficio, que todo se emprega em nro so proueito corporal, & spiritual, como diz Hugo de Santo Victore.

L. de diuinis
off. cap. 36.

Do mesmo Christo se entendem as palavras seguintes, *Per ipsum, & cum ipso, & in ipso est tibi Deus Patri Omnipotenti in unitate Spiritus sancti Deus omnis honor, & gloria per omnia secula seculorum*. Sempre este amado filho esta *cum ipso, & in ipso*; com seu eterno Pay; & em seu eterno Pay, & assi com elle he glorificado como igual; & o padre he glorificado nelle, como em imagem sua substancial, & em quanto Deos homem por elle como medianoiro he Deos glorificado; o que se da a entender pella palavra. *Per ipsum*. Podemse tambem entender estos termos de Christo em quanto homem; de modo, que digamos. Todos vos glorificamos, & honramos Deos Padres Deos filho; & Deos Spirito santo; & sempre honraremos, *Per ipsum*, por Christo em quanto medianoiro. *In ipso*, nelle mesmo fundados, & firmes, como ramos em tronco; & assim sua vide. *Cum ipso*; com elle unidos como membros com sua cabeça. *Per omnia secula seculorum*. Pera todo sempre. Amen.

Nona parte. Oração do Pater noster, que são Jeronymo da a entender, ensinou Christo aos Discipulos, dissem sempre no tempo da consagração. E são Gregorio afirma que so com esta oração, sem outra cerimonia no principio da consagração; & na Igreja Grega, todo o povo a pronunciaua. Na Italia so o Sacerdote, como oje se costuma; & se alguns attribuem isto a são Gregorio, sera porque ordenada a Missa, mandou se diffundir neste lugar com muito fundamento: pois aqui começa a Sacerdote a proferir a oração, & poutpera receber o diuino Sacramento, que no Pater noster pedimos, com as palavras, *Pater noster qui es in celis, da nobis hodie*. Para de clarar tudo serve o preambolo da Igreja, *Præscriptis salutariis moniti, &c.* de que faz menção são Cypriano na exposição do Pater noster, donde se vê sua antiguidade. *Libera nos a malo*, dilata mais o Sacerdote, pedindo a Deos nas luctas de males passados, cominda pignora, & perdão, presentes, com auxilio, & socorro;

lib. 3. contra
Pelag.
Lib. 7. epist.
63.

scilicet

futuros; com cautela, & providencia: nem somente liure de males de culpa, mas de pena, temporaes, & spirituaes. Pera tudo se pede paz com intercessão de algus santos; & lançando de certo modo o Sacerdote ao pouo. *Pax Domini sit semper vobiscum.* Em quanto ajunta a particula da hostia com o sangue do Caliz, & diz. *Hac commissio, & consecratio, &c.* Não se ha de entender que com esta junta pede se faça consagração de nouo; mas que seja a ja feita aos que tomarem o Senhor fruito de vida eterna, ou tomandose a palaura (*Consecratio*) por final sagrado, significa nouo mysterio, com que as especies sacramentaes se ajuntão, pera significar a vnião do corpo, & alma de Christo, na Resurreição, depois da paixão, que até aly se representou.

Segue-se *Agnus Dei*, que ja em tempo de santo Agostinho se vzaua, como elle dá a entender, Homilia quarenta & sinco ad Corintheos 1. He cõfissão da real presença de Christo na hostia, ao qual oramos de nossos pecados, & baixeza; do poder, & misericordia de Deos, em fim adoração do proprio Christo. Remata o Sacerdote cõ tres orações, em que pede paz pera a Igreja; pera sy fruito digno do sacramento, que em fim toma cõ algúas orações breues, que não tem necessidade de noua declaração, & aqui se remata o Canon da Missa.

Acabado o Canon diz o Sacerdote o versiculo, que se chama *Communio*, ou *Communicanda*. Era costume antigo comungarê os fieis acabando o sacrificio, entretanto se cantava Antiphona com Psalmo. *Benedicam Dominum in omni tempore*, do qual o versiculo, *Gustate, & videte, quoniam suavis est Dominus.* Pertence á sagrada Comunhão, como notou Turriano. Por tempo se deixou o vzo do Psalmo; em seu lugar se diz o versiculo chamado *Communio*, por causa da comunhão; & ordinariamente he acomodado ao mysterio.

Sandado o pouo com as palauras. *Dominus vobiscum*, se dizê as orações que ordinariamente contem acção de graças pelo beneficio recebido, & ainda que seja hũa como nas Missas mais solênes, aqui com tudo fecha numero de tres, que he perfeito, & cheo de mysterios; porque se diz no principio, meyo, & fim. E neste sentido se ha de tomar o Concilio Laodicense; quando diz que em todas as Missas se dizem tres orações, não porque sejam tres

antiph. i. d. l. i.
gelo i.
Algo. i. d. l. i.
e. d.
Psalm. 33.

tres juntas, mas nos tres lugares da missa. Sandado outra vez o pouo com as palauras. *Ite missa est*, de que ja dissemos; em cujo lugar antigamente se dizia. *Ite in pace*; outras vezes se diz, *Benedicamus Domino*, aque o pouo responde, *Deo gratias*, pera que acção de graças tudo remate.

Virado o sacerdote pera o altar diz. *Placeat tibi sancta Trinitas obsequium seruitutis meae, &c.* em que pede a Deos aceite o sacrificio pera perdão de pecados nossos, & gloria sua; & dá a benção ao pouo á imitação de Christo, que fez o mesmo quando apartandose dos discipulos subio ao Ceo. Em fim remata có o Euangelho de S. Ioão. *In principio erat Verbum*, se não ocorrer outro por rezão do tempo, de que se não acha menção nos doutores, & santos antigos; & asy parece cerimonia introduzida de nouo; mas muito proueitosa, pois traz á memoria o beneficio da Encarnação em que o Filho de Deos deceo do seyo de seu Pay, & veyo á terra por amor de nós, concordando o principio de nossa redenção com o fim, que até ali se representou.

CAPITULO X.

Da perfeição, & efeitos do sacrificio da Missa.

DO que até aqui dissemos se deixa bem ver como o sacrificio da Eucharistia tem suprema dignidade entre os mais, ou ponhamos os olhos nas ceremonias exteriores, com que se celebra, ou nas virtudes, & mysterios, que nelle se encerrão. O que se offerece que he o mesmo Christo tem dignidade, & excellencia infinita; o modo com que se offerece he sobrenatural, diuino, facil, purissimo. A representação de mysterios da Encarnação, Nascimento, Payxão do Senhor, que não sò representado, mas realmente está presente; o que grandemente redundam em louuor da sabedoria, & virtude diuina; & da gratidão, & religião com que professamos seu supremo dominio em toda a criatura, pois com hum aceno em hum momento as pode mudar, como aqui muda a significação, & pronunciação de hũa palaura. Aqui em fim se achão cifradas todas as virtudes, que por outros sacrificios da ley velha se achauão diuididas. He ho-
locausto,

locustio, que todo se consume em louvor, & honra de Deos. He sacrificio de acção de graças que merece melhor nome de honrario, que o antigo, como diz o Concilio Trident. sess. 22. cap. 2. *Unde Deo* (diz S. Agost.) *maiores gratia sunt agenda, quam per Christum Dominum nostrum, quod faciunt fideles in Ecclesia sacrificio.* O principal beneficio porque se ha de louvar a Deos neste altissimo sacrificio, he o que nelle mesmo recebemos. He propiciatorio pois se offerece pera aplacar a Deos por pecadores. He impetratorio, & aptissimo, pera se alcançar por elle tudo o que desejamos, pois representa a payxão de Christo, por cujo meyo tudo Deos nos concede; assi no Ceo, onde o mesmo a representa por sy, como neste sacrificio onde o faz por seus ministros. Donde teue rezão o Concilio Trid. de chamar a este sacrificio recopilção, & cifra dos sacrificios da ley da natureza, & escrita, & tesouro de todos os bês que nelles se representa-
uão.

Acrescentase a tudo ser este mysterio da Eucharistia juntamente sacramento, & sacrificio: porque a propria acção com que se faz o diuino sacramento, se faz o sacrificio; & o termo que desta acção redundante juntamente he sacramento permanente, & a victima sacrificada. No mesmo instante em que se acabou de pronunciar as palauras da consagração se remata o sacrificio, & se cria o diuino Sacramento; mas de modo, que consagrado sò o pão ja ha verdadeiro sacramento, não assisacrificio, que pede consagração de ambas as especies de pão, & vinho, como se vê do que a cima dissemos, que pede representação de corpo morto, & sangue derramado.

Quanto á efficacia, & effectos deste diuino sacrificio seja a primeira verdade, que tem valor, & força pera causar algum effecto certo, infalivel, independente de graça, & merecimentos do sacerdote, que offerece, nas almas dos fideis, que não resistem da sua parte com impedimento contrario. Este genero de effecto chamão os Theologos *ex opere operato.* Assi o sente communmente a Igreja Catholica, que de tal modo criou Christe nosso Senhor este sacrificio da missa, que de sy tivesse força para applicar algum fruto de sua sagratissima payxão. Assi diz o Concilio Tridentino, & se deixa bem ver da differença, & antiguidade que tem aos sacrificios da ley velha, cujos effectos depen-

sess. 22. c. 1.

sess. 22. c. 7.

dependião da deuação, & impetração dos ministros que offercião. Se todos os sacramentos tem seus effectos ex opere operato, também os terá este diuino sacrificio, que não he menos perfeito em seu genero que os sacramentos, antes anda sempre junto com o principal, & mayor sacramento. Doutra maneira seremos forçados dizer que não monta mais applicar por outrem este sacrificio, que qualquer outra obra satisfactoria, & meritoria, que he contra o comum sentir da Igreja.

Segunda verdade. Alem do effecto ex opere operato que diffemos, tem este sacrificio especial efficacia, & força dada por Christo pera alcançar outros effectos pellos quaes se offerce. Isto prova o yso da Igreja com que os ministros da missa orão por vivos, & defuntos; paz da Igreja, & necessidades comuns. Cossa certa he como diffemos, tratando da petição, que a ella pertence propriamente impetrar, ou alcançar de Deos o que pretendemos; & às mais obras pertence em quanto se ajuntão à petição com animo, & deuação de inclinar a Deos a conceder o que pedimos, & desejamos. Sendo pois este diuino sacrificio obra sumamente agradavel, & honroza a Deos se a acompanharmos de nossos desejos, & petições, quem duvida terá toda a força pera alcançar

Esta he sem duvida sua efficacia, seu valor, & preço por indigno que seja o ministro, que offerce, & pede, pois tudo se funda na pessoa de Christo, em cujo nome se offerce, & que o instituiu, & inuentou como remédio aptissimo pera esforçar nossas petições, levantar nossos desejos, & alcançar o que pretendemos por virtude de sua sacratissima payxão, que sempre representa.

E ainda que o ministro da Missa possa merecer, satisfazer, & impetrar por ella como pessoa particular se obtiver em graça, & offercer com devida atenção, concorrendo as mais circunstancias, como por quaequer outras boas obras, que Theologos chamão ex opere operantis, a impetração com tudo de bõs effectos de que aqui falamos he d'outra qualidade, tem outra força, pois não depende da bondade do ministro, que offerce, & pede; por indigno que seja, & alheio da graça diuina, nada deroga o seu mau estado, seus peccados a impetração que dizemos, nem